

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
CAMPUS DE MARÍLIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS**

**Emerson Correia da Silva**

**A CONFIGURAÇÃO DO *HABITUS PROFESSORAL* PARA O ALUNO-MESTRE:  
A ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA DE SÃO CARLOS (1911-1923)**

**MARÍLIA-SP**

**2009**

**Emerson Correia da Silva**

**A CONFIGURAÇÃO DO *HABITUS PROFESSORAL* PARA O ALUNO-MESTRE:  
A ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA DE SÃO CARLOS (1911-1923)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, campus de Marília, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.  
Orientadora: Dra. Ana Clara Bortoleto Nery.

**MARÍLIA-SP**

**2009**

**Emerson Correia da Silva**

**A CONFIGURAÇÃO DO *HABITUS PROFESSORAL* PARA O ALUNO-MESTRE:  
A ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA DE SÃO CARLOS (1911-1923)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, campus de Marília como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Dra. Ana Clara Bortoleto Nery**

---

**Dra. Maria Rita de Almeida Toledo**

---

**Dr. Dagoberto Buim Arena**

**MARÍLIA-SP**

**2009**

Para Ana Paula, companheira.

## **Agradecimentos**

À Universidade Estadual Paulista e à FAPESP, pela bolsa, meus sinceros agradecimentos. Sem estas duas instituições este trabalho não se realizaria. Da mesma forma agradeço à professora Ana Clara Bortoleto Nery, pelas orientações e amizade, à qual devo grande parte de minha formação acadêmica e profissional.

Agradecemos também aos professores Dagoberto Buim Arena e Maria Rita de Almeida Toledo, por suas inestimáveis contribuições nas bancas de qualificação e defesa.

Aos professores e alunos do PPGE da FFC/Marília.

Aos companheiros do GEPAEFE, em especial ao Veloso, Leila e Jaqueline.

À Biblioteca da FFC, em especial à dona Ilma.

Aos funcionários da Biblioteca Municipal de Lins.

Aos funcionários da EE Álvaro Guião de São Carlos/SP.

A todos amigos que apoiaram o desenvolvimento deste trabalho, em especial, André, Giselle, Denise, Ana Paula e a todos que porventura não citei, mas que, de alguma forma, inspiraram este trabalho.

## Resumo

Com a presente dissertação de mestrado, objetivamos compreender os aspectos da constituição do *campo* educacional paulista entre os anos de 1911 e 1923, com especial atenção para a cidade de São Carlos/SP e a escola normal lá instalada. Delimitando este em objetivos específicos, a proposta é de desvelar como se deu a configuração do *habitus professoral* para o aluno-mestre e compreender a importância da criação e manutenção das revistas *Excelsior!* e *Revista da Escola Normal de São Carlos* para o campo educacional. Considerando que a criação e a manutenção de revistas pedagógicas manifestam-se como uma forma específica do processo de organização do campo educacional, buscamos desvelar como se deu a configuração do *habitus professoral* para o aluno-mestre, tendo como eixo metodológico as contribuições de Pierre Bourdieu, principalmente nos conceitos de *habitus* e *campo* e Roger Chartier no que diz respeito aos aspectos historiográficos e materiais dos periódicos em estudo. Como resultado observamos a constituição de um *habitus professoral* específico, centrado na difusão de uma imagem do professor republicano, progressista e liberal.

Palavras-chave: História da educação; formação de professores; escola normal; campo educacional; *habitus*.

## Abstract

With this master's dissertation, we objectified to comprehend the aspects of the constitution of the educational *field* in the state of São Paulo between the years of 1911 and 1923, with special attention to the city of São Carlos/SP and the normal school installed there. Limiting this to specific objectives, the proposal is to reveal how the configuration of the *teaching habitus* to the master-student was created and understand the importance of the creation and maintenance of the periodics *Excelsior!* and *Revista da Escola Normal de São Carlos* for the educational field. Considering that the creation and maintenance of pedagogical periodics manifest themselves as a specific form of the organizational process of the educational field, we seek to reveal how the configuration of the *teaching habitus* to the master-student was created, having as a methodological axle the contributions of Pierre Bourdieu, specially on the concepts of *habitus* and *field*, and Roger Chartier when it comes to the historiographical and material aspects of the periodicals that are being studied. As a result, we observe the constitution of a specific *teaching habitus*, centered on the diffusion of an image of a liberal, progressive and republican teacher.

Key-words: History of education, teacher's formation normal school, educational field, *habitus*.

## Lista de ilustrações

<b>Ilustração 1:</b> Escola Normal de São Carlos na rua José Bonifácio, onde ficou instalada de 1911 a 1916.....	44
<b>Ilustração 2:</b> Prédio da Escola Normal Secundária de São Carlos na rua São Carlos, inaugurado em agosto de 1916.....	45
<b>Ilustração 3:</b> capa da primeira edição de <i>Excelsior!</i> .....	54
<b>Ilustração 4:</b> diretoria do Grêmio Normalista “Vinte e Dois de Março”.....	68
<b>Ilustração 5:</b> gravura feita pelo professor de caligrafia e desenho Raphael Falco, sobre a balada <i>Excelsior!</i> de Longfellow.....	69
<b>Ilustração 6:</b> capa da primeira edição da <i>Revista da Escola Normal de São Carlos</i> .....	87



## Lista de quadros

Quadro 1 – Aspectos gráficos – revista <i>Excelsior!</i> .....	56
--	----

## **Lista de siglas**

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

GEPAEFE – Grupo de Estudos e Pesquisa em Administração da Educação e Formação de Educadores

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

UNESP/FFC – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”/ Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília/SP

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	11
As revistas <i>Excelsior!</i> e <i>Revista da Escola Normal de São Carlos</i> , primeiras impressões.....	16
Metodologia.....	20
<b>Capítulo 1</b> .....	26
1.1 O modelo paulista de formação de professores.....	26
1.2 A criação da Escola Normal Secundária de São Carlos.....	38
<b>Capítulo 2</b> .....	47
2.1 O início da configuração do <i>habitus</i> professoral para o <i>aluno-mestre</i> : o <i>Grêmio Normalista “Vinte e Dois de Março”</i> e a revista <i>Excelsior!</i> .....	47
2.2 Sob a tutela de Rodrigues: reprodução do modelo da Escola Normal da Capital.....	57
2.3 João de Toledo tutelando a circulação de modelos: a segunda fase de <i>Excelsior!</i> .....	71
<b>Capítulo 3</b> .....	85
3.1 Professores como produtores de modelos: a <i>Revista da Escola Normal de São Carlos</i> .....	85
3.2 Professores como produtores de modelos: Carlos da Silveira e João de Toledo.....	90
3.3 O futuro explicando o passado: os métodos.....	98
3.4 Biografias.....	102
3.5 Nacionalismo.....	107
<b>Considerações finais</b> .....	113
<b>Referências</b> .....	115
<b>Fontes</b> .....	123

## Introdução

A presente dissertação de mestrado tem por objetivo discutir e analisar aspectos da constituição do campo educacional no estado de São Paulo entre os anos de 1911 e 1923. Tais aspectos são verificados a partir de dois periódicos produzidos e publicados na Escola Normal Secundária de São Carlos<sup>1</sup>: a revista *Excelsior!*, publicada por uma associação discente, o Grêmio Normalista “Vinte e Dois de Março”, e a *Revista da Escola Normal de São Carlos*, publicação oficial dos professores daquela escola. Ambos circularam pela referida escola e demais escolas normais do estado de São Paulo em períodos subsequentes; *Excelsior!* teve sua publicação iniciada em 1911 – data da instalação da escola na cidade de São Carlos/SP – perdurando até 1916, ano da criação da *Revista da Escola Normal de São Carlos* que teve seu último número publicado em 1923.

Nessa pesquisa os periódicos são tomados como fonte privilegiada<sup>2</sup>, considerando que a criação e a manutenção de periódicos educacionais manifestam-se como uma forma específica do processo de organização do campo educacional (CATANI, 2003). Questionamos tal movimento do campo educacional – a criação e manutenção de periódicos educacionais – como um movimento deliberado para a configuração de um *habitus* específico, neste caso um *habitus* professoral para o aluno-mestre.

É bom ressaltar que entendemos por *campo* e *habitus*, utilizando a definição de Bourdieu. Primeiramente tomamos *campo*, como o espaço que

[...] se define entre outras coisas através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos e que não são percebidos por quem não foi formado para entrar nesse campo. Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem o conhecimento e reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc. (BOURDIEU, 1993, p. 89).

---

<sup>1</sup> Essa denominação é decorrente do decreto 2.025, de 29 de março de 1911, que converte as Escolas Complementares do estado em Escolas Normais Primárias e os demais decretos que criam as Escolas Normais Secundárias e regulamentam as Escolas Anexas às Escolas Normais, a Reforma Sampaio Dória, lei n. 1750, de 8/12/1920), alterou-a para Escola Normal de São Carlos.

<sup>2</sup> Para a redação do texto preservamos as citações com a grafia original dos documentos, respeitando as fontes utilizadas.

Para captar esse espaço de relações, questionamos os objetos em disputa no *campo* e o espaço que os agentes ocupam, para compreender como o campo educacional organiza-se e as formas de se relacionar dentro dele. Nessa pesquisa tomamos como foco o campo educacional paulista a partir da Escola Normal Secundária de São Carlos e um dos objetos mais caros para tal *campo*: a formação de professores. Neste âmbito a conformação do *campo*, a luta pela detenção da orientação da formação de professores, passava pela produção de periódicos educacionais, veículos de propaganda e educação, portadores de um *habitus* orientado, no caso de nossa pesquisa, principalmente para o alunado.

Os agentes mapeados nesse campo são principalmente os professores, alunos, diretores e funcionários da escola, além de políticos ligados à instrução pública no período. Norteada pelos periódicos, a pesquisa nos leva a privilegiar alguns agentes por sua posição hierárquica e capital distintivos no *campo* e por suas ações de impacto. São eles: o diretor da Escola Normal Secundária de São Carlos e posteriormente Diretor Geral da Instrução Pública João Chrysostomo; os professores da mesma escola João Lourenço Rodrigues (ex-Inspetor Geral da Instrução Pública), João de Toledo e Carlos da Silveira. Esses professores, cada qual a seu modo, levam a frente a missão da conformação do *habitus* professoral, seja pela veiculação da idéia que possuíam um modo de vida exemplar, espiritual, cívica, social e moralmente, seja pela maneira de ensinar, ou ainda pelos textos publicados.

Para este trabalho, tomamos *habitus*, também a partir da conceituação de Bourdieu,

O *habitus* são sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente 'reguladas' e 'regulares' sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (BOURDIEU, 1983, p. 60).

Assim, para nossa pesquisa, consideramos a constituição do *habitus* ao longo da vida do aluno, pois suas características dependem daquilo que viram, ouviram, praticaram a partir de representações que construíram sobre as coisas, como uma

síntese dos modos pelos quais apreciam o mundo e nele agiam objetivamente, fazendo classificações e escolhas. Recortando a partir dos periódicos um meio para chegarmos à suas práticas escolares, procuramos compreender os materiais mentais que o campo educacional paulista oferecia aos seus futuros professores, para chegarmos à resposta mental e objetiva das ações que configuraram aquele cotidiano, mais especificamente, à formação de uma cultura sobre os modos dos professores efetivarem seu trabalho, manifestado por intermédio de um *habitus* professoral.

Para a realização desta pesquisa, partimos dos resultados alcançados no projeto *Escritos de Alunos: a revista Excelsior! (1911-1939)*, realizado entre 2005 e 2006 sob a orientação da Dra. Ana Clara B. Nery, na UNESP/FFC, com bolsa de iniciação científica concedida pela FAPESP.

Durante a realização da pesquisa restabelecemos o ciclo de vida da revista, com breve descrição do conteúdo dos oito números publicados entre os anos de 1911 a 1939<sup>3</sup>; realizamos ainda uma descrição preliminar de aspectos de sua materialidade e a elaboração de um banco de dados, na plataforma Access. Desse projeto, elaboramos o trabalho de conclusão de curso, apresentado no final do ano de 2006, sob o título *O professor ideal na Escola Normal de São Carlos: a revista Excelsior! (1911-1916)*, publicado pela editora Rima em 2007, no qual enfocamos a organização do periódico surgido em 15 de novembro de 1911 – ano da inauguração da Escola Normal Secundária de São Carlos – a primeira revista publicada pela escola, antes mesmo da *Revista da Escola Normal de São Carlos (1916-1923)*.

Muitas das questões que permeiam o presente texto, assim como os trabalhos realizados anteriormente, são frutos dos estudos e discussões ocorridas em torno do GEPAEFE, linha *Formação de Educadores: memórias e perspectivas*, vinculada ao projeto integrado *Biblioteca histórica da Escola Normal de Piracicaba: cultura pedagógica e circulação de impressos*, sob a coordenação da Dra. Ana Clara B. Nery. Da mesma forma contribuíram as aulas nas disciplinas *História da Profissão Docente no Brasil: um campo de reflexão* e *História da Escola no Brasil*, ambas

---

<sup>3</sup> Foram encontrados ao todo nove números da revista *Excelsior!* e uma edição em formato de jornal com o mesmo título *Excelsior*, grafado sem ponto de exclamação. São sete números concentrados entre os anos de 1911 a 1916, publicados pelo Grêmio Normalista “Vinte e dois de Março”, um número publicado em 1939 pelo Centro Estudantino Sancarlense mesma entidade responsável pela publicação de *Excelsior* em jornal nos anos de 1940. O último número é uma reedição, fac-similar, publicada no ano de 1980 por ex-alunos da Escola Normal de São Carlos.

ministradas pela orientadora deste trabalho; *Leitura e leitores: conceitos e práticas*, ministrada pelo Dr. Dagoberto B. Arena; *Práticas de leitura e representações sociais* ministrada pela Profa. Dra. Raquel L. Lazzari; e a disciplina *Organização e administração da educação no Brasil* ministrada pelo Prof. Dr. Paschoal Quaglio no PPGE da UNESP/FFC.

Feitas essas considerações preliminares, analisamos os sete números publicados entre os anos de 1911 a 1916 – período em que *Excelsior!* foi publicada pelo Grêmio Normalista “Vinte e dois de Março” – coadunado aos 13 números da *Revista da Escola Normal de São Carlos*, publicados entre 1916 a 1923, em um recorte mais específico, centrado nos artigos elaborados e difundidos pelos periódicos que provavelmente visavam “[...] o estabelecimento de formas legítimas de tratamento para as questões de âmbito educativo e mecanismos para manter o campo delimitado e em atividade” (CATANI, 2003). Dessa forma, são enfocados os dispositivos de conteúdo, mais especificamente os discursos prescritivos e as formas de controle sobre a leitura/escrita tentando não reduzir o impresso ao texto ou ao discurso, mas abranger o exame dos dispositivos tipográficos, como estratégias de conformação dos leitores e suas leituras (CHARTIER, 1990).

O recorte temporal (1911-1923) foi escolhido devido à data de instalação da Escola Normal Secundária de São Carlos, do Grêmio Normalista “Vinte e dois de Março” e criação da revista *Excelsior!*, todos no ano de 1911. Para fins de delimitação sugerimos como data limite o ano de 1923, por compreender o período de todo o ciclo de *Excelsior!* (1911-1916) e *Revista da Escola Normal de São Carlos* (1916-1923). É interessante destacar que esse ainda perpassa as discussões sobre a Reforma Sampaio Dória (Lei n. 1750, de 8/12/1920) e seus reflexos.

Da Reforma Caetano de Campos (1892) à de Sampaio Dória (1920) o campo educacional em São Paulo dá sinais de progressiva estruturação, no que diz respeito ao incremento do debate e às tentativas de propor a organização dos serviços de ensino (CATANI, 2003, p. 97). Ao estender o período até o fim do ano de 1923<sup>4</sup>, chega-se a informações novas, com novos agentes atuando na Escola Normal Secundária de São Carlos, tanto alunos e alunas como professores, intelectuais e políticos. Fatos e movimentos vão surgindo, dando uma noção mais clara de como o campo educacional foi estruturando-se. Nessa maneira de olhar, as

---

<sup>4</sup> A delimitação proposta não será seguida de forma estanque, pequenos desvios ultrapassando o ano de 1923 serão realizados para a compreensão do período delimitado.

alunas e alunos são peças-chave, porque, no *campo*, representam o seu futuro e sobrevivência, além de potenciais propagadores de idéias nos mais diversos espaços do estado de São Paulo e Brasil.

Os dois periódicos educacionais citados foram tratados sob o mesmo rigor, com o estudo de seu ciclo de vida e materialidade<sup>5</sup> com enfoque na configuração do *habitus* professoral e formas de tratamento entre os diferentes agentes do campo educacional, na sua produção e organização, tendo por base teórica as contribuições de Bourdieu, principalmente os conceitos de *habitus* e *campo*, e Chartier no que tange ao estudo dos aspectos historiográficos e materiais dos periódicos em estudo.

Embora tais periódicos sejam fontes riquíssimas, essas não foram as únicas a trazer subsídios para a pesquisa. O estudo de outras fontes, documentos da escrituração escolar da Escola Normal Secundária de São Carlos, o Livro de Empréstimo da Biblioteca e o Livro de Contratação de Funcionários, e demais fontes bibliográficas, incluindo trabalhos acadêmicos e literários sobre a Escola, foram fundamentais no processo de construção desse texto. A conjugação de fontes permitiu confirmar indícios, além de trazer novas pistas, levando a outras fontes, possibilitando maior credibilidade dos periódicos como fonte historiográfica. É bom ressaltar que o presente estudo busca situar-se em relação às contribuições da historiografia contemporânea que apontam elementos conjunturais relacionados aos problemas enfrentados pelo Brasil republicano em seus primeiros anos, principalmente aos ligados ao fim da escravidão e incentivo ao imigrantismo (que já se tornava questão problemática), à produção do café em expansão, à busca de uma identidade nacional e às reformas educacionais (CARVALHO, 1989).

O objetivo geral desta pesquisa é compreender os aspectos da constituição do *campo* educacional paulista entre os anos de 1911 e 1923, com especial atenção para a cidade de São Carlos e a escola normal lá instalada. Delimitando este em objetivos específicos, a proposta é de desvelar como se deu a configuração do *habitus professoral* para o aluno-mestre; compreender a importância da criação e manutenção das revistas *Excelsior!* e *Revista da Escola Normal de São Carlos* para o campo educacional.

---

<sup>5</sup> Nesse aspecto trata-se do estudo dos dispositivos tipográficos e textuais, quais sejam, seu formato, diagramação, seus “protocolos de leitura”, decisões sobre conteúdos a serem veiculados e demais opções editoriais realizadas com vistas à produção de sentidos (CHARTIER, 1990).



## **As revistas *Excelsior!* e *Revista da Escola Normal de São Carlos*, primeiras impressões**

*Excelsior!* foi uma revista literária e pedagógica criada com o objetivo declarado de estreitar o vínculo dos alunos com a sociedade. Em suas páginas foram publicados artigos tratando de assuntos educacionais, incluindo as tendências pedagógicas do momento, exercícios realizados nas aulas, além de textos literários. Tais artigos eram resultado de conferências<sup>6</sup> promovidas pela Escola Normal Secundária de São Carlos e entidades da sociedade local, além de encomendas feitas por professores e alunos. Também foram publicadas reproduções de artigos de escritores como Machado de Assis (1839-1908), Alúcio de Azevedo (1857-1913), Euclides da Cunha (1866 - 1909) e Rui Barbosa (1849-1923), notícias de interesse geral e poemas de alunos. Entre os autores, além de alunos e alunas, encontra-se a presença de professores, diretores, secretários da escola, homens de influência da sociedade local e também administradores da educação.

O título *Excelsior!*, escolhido em votação, merece destaque. Foi inspirado pela balada *The banner*, composta por Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882). A balada narra a lenda de um jovem montanhista que, à revelia de todas as previsões de perigo e dificuldades, desafia a própria morte ao escalar as montanhas da Suíça. Embora o rapaz tenha morrido, sua divisa permaneceu e seus ideais foram mantidos, *EXCELSIOR! MAIS ALTO!*

Os alunos comentam a balada demonstrando suas inspirações: “o mancebo da ballada traz nas mãos uma bandeira: a bandeira é um simbolo, é a forma tangível de um ideal” (CAMARGO & SANTOS, 1911, p. 6). Parece esse o sentido idealista e aventureiro que pretendiam imprimir em sua revista, o que, a princípio, difere dos ideais da direção da escola, empenhada em imprimir nos alunos o sentido de comportamento exemplar, civismo e responsabilidade para com a família e sociedade são-carlense.

---

<sup>6</sup> Eventos como conferências pedagógicas, cerimônias de formaturas e visitas de representantes do Estado eram parte do cotidiano da Escola Normal Secundária de São Carlos.

A atuação dos professores e diretores pôde ser verificada sob dois aspectos: nas suas produções – sempre publicadas com destaque – e nas produções dos alunos, por meio de comentários e referências. Professores e diretores da Escola Normal Secundária de São Carlos mantinham como foco a vida de personalidades, que pudessem servir de exemplo de conduta aos alunos, e as obrigações para com a pátria. Esse tipo de ação realizada no periódico está de acordo com o que Bourdieu chamou de *hagiografia do campo* (BOURDIEU, 1993, p. 122-155), com a publicação de exemplos a serem seguidos e a exaltação de qualidades morais e profissionais. Ressaltando a vida dos benfeitores da educação e do país, criavam uma base comum de valores a serem cultuados. Assim, o campo se fundamentava e reforçava os sentimentos de pertencimento (VICENTINI, 1997).

Outros fatores verificados em *Excelsior!*, além da participação na orientação e conteúdo do periódico, demonstram a diretoria da escola promovendo seus ideais por meio de ações mais incisivas como a criação do grêmio normalista e da própria revista *Excelsior!*. O Grêmio Normalista “Vinte e dois de Março”, ao contrário do que se possa pensar, não surge da iniciativa dos alunos, mas do diretor da escola, João Chrysostomo Bueno dos Reis Filho.

De acordo com a *Acta da fundação do ‘Grêmio Normalista 22 de Março’ e da eleição da diretoria provisória*, redigida pelos alunos Luiz de Arruda Camargo e Architiclino dos Santos<sup>7</sup>, por determinação do diretor da escola, no dia 27 de março de 1911, os alunos reuniram-se com a finalidade da fundação de um grêmio literário e pedagógico, a fim de “[...] exercitar-se na arte da palavra elaborando trabalhos litterarios e pedagógicos e estreitar nos alumnos o vinculo de solidariedade” e participação na sociedade (CAMARGO & SANTOS, 1911, p. 6).

Como demonstrativo das presenças políticas e institucionais externas à organização do grêmio dos alunos, observa-se até mesmo a Diretoria Geral da Instrução Pública participando de forma indireta das decisões do grêmio, por meio do financiamento dos primeiros números da revista e no comentário do próprio diretor da escola. Após a aprovação em votação da criação do grêmio: “Sua Exa. [o diretor] a dirigir-se aos sócios, externando-lhes o contentamento que lhe ia n'alma por ter conseguido satisfazer um desejo do Dr. Inspetor Geral do Ensino, desejo que também era seu” (CAMARGO & SANTOS, 1911, p. 6)..

---

<sup>7</sup> Respectivamente presidente e secretário interinos do grêmio normalista, eleitos após a reunião.

São ações que já no primeiro número de *Excelsior!* começam a revelar o Grêmio Normalista “Vinte e Dois de Março” uma entidade tutelada pela direção da escola, não autônoma em relação a suas próprias decisões, ainda que o grêmio normalista, assim como sua revista, tivesse por pressuposto a promoção da república escolar<sup>8</sup> e do *self-government*.

Assim, notamos a atuação dos professores e diretores da Escola Normal Secundária de São Carlos tanto na escrita e divulgação dos seus ideais, como no controle e manutenção de suas vontades na organização da revista, principalmente pela ação de um professor responsável pela correção e seleção dos textos a serem publicados, demonstrando um interesse em produzir um tipo de leitura autorizada. Durante o trabalho realizado na pesquisa de iniciação científica, verificamos nos demais números publicados o mesmo tipo de posicionamento por parte dos professores e diretoria da escola, causando uma dependência estrutural da revista a ponto de os alunos, ao cessar o financiamento da Inspeção Geral da Instrução Pública, recorrerem a ajuda financeira dos professores.

Tais observações nos levam a questionar os aspectos de funcionamento da revista, aspectos específicos e internos ao próprio periódico e sua produção,

[...] a partir do qual é possível reconstruir, num momento dado, estágios de funcionamento e estruturação do campo educacional, movimentos de grupos de professores, disputas e atuações. Dito de outro modo, é possível partir do estudo de determinados periódicos educacionais e tomá-los como núcleos informativos, enquanto suas características explicitam modos de construir e divulgar o discurso legítimo sobre as questões de ensino e o conjunto de prescrições ou recomendações **sobre formas ideais de realizar o trabalho docente** (CATANI e SOUSA, 2001, p. 242, grifo das autoras).

Questionamentos sobre a ação de professores, diretores, alunas e alunos da escola são ponto de partida para compreender de que maneira a revista *Excelsior!* foi organizada e quais os seus objetivos implícitos, que provavelmente transcendiam os ideais anunciados. Uma hipótese mais provável, baseada em estudos feitos por Carvalho, leva a compreensão do periódico em um duplo sentido “[...] como dispositivo de normatização pedagógica, mas também como suporte material das

---

<sup>8</sup> Sua organização estatutária foi elaborada ao modo do Grêmio Normalista da Escola Normal da Capital com presidentes e vices, secretários e demais cargos, eletivos entre os agremiados, alunos e ex-alunos da Escola Normal Secundária de São Carlos.

práticas escolares” (CARVALHO, 1998, p. 34). Nestes pontos a *Revista da Escola Normal de São Carlos*, que aparece pela primeira vez pouco mais de dois meses depois da publicação do último número da revista *Excelsior!*, apresenta-se como interessante instrumento exemplificando e explicando a ação dos professores no período em que atuaram em *Excelsior!*

A *Revista da Escola Normal de São Carlos* surge de outra maneira. Primeiramente não se trata de um periódico que tenta explicar-se como é o caso de *Excelsior!*, que publica até mesmo a primeira ata da reunião com o intuito de informar ao seu leitor seus interesses e objetivos. A revista dos professores é mais comedida editorialmente, nem mesmo exprime quem são os professores participantes da comissão editorial responsável pelo periódico. Traz apenas um pequeno expediente referindo-se a periodicidade de duas edições anuais, o fato de ser publicação gratuita e o respeito à grafia dos colaboradores, responsáveis pelas ideias que emitiam. O periódico foi um projeto desenvolvido pelos professores da Escola e era subvencionada pela Câmara Municipal de São Carlos (OZELIN, 2006).

No editorial de apresentação da revista, assinado por A Comissão<sup>9</sup> fica exposto que o desejo dos professores fundarem uma revista era presente há mais de três anos, uma revista que “[...] fosse um repositório das lucubrações a que, por dever de ofício, se entregam os membros, do corpo docente do mesmo estabelecimento” (A COMISSÃO, 1916, p. 1). Considerava que essas lucubrações, resultavam em muitos trabalhos pedagógicos e científicos que deixavam de ser divulgados e “[...] conseqüentemente, submetidos á apreciação dos competentes” (A COMISSÃO, 1916, p. 1). Dessa forma, consideravam ser

[...] sensível, pois a falta de uma publicação que servisse por fonte informativa, relativamente á orientação do ensino em tal instituto pedagogico, bem como para mais tarde lembrar os dias alegres passados na labuta de formação dos futuros mestres que, em São Carlos, recebem investimentos para a tarefa pesadissima do magisterio primario (A COMISSÃO, 1916, p. 1).

---

<sup>9</sup> Não há explicitação de quais docentes participam efetivamente da comissão editorial.

## Metodologia

A partir das revistas compreendemos as estratégias que visam a públicos leitores característicos ou, ainda, a constituição de públicos leitores pelas especificidades que compõem cada publicação (TOLEDO, 2001). Assim, buscamos estudar as relações circunscritas aos alunos e seus interlocutores, evidenciadas nos artigos argumentativos, de aconselhamento, nos de caráter moral, conduta e civismo, indicadores das boas práticas do professor, assim como outras dependências que vão surgindo na revista, evidenciando aspectos que possibilitem compreender as motivações que determinam a produção da revista *Excelsior!* e *Revista da Escola Normal de São Carlos*.

O estudo do ciclo de vida dos periódicos foi feito com o intuito de expor a trajetória editorial do periódico, por meio do levantamento de informações como sua “duração, periodicidade, agentes responsáveis, colaboradores, recorrências e predominâncias temáticas etc.” (CATANI & SOUSA, 2001, p. 244); tais informações são úteis para a compreensão da revista, da sua organização e demais especificidades de sua produção. O estudo de sua materialidade completa as informações sobre a trajetória editorial da revista, buscando as marcas deixadas, com especial atenção para os aspectos de sua produção, circulação e editoração, com destaque para as estratégias de conformação dos leitores e das leituras (CATANI & SOUSA, 2001), ou seja, aqueles mecanismos editoriais utilizados com intuito de produção de sentidos como, por exemplo, formato, diagramação além de seus conteúdos.

Para a consecução do trabalho tomamos como fundamentais as contribuições de Bourdieu e Chartier, como as noções de *campo*, *habitus* e a posição frente ao suporte material – as revistas – e sua produção. Os estudos de Catani e Carvalho, além de outros pesquisadores, contribuem de forma a aproximar as pesquisas dos autores citados acima às questões referentes aos periódicos educacionais e seus usos na historiografia brasileira de educação.

Chartier (1990, p. 16) afirma que a história cultural “[...] tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. De acordo com tal posição, questionamos aspectos da construção da realidade social e pensamento

existentes no estado de São Paulo e na cidade de São Carlos nos anos de 1911 a 1923, principalmente como aquela realidade – particularizada nas relações impressas nas páginas de *Excelsior!* e *da Revista da Escola Normal de São Carlos* – era dada a ler e como ocorria tal processo e suas relações. Para o autor “[...] esta história deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido” (CHARTIER, 1990, p. 27).

Para compreender os processos de construção de sentido na Escola Normal Secundária de São Carlos nos anos de 1910 ao início dos anos de 1920, tomamos as revistas publicadas na Escola como nosso caminho principal, entre os possíveis, que percorreremos. *Excelsior!* e *Revista da Escola Normal de São Carlos* formam um repertório de resíduos com suas indecifrábilidades<sup>10</sup>, mas que permitem ainda que com dificuldades e imprecisões a recuperação daquele momento. Desse modo, faz-se importante “pôr em evidência a materialidade do objeto impresso, atentando para sua configuração textual e tipográfica” (CARVALHO, 1998, p. 35). Para Chartier “[...] não existe texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega a seu leitor” (CHARTIER, 1990, p. 137). A análise do suporte do texto, o suporte “revista” no caso, e suas formas de produção são fundamentais para se chegar aos processos de construção de sentido objetivados com a sua produção. Carvalho trata, nesse sentido, especificamente sobre revistas escolares:

É também procedimento que toma o impresso em sua materialidade de objeto cultural, interessando-se pelas práticas que o produzem e pelos usos que são feitos dele, movendo-se no âmbito do que o mesmo Chartier chamou de uma “*arqueologia dos objetos em sua materialidade*”. Pensar em termos dessa *arqueologia* implica tratar o impresso a ser analisado como objeto cultural que, constitutivamente guarda as marcas de sua produção e de seus usos. No caso de impressos de destinação escolar, trata-se, em primeiro lugar, de **analisá-los da perspectiva de sua produção e distribuição, como produto de estratégias editoriais em estrita correspondência com os usos que modelarmente lhe são prescritos** (CARVALHO, 1998, p. 35, grifo nosso).

Partindo dessa perspectiva em relação ao impresso, retomamos Chartier quando trata da necessidade de “[...] caracterização das práticas discursivas como

---

<sup>10</sup> Termo tomado de empréstimo de Ginzburg: “Respeitar o resíduo de indecifrábilidade que há nela (na fonte) e que resiste a qualquer análise não significa ceder ao fascínio idiota do exótico e do incompreensível” (GINZBURG, 1987, p. 34).

produtoras de ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões; daí o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação” (CHARTIER, 1990, p. 27).

Para o autor, as representações do mundo social, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam (CHARTIER, 1990). Assim, defende para cada caso, “o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (CHARTIER, 1990, p. 17). Temos, então, referências para as análises a serem feitas no estabelecimento de como os periódicos apoiaram na configuração do *habitus professoral* do aluno-mestre. Em *Excelsior!* estão presentes as disputas e interesses na forma de seus dispositivos de organização “[...] do tempo, e do espaço escolar; dispositivos de normatização dos saberes a ensinar e das condutas a inculcar” (CARVALHO, 1998, p. 33).

Bourdieu (2004b), assim como em outras obras<sup>11</sup>, traz considerações sobre a noção de campo – neste caso do campo científico – que são úteis na realização do trabalho. O autor tenta escapar às interpretações internalistas, nas quais a leitura dos textos é o bastante. Busca também escapar das interpretações externalistas que procuram relacionar o texto ao contexto, simplesmente. Para Bourdieu esses dois pólos estão muito distanciados, mas não desconectados. Entre eles há um universo intermediário, o qual chamou de campo: “[...] o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas” (BOURDIEU, 2004b, p. 20).

Nesse universo chamado *campo*, o *habitus* é fundamental. Seu conhecimento, uma necessidade para sobrevivência nesse espaço, funciona, em nível prático

[...] como categorias de percepção e apreciação, ou como princípios de classificação e simultaneamente como princípios organizadores da ação [...] [permitindo] construir o agente social na sua verdade de operador prático da construção de objetos (BOURDIEU, 2004a, p. 24)

---

<sup>11</sup> Destacamos o livro *O Poder Simbólico* (1989) e o artigo *Algumas propriedades dos campos* (1993).

Ressaltamos que os agentes do campo não são partículas passivamente conduzidas pelas forças do campo, eles [os agentes] têm disposições adquiridas, *habitus*, isto é, maneiras de ser diferentes que podem, em particular, levá-los a resistir, a opor-se às forças do campo (BOURDIEU, 2004a, p. 28). Em nosso caso, nos atemos às determinações do jogo educativo, às marcas deixadas nos periódicos como necessárias ao alunado para seu desenvolvimento como professor, ao *habitus*, como

natureza socialmente constituída, ajusta-se de imediato às exigências imanentes do jogo, e que eles podem assim afirmar sua diferença sem necessidade de querer fazê-lo, ou seja, com a naturalidade que é a marca da distinção natural; basta-lhes ser o que são para ser o que é preciso ser [...] (BOURDIEU, 2004a, p. 24).

Assim, segundo Silva, a experiência vivida durante a história da escolarização pode contribuir para as produções no campo educacional de modo geral e, em especial, para os estudos sobre formação de professores e sobre o ensino que se realiza na sala de aula, uma possibilidade metodológica afirmativa de que a “[...] realização do ensino escolarizado consubstancia um *habitus* – que denominamos *habitus* professoral [...]” (SILVA, 2003, p. 13).

Tais posicionamentos de Chartier e Bourdieu definem as bases metodológicas para o estudo que aqui se propõe. Ao final esperamos ter uma unidade de trabalho que proporcionará a compreensão de aspectos que compunham aquela realidade, prioritariamente em sentido localizado, numa Escola Normal na cidade de São Carlos no início dos anos de 1910, mas inerente à compreensão e, em determinados aspectos, à generalização da realidade educacional paulista e brasileira da época, pois tais periódicos não escapavam aos aspectos fundamentais da cultura brasileira, à sua língua, à sua organização social e cultural, do modo como pressupôs Ginzburg: “[...] assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes – uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um” (GINZBURG, 1987, p.27).

Para a análise sistemática dos conteúdos fizemos uso do banco de dados organizado no projeto *Divulgando Práticas e Saberes: a produção de impressos pelos docentes das Escolas Normais (2004-2006)*, de acordo com a sistematização



proposta por Carvalho & Cordeiro (2002). Trata-se de um banco de dados com 171 formulários, onde estão dispostas informações sobre todos os números de *Excelsior!* e *Revista da Escola Normal de São Carlos*. O banco de dados foi organizado a partir de quatro tipos básicos de formulários, artigo, imagem, capa e sumário. As informações colhidas estão dispostas da seguinte forma, no caso de formulário para artigos: identificação do artigo; código; autor; título do artigo; páginas; breve descrição do texto; citações de abertura do texto; citações em latim; citações em francês; citações em inglês; citações no corpo do texto em português; pessoas citadas; livros e textos citados.

Sistematizado na plataforma *Access*, o banco de dados serviu como um instrumento de busca e cruzamento de dados para a pesquisa. Nele pudemos examinar os diferentes títulos de artigos, os autores da revista, aqueles que mais ou menos publicaram, identificados individualmente ou em grupos, a quantidade de páginas por texto, os referenciais utilizados, etc, gerando as tabelas aqui apresentadas. Este banco foi aperfeiçoado e ampliado em função do levantamento de dados desta pesquisa.

Para a redação da presente dissertação, optamos por dividir o texto em três capítulos. No primeiro, analisamos o espaço de atuação e delimitação dos agentes do *campo* em estudo, perpassamos a estrutura da Escola Normal, suas origens e principais concepções. Veremos que os professores e diretores da Escola Normal Secundária de São Carlos – tomados como um grupo que se forma na Escola Normal da Capital – estendem-se pelos mais altos cargos da estrutura educacional paulista e se enraíza por meio de suas publicações, viagens e conferências pelo estado afora.

No segundo capítulo, analisamos a trajetória editorial da revista *Excelsior!* (1911-1916) buscando compreender o *habitus professoral* desenvolvido para o aluno-mestre nesse periódico em suas duas fases: a primeira fase sob o apoio do diretor da Escola Normal Secundária de São Carlos João Chrysostomo e do professor João Lourenço Rodrigues, que compreende o momento da criação da revista até o terceiro número publicado, quando diretor e professor haviam sido removidos para a Inspeção Geral da Instrução Pública e Escola Normal da Capital, respectivamente. A segunda fase – do quarto ao sétimo número – período em que ocorrem grandes mudanças na feição editorial da revista, que vão desde o projeto

gráfico à escrita propriamente dita, se distingue pelos trabalhos desenvolvidos em sala de aula, tendo a frente o professor João de Toledo.

No terceiro capítulo, enfocamos a *Revista da Escola Normal de São Carlos* (1916-1923), tomando sua trajetória a partir dos pontos suscitados em *Excelsior!* Pelo fato de possuir um volume maior de números, treze no total, e conseqüentemente de artigos optamos por analisá-la de forma diferente, elencando temas principais em referência ao *habitus* professoral e sua configuração, buscando indícios envolvendo as disputas no campo educacional e suas relações com o periódico *Excelsior!*

Na *Revista da Escola Normal de São Carlos*, destacamos os professores Carlos da Silveira e João de Toledo, por seu destaque no periódico. Enfocamos também a materialidade do periódico, tentando ressaltar as diferenças entre a revista dos professores e a revista dos alunos, diferenças que denotam o tipo de leitor desejado e a imagem que tinham de tal leitor, embora, em certos momentos, a revista dos professores também apresentasse textos dirigidos aos alunos.

## Capítulo 1

Neste capítulo, discutimos o espaço de atuação e delimitação dos agentes do campo em estudo, perpassamos a estrutura da Escola Normal, suas origens e principais concepções. Veremos que os professores e diretores da Escola Normal Secundária de São Carlos – tomados como um grupo que se forma na Escola Normal da Capital – estendem-se pelos mais altos cargos da estrutura educacional paulista e se enraíza por meio de suas publicações, viagens e conferências pelo estado afora.

É interessante observar que, no percurso metodológico desta pesquisa, buscávamos, inicialmente, as relações circunscritas aos professores e alunos e suas práticas cotidianas, mas, no decorrer das leituras, deparamo-nos com todo um aparato estatal motivado por um grupo de professores/políticos ou políticos/professores. Para a compreensão das estratégias desses professores trouxemos elementos para este texto, sejam sociais ou culturais, que objetivam ajudar na compreensão da narrativa que pretendemos construir, portanto, são elementos – como rol de autores citados por exemplo – que buscam não escapar à configuração dos periódicos estudados, respeitando as delimitações impostas por nossos objetivos e limitações.

### 1.1 O modelo paulista de formação de professores

A instalação das escolas normais públicas, no Brasil, de forma muito semelhante às experiências internacionais<sup>12</sup>, estiveram associadas ao projeto de constituição do estado-nação moderno:

---

<sup>12</sup> Para tanto ver: DIAS (2008); TANURI (1979), (2000), VILLELA (2000).

As primeiras tentativas datam da primeira metade do século XIX e, mais especificamente, do período instável e tenso do Império marcado pelo progressivo desgaste das propostas liberais e a assunção das práticas conservadoras, entre meados das décadas de 1830 e 1840 [...]. Essas instituições têm vida curta e incerta, evidenciada pelos constantes movimentos de abertura e fechamento a que foram submetidas, ou pelo fato de existirem apenas no formato de lei, sendo instaladas somente anos depois de criadas (DIAS, 2008, p. 76).

Em relação à instrução elementar, há de se lembrar que até o momento da chegada da Corte à Colônia, vigorava o sistema das Aulas Régias instituído pela política pombalina, no qual o número de docentes era insuficiente e a instrução elementar não era uma prioridade. Villela (2008) aponta a lei da Instrução Primária (de 15 de outubro de 1827) como a primeira medida em prol da educação pública nacional, não fosse a sua quase nula eficácia em termos concretos.

A intensa agitação dos acontecimentos políticos que marcaram os últimos anos do Primeiro Império não deixou espaço para a concretização das promessas legais de estender as “primeiras letras” a todas as crianças da nação, tampouco a de atualizar todos os professores nas capitais das províncias pelo método lancasteriano como fora preconizado (VILLELA, 2008, p. 30).

A vitória do movimento revolucionário que culminou com a abdicação de D. Pedro permitiu que, pela primeira vez, brasileiros direcionassem os projetos da Nação. O período regencial, marcado pela luta entre liberais e conservadores, logo se tornaria palco da ascensão política destes últimos, consolidada a partir da década de 1840 e nessa fase de transição em que o grupo moderado desliga-se do partido liberal e adere ao ideário conservador – que sobe ao poder representado pelo presidente Joaquim José Rodrigues Torres – surge a idéia da criação da Escola Normal Provincial de Niterói, a primeira do Brasil (VILLELA, 2008).

A Escola Normal Provincial de Niterói é então criada em 1835, pelo grupo conservador conhecido como “Saquaremas”, muitos deles antigos liberais que se tornaram conservadores. Esse grupo, para permanecer no poder, desenvolveu uma ação organizada não só no plano da coerção – garantindo a segurança social – mas, também obtendo o consenso no plano ideológico através da criação de instituições que formassem uma base de apoio política para os seus objetivos. Para Villela, pela compreensão desse projeto de construção de uma hegemonia política é que foi

possível entender a criação da primeira escola normal do Brasil: “tal instituição, pelo seu potencial, organizativo e civilizatório, foi imaginada como uma das principais alavancas da expansão e consolidação da supremacia daquele segmento da classe senhorial que chegara ao poder” (VILLELA, 2008, p. 31).

Cria-se, então, uma escola que oferecia ao futuro professor da escola primária não uma formação aprofundada em termos de conteúdo, mas sim uma que enfatizava a formação moral e religiosa. “Percebe-se, também, em relação ao povo, que a intenção dos dirigentes era muito mais ordenar, controlar e disciplinar do que propriamente instruir. A insistência na utilização do método lancasteriano nos conduz a mais esta constatação” (VILLELA, 2008, p. 33). Este método, já naquela época, vinha sendo alvo de crítica por seus inexpressivos resultados.

As pesquisas sobre o ensino lancasteriano demonstram que embora não se adequasse bem à realidade das escolas brasileiras do período, em geral pouco freqüentadas para suportar a dinâmica e o custo alto do método, atraía a atenção dos dirigentes sobretudo por seu sistema disciplinar, fortemente baseado nas idéias de hierarquia e ordem, valorizadas pelo projeto conservador (VILLELA, 2008, p. 33).

Outro fator importante é o fato de nessa sociedade

[...] hierarquizada e com um reduzido conceito de cidadania, a Escola Normal não incluía mulheres e negros. No caso dos negros, havia um impedimento formal de freqüentar tanto as escolas primárias da Província quanto a Escola Normal. A lei proibia o acesso mesmo dos já libertos. Objetivamente, sob a capa do preconceito racial, escondiam-se a violência e o jugo de uma classe sobre outra pelo temor constante de que os negros utilizassem-se da leitura e da escrita como forma de se organizarem (VILLELA, 2008, p. 33).

As mulheres não eram formalmente proibidas de frequentar as escolas primárias da Província, mas sua exclusão funcionava através da redução do conteúdo do currículo das escolas femininas. Deveriam aprender apenas a ler, a escrever e as quatro operações. A parte relativa a decimais e proporções, bem como o estudo da geometria, que fazia parte do currículo dos meninos, eram interditados às meninas. Em contrapartida, estas precisavam saber coser, bordar e os demais afazeres próprios da educação doméstica (VILLELA, 2008).

A primeira Escola Normal do Brasil, na sua fase inicial, não recebeu uma só aluna. Entretanto na época já funcionavam oito escolas femininas públicas na Província, o que nos leva a concluir que para as escolas de meninas exigia-se da professora pouco mais que o domínio das 'prendas domésticas' e dos ensinamentos religiosos (VILLELA, 2008, p. 33).

Em 1847 a Escola Normal Provincial de Niterói é extinta – permanecendo fechada por mais de dez anos – por problemas referentes à demora na formação do professor e à pouca demanda de alunos interessados em seguir a carreira de mestre. Assim, a Escola Normal como instituição, encontra estabilidade

[...] quando se consolidam as idéias liberais de educação popular e obrigatoriedade da instrução primária bem como a liberdade de ensino. Por volta de 1870, está generalizada a discussão da idéia de Escola Normal enquanto instituição normalizadora e produtora das regras de conduta do professor nos seus múltiplos aspectos: procedimentos didáticos, aspirações políticas, atuação profissional, comportamento público e privado (DIAS, 2008, p. 76).

Segundo Dias (2008), a Escola Normal de São Paulo também não escapou dessa conturbada tendência de criação e extinções que ocorreu no Brasil do século XIX, “[...] tendência que denuncia as dificuldades que o Estado monárquico enfrentou para disciplinar as atividades docentes e firmar a Escola Normal como espaço privilegiado de formação de professores de primeiras letras” (DIAS, 2008, p. 76). Foi criada em 1846, teve seu primeiro fechamento decretado em 1867; depois reaberta em 1875 e novamente foi fechada em 1878; após sua reinauguração em 1880, não interrompeu mais suas atividades, continuando República adentro.

A Constituição Republicana de 24 de fevereiro de 1891 não trouxe modificações “[...] na competência para legislar sobre o ensino normal, conservando a descentralização proveniente do Ato Constitucional de 1834” (TANURI, 2000, p.68). As instituições primárias e profissionais estavam sob a responsabilidade dos estados e municípios, propiciando o desenvolvimento desigual nos estados. “O número de analfabetos no Brasil, em 1890, segundo a estatística oficial, [...] sabiam ler apenas 16 ou 17 em 100 brasileiros ou habitantes do Brasil” (SEVCENKO, 1999, p. 88). Frente a tais números e também

por encontrar-se em situação economicamente privilegiada, em razão da expansão da cafeicultura e da necessidade de produção e comércio assim geradas, São Paulo pode investir, de imediato, nos primeiros anos da República, na reforma e criação de escolas, que até então vinham sendo poucas e ineficientes, mesmo na própria capital (CATANI, 2003, p. 20).

Primeiramente no ensino normal em 1890 e em 1892 no ensino primário o estado de São Paulo começa a introduzir os primeiros ensaios da chamada renovação pedagógica na instrução pública,

[...] a reforma paulista realizada já a 12/03/1890, sob a direção de Caetano de Campos, ampliou a parte propedêutica do currículo da escola normal e contemplou a suas escolas-modelo anexas, bem como a prática de ensino que os alunos aí deveriam realizar (TANURI, 2000, p. 69).

Segundo Catani (2003), São Paulo iniciou as reformas e continuou o trabalho de organização das escolas primárias e de formação de professores.

Em 1893, Cesário Motta, à época Secretário do Interior, explicitava a razão dos investimentos, afirmando que difundir conhecimentos era o mesmo que preparar o aumento da riqueza pública, e que não havia despesa mais reprodutiva que aquela feita com a Instrução. Ao reformularem nostalgicamente as referências a esse período, os homens do início desse século lembrarão que as medidas adotadas tenderam a valorizar a atuação e a figura do professor, que também, no entender de Caetano de Campos, era a 'chave de toda a evolução do ensino'. A reformulação interna da Escola Normal, a criação de escolas-modelo e grupos escolares, a apropriação de novos programas e a tentativa de organização do conjunto de escolas antes dispersas, ao mesmo tempo em que traduziram a confiança dos reformadores nos poderes do saber, transformaram a formação do professor em núcleo do êxito da escola (CATANI, 2003, p. 21).

Motivado pela necessidade de afirmar a República, o governo estadual paulista toma a Escola Normal da Capital como símbolo do novo regime mudando a escola para o monumental prédio construído na Praça da República, com dinheiro arrecadado em uma loteria pelo governo provincial que seria destinado à construção de uma Igreja. Um recado explícito no intuito de afirmar a “[...] superioridade moral e intelectual e vitalidade da República” (MONARCHA, 1999, p.187) por meio de um conjunto arquitetônico (praça e escola) que deveria funcionar como um centro de comunhão cívica entre os cidadãos em prol do progresso e da ilustração:

A construção deste magestoso edifício é, sem a mínima dúvida, a obra mais meritória do atual e primeiro governo republicano não pela sua magnífica importância mas pela sua significação moral. Por isso, quanto maiores forem os resultados futuros da instituição da Nova Escola Normal, mais brilhante e viva será a memória de governo perpetuada por este momento (PRESTES, 1895, p. 23).

No entanto, para Carvalho (2006, p. 315), as semelhanças entre a escola republicana e a escola católica eram legíveis “[...] na homologia formal entre os dispositivos que organizavam as práticas de ensino-aprendizagem nessas duas instituições” e

[...] ganhavam peso adicional por uma herança que lhes era comum. Um legado religioso podia ser reconhecido sob a capa da laicidade, nessa 'Escola sem moral' que punha a 'moral até nos enunciados aritméticos; nessa 'Escola sem Deus' que era 'dedicada à religião da pátria e à sua própria sacralização' (OZOUF, 1982, p. 12, apud CARVALHO, 2006, p. 315).

Segundo Carvalho (2006, p. 337) é com a Reforma Caetano de Campos que “[...] se institui a lógica que preside a institucionalização do modelo escolar paulista”. Da conjunção Escola Normal, Escola-Modelo e Grupo Escolar, centra-se a reprodução de um modelo escolar por visibilidades resultando

[...] o *modelo paulista* que será exportado para outros Estados da Federação. Ensino seriado, classes homogêneas e reunidas em um mesmo prédio, sob uma única direção, métodos pedagógicos modernos dados a ver na Escola Modelo anexa à Escola Normal e monumentalidade dos edifícios dos *Grupos Escolares* em que a Instrução Pública se faz signo do Progresso – essa era a fórmula do sucesso republicano em São Paulo (CARVALHO, 2006, p. 338).

Nessa fórmula, já com Caetano de Campos, o papel do aluno passa a ser fundamental, modificando o eixo do ensino-aprendizagem, anteriormente focado no professor. Simbolicamente o aluno passa a compor o cenário das grandes festas e solenidades, ganhando destaque desde a solenidade de inauguração da nova escola,



A parte musical da solenidade esteve sob a regencia do professor Honorato Faustino de Oliveira, actual Director da Escola Normal, e alumno então do 4o. Anno.

Gabriel Prestes recusou o offercimento que se lhe fez de uma grande ochestra, na qual tomariam parte musicistas de nomeada. Fez questão de que na festa inaugural só figurassem alumnos da Escola.

Essa attitude é significativa.

Ella pattendêa o esforço do Director da Escola Normal para pôr em destaque elementos aproveitaveis do corpo discente, os quaes, pelos impulsos de sua modestia congenita, teriam preferido ficar na penumbra (RODRIGUES, 1930, p. 331).

Dessa escola, portanto, emerge em São Paulo a defesa da escola laica, da liberdade de ensino, da obrigatoriedade da instrução do ensino elementar, do direito à educação e do dever do Estado e da família, com a difusão de princípios europeus e norte-americanos de escolarização, tendo o aluno como foco do processo de ensino. Segundo Carvalho (2000, p. 112), o investimento de representantes do setor oligárquico para um sistema de ensino modelar foi bem sucedido, assim “[...] o ensino paulista logra organizar-se como sistema modelar, em duplo sentido: na lógica que preside a sua institucionalização; e na força exemplar que passa a ter nas iniciativas de remodelação escolar de outros Estados”, entre eles Mato Grosso, Espírito Santo, Santa Catarina, Sergipe, Alagoas, Ceará, Goiás entre outros (TANURI, 2000, p. 68). Assim, nos anos iniciais da República, a atuação dos reformadores paulistas permitiu que se consolidasse uma estrutura modelar, nos primeiros 30 anos do novo regime, e que seria apresentada como paradigma aos demais estados (TANURI, 2000).

Tal força exemplar pode ser observada inclusive pela presença de professores, diretores e técnicos paulistas enviados aos demais estados da federação para reproduzirem as experiências realizadas em São Paulo, formando verdadeiras estratégias de cooptação e de visibilidade. Em Sergipe, por exemplo, o professor Carlos da Silveira que era diretor do Grupo Escolar da Avenida Paulista, foi contratado em 1909 pelo presidente do estado, Rodrigues Dória, para reformar a instrução pública sergipana.

Na atuação de Silveira no estado de Sergipe, poucos anos antes de tornar-se professor da Escola Normal Secundária de São Carlos, observa-se similaridades interessantes com a atuação de João Lourenço Rodrigues na instalação da escola

normal em São Carlos e na atuação do próprio Caetano de Campos na Escola Normal da Praça. Silveira, segundo Nascimento (2006, p. 153),

[...] propôs um plano que previa a construção de grupos escolares, a organização do serviço de inspeção escolar, a adoção dos novos métodos de ensino e a remodelação dos ensinos normal e secundário. Pessoalmente visitou todas as cidades de Aracaju, em companhia do presidente Rodrigues Dória, para selecionar as professoras que deveriam integrar o corpo docente dos grupos escolares.

Após um ano em Sergipe, Carlos da Silveira retorna à São Paulo, onde passa a atuar como professor da Escola Normal da Capital. Nascimento descreve ainda a continuidade do projeto de Silveira naquele estado, por meio de Helvécio de Andrade. Dirigindo a instrução pública sergipana cinco anos depois, Andrade relatou ao presidente de seu estado a necessidade de importar material escolar: “globos, mapas, sólidos geométricos, sistemas de pesos e medidas, séries de seres orgânicos e inorgânicos, material para as lições de coisas, etc...” (ANDRADE, 1914, p. 18, apud NASCIMENTO, 2006, p. 154).

Os frutos da estada de Carlos da Silveira também se estenderam pela inauguração de um novo prédio para a Escola Normal em 1910, “amplo, bem localizado [...]”, instalado à praça Olímpio Campos, no centro da cidade, “era monumental, um dos mais importantes da Capital sergipana, tendo sido os móveis e o material didático importado dos Estados Unidos” (NUNES, 1984, p. 214 apud NASCIMENTO, 2006, p. 157). Conjuntamente cria-se o Grupo Escolar Modelo, inaugurado em 1911 na cidade de Aracaju, “[...] a primeira instituição dessa natureza a funcionar em Sergipe: “Anexo à Escola Normal, foi pensado como campo de aplicação para as normalistas e deveria regular o funcionamento dos demais grupos escolares” (NASCIMENTO, 2006, p. 159).

No Grupo Escolar Modelo, e nos demais instalados, como o Grupo Escolar Barão do Maroim, inaugurado em 1917, foi priorizada a formação cívica do aluno, por meio de “livros de leituras morais, sempre com a preocupação de fixar valores relativos ao cumprimento do dever, ao culto da responsabilidade, do amor, do bem, da solidariedade, do respeito às leis, dos valores morais” (NASCIMENTO, 2006, p. 161). Acrescenta-se o canto orfeônico e as práticas de inauguração de retratos de políticos, “[...] oportunidade para que os alunos fossem perfilados, entoassem hinos

e ouvissem preleções cívicas feitas por líderes políticos e professores” (NASCIMENTO, 2006, p. 162). No mesmo sentido, o incentivo à valorização dos heróis nacionais e da bandeira nacional em torno das festas cívicas, “[...] fundamentais nesse processo de formação. O calendário festivo se estendia ao longo do ano, incluindo a recepção a personagens ilustres e autoridades, além da celebração de datas como o Dia da Árvore” (NASCIMENTO, 2006, p. 162).

As estratégias implantadas em Sergipe são esclarecedoras das observadas no campo paulista. Não somente as estratégias expostas acima, como as práticas assumidas nos grupos escolares em relação à ênfase na nacionalidade, civismo: “precisamos auxiliar a nossa nacionalidade, conseqüentemente precisamos ensinar a ler e a contar, precisamos implantar no coração das moças o mapa do Brasil, se quisermos estimular o sacrifício da vida em fronteira” (FREIRE, 1917, apud NASCIMENTO, 2006, p. 165)<sup>13</sup>.

Segundo aponta Nascimento (2006, p. 165), nacionalidade e civismo vinham coadunados ao cristianismo incentivados nos programas do curso primário:

Idéia de Deus, como creador de tudo e da alma immortal. O trabalho, sua necessidade e dignidade. A economia, sua influencia na vida e na felicidade. A *perseverança* nos bons desígnios, a *energia* nos empreendimentos. A patria, o que lhe devemos, a familia, o que lhe devemos, as virtudes cívicas. A Bandeira; culto que lhe devemos e porquê (PROGRAMA DE EDUCAÇÃO<sup>14</sup>, 1917, apud NASCIMENTO, 2006, p. 165).

Diferente do que se pode depreender do distanciamento entre Estado e Igreja reforçado com a construção da Escola Normal da Capital, o incentivo aos preceitos cristãos (embora não oficiais, como no caso sergipano), leia-se católicos, tem grande influência em São Carlos, principalmente no período em que João Lourenço Rodrigues atuava na escola normal daquela cidade, inclusive com grande participação da Igreja nas festividades oficiais da Escola.

Voltando às feições assumidas pela escola normal em São Paulo, nota-se as influências teóricas nos primeiros anos do ensino normal pós-república. Observa-se, de um lado, as filosofias científicistas, de outro, a introdução dos primeiros ensaios

---

<sup>13</sup> Cf. “Pronunciamento de Firmo Freire na inauguração do Grupo Escolar Barão do Maroim” no dia 8 de julho de 1917.

<sup>14</sup> Cf. “Programa para o curso primário dos Grupos Escolares e Escolas isoladas do Estado de Sergipe”. Programa de Educação. Estado de Sergipe, 23 de fevereiro de 1917.

de renovação pedagógica na instrução pública<sup>15</sup>, ressaltando o valor da observação, da experiência sensorial, da educação dos sentidos, das “lições de coisas”, do método intuitivo de Pestalozzi.

Preocupações não somente com a qualidade, mas com a quantidade exígua de professores formados pela única escola normal em São Paulo, resultaram na instalação das escolas complementares, responsável por formar aqueles que saíssem do curso primário, mediante apenas o acréscimo de um ano de prática de ensino, para lecionar nos cursos preliminares<sup>16</sup> aumentando o número de professores para o ensino primário (Lei n. 374, de 03/09/1895). Com isso, iniciou-se uma diferenciação nas escolas de formação de professores – criando uma dualidade (TANURI, 1979) – na destinação de professores formados pela escola normal e escola complementar. A partir de então, as escolas complementares eram as responsáveis pela formação de professores habilitados a lecionar nas escolas primárias e a Escola Normal da Capital formava professores para o magistério em qualquer grau de ensino. Desse modo, até o final da década de 1910, a formação de professores em São Paulo se deu na Escola Normal da Capital e em cinco escolas complementares. Mesmo com essa dualidade – dois modelos de formação pública de professores atuando no mesmo espaço – tal medida foi importante para a expansão do sistema de formação docente em proporções significativas para a época além de prover o ensino primário de pessoal habilitado, afirma Tanuri (2000).

A dualidade é mantida nas medidas tomadas pelos dirigentes paulistas a partir de 1911 com a criação de escolas normais de níveis diferentes. Tal medida motivou a pulverização da formação dos professores pelo interior do estado. O quadro passou a ser composto por três escolas normais secundárias: Escola Normal Secundária da Capital, Escola Normal Secundária de Itapetininga, Escola Normal Secundária de São Carlos; e sete escolas normais primárias: Escola Normal Primária de Piracicaba, Escola Normal Primária de Pirassununga, Escola Normal Primária de Botucatu, Escola Normal Primária do Brás, Escola Normal Primária de Casa Branca, Escola Normal Primária de Guaratinguetá e Escola Normal Primária

---

<sup>15</sup> Foram introduzidas, nas escolas modelo – escola anexa à Escola Normal onde eram desenvolvidas as práticas de ensino dos alunos da Escola Normal – as idéias de Pestalozzi, acerca dos processos intuitivos do ensino, ensino este que deveria ser adaptado ao desenvolvimento natural do aluno, “[...] atendendo sempre à sua capacidade atual, à sua idade, à sua agudeza de espírito, e outras condições psicológicas [...]” (Caetano de Campos apud TANURI, 1979, p. 85).

<sup>16</sup> O ensino primário era composto pelo curso preliminar (para crianças de 7 a 12 anos) e pelo curso complementar, uma extensão do curso preliminar ou Escola Primária Superior (TANURI, 1979).

de Campinas. A escola normal primária passa a formar professores para as escolas primárias, enquanto que a escola normal secundária formava professores que poderiam lecionar em qualquer grau de escolarização, inclusive na própria escola normal secundária.

Ambos os currículos foram determinados pelo Decreto n. 2.367, de 1913, sua comparação

[...] evidencia que as escolas normais secundárias apresentavam um currículo bem mais desenvolvido, tanto no conteúdo de formação pedagógica, como no propedêutico; um maior número de cadeiras e conseqüentemente de professores; condições de ingresso mais elevadas, uma vez que os seus exames de admissão abrangiam além das disciplinas relacionadas para o caso das escolas normais primárias: Francês, Álgebra e Anatomia Fisiológica (TANURI, 1979, p. 136).

Neste cenário a Escola Normal de São Carlos foi, ao lado da Escola Normal da Capital e da Escola Normal de Itapetininga, pólo de formação de professores primários e também para os outros níveis de ensino, bem como para as demais Escolas Normais. Outros aspectos viriam a diferenciar os dois tipos, dentre eles, o prédio construído (maior e mais imponente), a estrutura pedagógica e administrativa e o montante de recursos previstos no orçamento do estado<sup>17</sup>.

A escola normal secundária, assim como a escola normal primária, tinha duração de quatro anos. No terceiro e quarto anos do curso havia exercícios de ensino nas classes da escola modelo, anexa a cada normal, (BUSCH, 1946, p.12) e a formação do professor, nos aspectos técnicos da profissão, se dava na observação, no *ver fazer*.

---

<sup>17</sup> A coleção Consolidação de Leis e Decretos do estado de São Paulo dos anos de 1911 a 1913, especialmente no tocante aos itens específicos sobre estas escolas e o do orçamento do estado, revelam estes dados.

Na Escola Modelo os futuros mestres podiam '*ver como as crianças eram manejadas e instruídas*'. Desse modo de aprender centrado na visibilidade e na imitabilidade das práticas pedagógicas é que se esperava a propagação dos métodos de ensino e das práticas de organização da vida escolar. Procedimentos de vigilância e orientação acionados nos dispositivos de Inspeção Escolar produziam a uniformização necessária à institucionalização do sistema de ensino que a propagação do modelo pretendia assegurar. Nessa lógica centrada na reprodução de um modelo escolar por dispositivos de produção de visibilidades das práticas escolares, a Escola Modelo – essa '*escola prática e longa*' – é o '*coração do Estado*' e o *Grupo Escolar* a instituição-símbolo da modernidade pedagógica pretendida (CARVALHO, 2006, p. 377).

Em 1920 a dualidade existente entre as normais foi extinta pela Lei Sampaio Dória, com a unificação de todas as escolas normais, pelo padrão das mais elevadas. Também importante para a expansão do ensino normal no Brasil foi a introdução de escolas normais de iniciativa privada e municipal, qualificadas de livres ou equiparadas, com o que se pensava compensar a escassez de estabelecimentos oficiais na maioria das províncias. Em São Paulo, preocupados em preservar a organização do ensino normal traçada no início do regime republicano, os legisladores resistiram em franquear o ensino normal à iniciativa privada, só vindo a fazê-lo em 1927, quando tal solução foi defendida como necessária à expansão do ensino primário na zona rural. A medida atendeu a solicitações de inúmeros municípios que pressionavam o poder público pelo direito de terem uma escola normal, de modo que, em 1928, já funcionavam 26 escolas normais livres no estado de São Paulo, as quais atingiram 49 unidades em 1930, com 4.017 matrículas, ao lado das dez oficiais já existentes (TANURI, 2000).

Para Carvalho (2006, p. 341), a Reforma Sampaio Dória, “[...] traz à cena os limites políticos do modelo escolar paulista”

O intento de expandir a escola, 'nacionalizando' as populações operárias rebeldes à ordem republicana instaurada exibirá esses limites, evidenciando o seu caráter de modelo restrito de generalização da escola popular. A linguagem das cifras e a urgência das metas e das providências de remodelação escolar implodem a lentidão pressuposta na lógica com que os republicanos históricos haviam institucionalizado o modelo. Na nova lógica, o analfabetismo é alçado ao estatuto de marcada inaptidão do país para o Progresso. Erradicá-lo é a nova prioridade na hierarquia das providências da reforma da escola. E a extensão da escola a populações até então marginalizadas pelas políticas estatais é o objetivo principal (CARVALHO, 2006, p. 341).

Para a mesma autora, somente a partir da segunda metade da década de 1920 que são nítidos os sinais de que o modelo pedagógico institucionalizado havia esgotado a sua capacidade de normatizar as práticas escolares:

Sob o impacto da extraordinária difusão internacional da chamada pedagogia da educação nova – essa pedagogia gerada no seio das usinas, como pontua Ferrière – a *pedagogia moderna* vai sendo gradativamente reconfigurada. Com ela, as normas pedagógicas que vinham até então balizando as iniciativas de institucionalização da escola no Brasil, desde o final do século XIX são postas em questão, e duas posições se firmam, reivindicando para si, cada uma delas, o estatuto de pedagogia *moderna* e *nova*, porque *ativa*, o debate ganha um conjunto peculiar: diante das novas idéias pedagógicas que se difundiam no país, provocando debates e gerando iniciativas de reforma escolar em outros Estados, que lugar atribuir à velha escola paulista que tantos anos de glória havia conhecido, impondo-se no país como modelo de modernidade pedagógica? É dessa disputa que a chamada *pedagogia da escola nova* emerge vencedora, reivindicando para si o monopólio do *novo* e do *moderno* e produzindo, pejorativamente, os saberes pedagógicos concorrentes como '*pedagogia tradicional*' (CARVALHO, 2006, p. 341).

## 1.2 A criação da Escola Normal Secundária de São Carlos

Até a data da criação da Escola Normal Secundária de São Carlos (1911), a cidade de São Carlos havia passado por uma primeira fase pioneira, caracterizada por atividades de subsistência da Fazenda do Pinhal. A partir de 1840 até 1929, a cultura do café tornou-se a hegemônica na economia da região. De região de cultura de subsistência<sup>18</sup> passou a uma das maiores exportadoras de café do estado de São Paulo. Durante a primeira fase da Fazenda do Pinhal, a população era formada por trabalhadores livres, semi-livres, artesãos, comerciantes, todos de alguma forma ligados ao movimento da fazenda. São Carlos funcionava como uma cidade satélite dessa propriedade rural, a dinâmica da produção cafeeira determinava o desenvolvimento da cidade, atendendo às exigências sociais dos fazendeiros liderados pela família Botelho, da Fazenda Pinhal, principalmente pelo Conde do Pinhal, considerado seu fundador (NEVES, [19–]; NOSELLA & BUFFA, 1996; SILVA, 2007).

---

<sup>18</sup> Caracterizada pela criação de gado suíno e bovino, a plantação de milho e mandioca, a lavoura de algodão e rústica industrialização (NEVES, [19–]).

Para servir à população, havia apenas algumas escolas de primeiras letras. A primeira aberta em 1858 para o sexo masculino e, em 1862, outra para o feminino, ambas para trabalhadores urbanos. Em 1904, as escolas desse tipo foram reunidas em um grupo escolar. Para os trabalhadores do campo, nenhuma escola.

Os imigrantes, fugidos do campo e em busca de perspectivas na cidade, organizavam-se em sociedades beneficentes, culturais e escolares, tais como a Sociedade Espanhola Benficiente e Instrutiva de São Carlos (1896) e a Sociedade Italiana Dante Alighieri (1902). Houve também, com a prosperidade proporcionada pelo café, no final do século, o surgimento de escolas profissionalizantes, como a escola de contabilidade de Estanislau Kruszynski. Esta escola e outras, como a de Desenho, recrutavam os melhores alunos das classes intermediárias (NOSELLA & BUFFA, 1996).

Para a elite cafeeira havia uma outra formação. Geralmente, quando pequenos, os filhos de fazendeiros recebiam orientação pedagógica com preceptores que ensinavam música e línguas. Para as meninas, além de música e línguas, ensinavam também trabalhos manuais, noções de economia e medicina. Era o início da formação para, quando crescidos, tornarem-se senhores e senhoras nas fazendas. Mais tarde, eram enviados para os colégios de padres e freiras, geralmente em regime de internato. Lá as moças aprimoravam os hábitos que fariam parte do dote matrimonial. Segundo Nosella e Buffa (1996), as educadoras dessas moças preparavam futuras esposas de fazendeiros e mães de seus filhos. Elas se distanciavam somente até completar os estudos no Colégio, não chegavam a viajar para Paris ou Recife para estudar Direito como os filhos homens do Conde do Pinhal. “Suas filhas moças estudaram no Colégio Patrocínio em Itu, no Sion de Petrópolis e ao casarem-se (com fazendeiros) receberam, por dote, uma fazenda” (NOSELLA & BUFFA, 1996, p. 31).

A partir de 1904, as moças deixaram de se ausentar da cidade para estudar, pois São Carlos passou a contar com um colégio de freiras. As madres Saint-Bernard e Saint-Odilon da ordem do Santíssimo Sacramento foram trazidas para a cidade, ficando hospedadas na casa de Maria Jacyntha de Meira Freire, irmã do Conde do Pinhal. No ano seguinte, começou a funcionar o Colégio das Irmãs Sacramentinas, com o apoio de Maria Jacyntha e da elite são-carlense (NOSELLA & BUFFA, 1996).



O novo colégio das freiras iniciou suas atividades no palacete do Conde do Pinhal<sup>19</sup>, enquanto era construída sua sede própria, inaugurada em 1914. Nesse colégio era seguida a tradição cultural da França:

[...] o curso elementar do Colégio tinha seis anos de duração e era freqüentado por alunas internas (pensionistas) e externas. Paralelamente ao curso regular, as freiras ofereciam vários outros cursos avulsos de reforço pedagógico e de complementação cultural, tais como: cursos de línguas (alemão e inglês), de música (piano e bandolin) e de pintura. Em suma, o Colégio das Irmãs Sacramentinas era um centro católico especializado de educação feminina, procurado pelas filhas das famílias mais ricas da cidade e da região. Assim, por exemplo, de 1905 a 1909, de um total de 145 alunas, 68 eram filhas de fazendeiros, dezesseis de negociantes, nove de médicos e sete de administradores. (BUAINAIM apud NOSELLA & BUFFA, 1996, p. 32).

Nosella e Buffa apontam uma grande organicidade entre o Colégio das Irmãs Sacramentinas e a Escola Normal de São Carlos, havendo grandes fatores comuns desde sua gênese. Os mesmos atores políticos determinam a criação dessas escolas, sua arquitetura e localização (prédios majestosos, bem localizados e próximos um do outro), seus objetivos e métodos educacionais e, sobretudo, sua clientela, além do fato de a primeira turma do colégio das freiras ter se formado em 1910 e a Escola Normal ter iniciado suas atividades em 1911 (NOSELLA & BUFFA, 1996). Sobre esse período os autores afirmam:

A Escola Normal seria o prosseguimento natural para os estudos iniciados no Colégio. São fatores que denotam como os interesses de uma mesma classe social moldam instituições diferentes que se articulam na formação da "elite" feminina de uma cidade, as freiras cuidando da formação moral e religiosa desde a infância, e a Escola Normal, enfatizando a formação intelectual (NOSELLA & BUFFA, 1996, p. 33).

Como afirmamos anteriormente, a Escola Normal Secundária de São Carlos foi criada pelo Decreto 2.025 de março de 1911 que delimitava o espaço de atuação das escolas normais, tendo a normal secundária, caso de São Carlos, um currículo

---

<sup>19</sup> O Conde do Pinhal havia construído na cidade um casarão que não era sua residência permanente, mas local de estadia temporária por ocasião das festividades, para receber personalidades políticas e técnicos (NOSELLA & BUFFA, 1996).

mais amplo formando o professor da escola primária e habilitando-o, inclusive, para atuar como formador nas escolas normais.

Nesse momento, a criação de uma escola normal secundária seria um desejo ambicioso para qualquer cidade do interior de São Paulo. No estado havia até então apenas duas escolas normais secundárias, a da Capital e a de Itapetininga<sup>20</sup>. São Carlos, inicialmente, pleiteava uma escola complementar e já vinha se adiantando à promulgação da lei que autorizaria a criação dessa escola. Carlos Botelho, político influente da cidade e Secretário da Agricultura no segundo mandato de Jorge Tibyriçá (1904-1908), na presidência do Estado, já havia providenciado o prédio da nova escola que apresentava na fachada a inscrição "Escola Complementar Conde do Pinhal". O Governo estadual, frustrando os planos de Botelho, decidiu pela extinção das escolas complementares com a conversão das três escolas complementares que funcionavam no estado (Piracicaba, Campinas e Guaratinguetá) em escolas normais primárias, pelo Decreto 2.025 de março de 1911.

O prédio da escola complementar ficou fechado por quase dois anos, segundo relatou José de Camargo, secretário e bibliotecário da Escola Normal Secundária de São Carlos em 1911, em artigo publicado em *Excelsior!*

Acabada que ficou a construção do edifício, feita a sua entrega ao governo, permaneceu elle fechado pelo espaço de quasi dous annos, sem se cogitar de se lhe dar a applicação para que fôra destinado, apesar de constantes intervenções dos homens publicos da localidade (CAMARGO, 1911, p. 10).

No governo de Albuquerque Lins (1908-1912), o novo secretário da Agricultura, Padua Salles, movido pelo apelo de grupos políticos da região<sup>21</sup>, tentou aproveitar o edifício já construído para o estabelecimento de uma escola profissional, consoante as que existiam em Buenos Aires. Esse plano também foi abandonado após o relatório de João Lourenço Rodrigues, que visitou a cidade em

---

<sup>20</sup> Em 1894, “[...] Bernardino de Campos designa para uma das novas sedes da Escola Normal a cidade de Itapetininga, premiando a participação da cidade da defesa do estado de São Paulo frente ao federalismo” (RODRIGUES, 1930, p. 365).

<sup>21</sup> Nomes como o deputado federal Cincinato Braga, o deputado estadual Joaquim Augusto Gomide, Major José Ignacio de Camargo Penteado, Cel. José Augusto de Oliveira Salles, José Rodrigues de Sampaio, Dr. Gastão de Sá, Cap. Delphino Martins de Camargo Penteado, até um abaixo assinado promovido entre a sociedade local pelo tabelião Manoel de Mattos Azevedo, dirigido ao Congresso do Estado.

janeiro de 1910, a fim de inspecionar o prédio para verificar a viabilidade da abertura da escola profissional.

Nessa visita, observa-se João Lourenço Rodrigues atuando da mesma forma como descreve seu primeiro inquérito em Amparo, sua cidade natal, em 1894. Como relatamos, depois de formado, João Lourenço Rodrigues se vê distante de sua escola e colegas e logo publica um artigo apontando as deficiências do ensino e a necessidade dos novos métodos naquela cidade. Por tal artigo, João Lourenço Rodrigues foi chamado à Inspetoria da Instrução Pública e passa a trabalhar com Oscar Thompson para aprender como se aplicavam os novos métodos na Escola Modelo do Carmo. Dessa experiência, parece nascer uma segunda forma de estratégia, que se torna o cartão de visitas da modernidade pedagógica paulista com a inspeção dos estabelecimentos, a verificação de suas condições e o receituário dos materiais necessários, da construção de adaptação de prédios adequados e da formação do professor.

No relatório sobre as instalações da frustrada Escola Complementar Conde do Pinhal, João Lourenço Rodrigues apontava como fatores negativos à abertura da escola o fato de São Carlos não contar com oficinas mecânicas, que seriam fontes de recursos para o funcionamento da escola e prática futura dos alunos e, em segundo lugar, o fato de o prédio ter sido construído para o funcionamento de uma escola complementar, o que dificultava sua adaptação para o recebimento de equipamentos pesados, como os mecânicos e elétricos. Por última razão, a questão sócio-econômica considerada circunstância desfavorável de caráter geral:

[...] uma escola profissional modesta, destinada á preparação de simples operários, só poderá recrutar alumnos nas classes pouco favorecidas da fortuna, e. por isso mesmo, ella só se tornará viável sob a forma de internato gratuito. [...]. Por outro lado, as aspirações da população de São Carlos e de toda a zona circumjacente são assaz conhecidas e acham se por assim dizer crystallizadas no distico que se lê no frontespicio do predio: Escola Complementar Conde do Pinhal.

O que S. Carlos quer—e essa aspiração é antiga—é uma escola destinada á formação de professores primários (CAMARGO, 1911, p. 10).

Após o resultado do relatório, como afirma José de Camargo (1911, p. 10):

[...] tudo conspirava para o bem desta terra, havendo optimas disposições por parte dos governos já mencionados: o dr. Carlos Botelho nos deu o prédio; o dr. Padua Salles nos daria uma escola profissional, movido pelo ardente desejo de uma experiencia, que, certamente, seria de grandes resultados para nossa vida industrial.

Surgiu então a idéia, mais que desejada pela elite são-carlense, como vimos acima nas palavras do autor, para o aproveitamento do edifício, a criação de uma Escola Normal. Segundo Nosella & Buffa (1996, p. 35):

[Era essa a] escola que melhor correspondia às necessidades da elite cafeeira são-carlense, cuja prosperidade econômica e prestígio político já eram notáveis, era uma escola humanista tradicional de cultura geral, voltada principalmente à formação das moças bem nascidas e destinadas a se tornarem esposas e mães cristãs. Ou seja, nessa época, uma Escola Normal Secundária. Essa escola apresentava-se aos olhos de todos como uma verdadeira faculdade, aberta também aos melhores talentos - moças e rapazes - da classe média.

Tal projeto era garantido pela lei n. 88, de 8 de Setembro de 1892, que criava três escolas normais secundárias, das quais apenas uma havia sido instalada. O projeto foi apoiado por Oscar Thompson, então Inspetor Geral da Instrução Pública de São Paulo, e concretiza-se por meio do artigo 45, da Lei Orçamentária do Estado, n. 1245, de 30 de Dezembro de 1910, propiciando a criação da Escola Normal Secundária de São Carlos.

Em 3 de fevereiro de 1911, foram feitas as primeiras nomeações do pessoal docente e administrativo da escola. O prédio da Escola Complementar Conde do Pinhal também foi julgado insuficiente para abrigar a Escola Normal Secundária, que ficou lá instalada provisoriamente, mas já se pensava na construção de um edifício condizente com sua importância. Em 18 de setembro de 1913, foi lançada, festivamente, a pedra fundamental do "majestoso edifício, ainda hoje eminente, no alto da colina central" (NEVES apud NOSELLA & BUFFA, 1996, p. 37), no qual, em 1916, a Escola Normal foi instalada.



**Ilustração 1: Escola Normal de São Carlos na rua José Bonifácio, onde ficou instalada de 1911 a 1916**

A Escola Normal Secundária de São Carlos é criada com um currículo encarregado de formar um profissional imbuído dos valores republicanos, com a maior parte das disciplinas voltadas para a cultura geral, letras e ciências modernas. A formação pedagógica ficava por conta das disciplinas de Psicologia, Didática e, principalmente, a observação na Escola Modelo Anexa.

As primeiras nomeações realizadas pelo decreto de 3 de fevereiro de 1911 foram:

Diretor: João Chrysostomo.  
Lentes: Português, Latim e História da Língua, João Augusto Pereira Junior;  
Francês e Inglês, Juvenal de Azevedo Penteadó;  
Aritmética e Álgebra, João Lourenço Rodrigues.  
Oficial (nas funções de Secretário e bibliotecário), José de Camargo;  
Amanuense, Luiz Schreiner.

Chrysostomo ocupou o cargo até o dia 25 de novembro de 1911, quando foi nomeado Inspetor Geral da Instrução Pública do Estado, ocupando a vaga de Oscar Thompson. Juvenal de Azevedo Penteadado assumiu o cargo de Diretor Interino da Escola, em 1 de Dezembro, mantendo-se nele até 1919, com sua morte. Na *Revista da Escola Normal de São Carlos* há um artigo escrito por Proença sobre a trajetória de Penteadado e as agruras por ele enfrentadas, às quais, segundo o autor, resultaram em seu falecimento em abril de 1919 (PROENÇA, 1919, p. 4). No período em que Penteadado dirigiu a escola, suas responsabilidades foram divididas com uma comissão composta por lentes da Escola Normal Secundária de São Carlos (PIROLLA, 1988), mas não encontramos informações sobre os demais participantes dessa comissão. Após a morte de Penteadado, Mariano de Oliveira assume o cargo de Diretor.



**Ilustração 2: Prédio da Escola Normal Secundária de São Carlos na rua São Carlos, inaugurado em agosto de 1916**

A primeira aula ocorreu no dia 22 de março de 1911, com um total de 62 alunos: 20 da seção masculina e 42 da feminina. As primeiras três turmas formadas pela Escola Normal Secundária de São Carlos datam de 1914, quando formaram-se

27 alunas e 7 alunos; de 1915, 31 alunas e 9 alunos; e 1916 quando formaram-se 27 alunas e 10 alunos.

## Capítulo 2

Neste capítulo buscamos focar a trajetória editorial da revista *Excelsior!* (1911-1916) considerando aqueles pontos mais pertinentes aos nossos objetivos, ou seja, tentando compreender o *habitus professoral* desenvolvido para o aluno-mestre inicialmente nesse periódico, além da importância da sua criação e manutenção.

Analisamos *Excelsior!* dividindo-a, inicialmente, em duas fases: A primeira fase sob o apoio do diretor da Escola Normal Secundária de São Carlos João Chrysostomo e de seu professor João Lourenço Rodrigues, que compreende o momento da criação da revista até o terceiro número publicado, quando diretor e professor haviam sido removidos para a Inspeção Geral da Instrução Pública e Escola Normal da Capital, respectivamente. O terceiro número é tomado como um número de transição, mas componente da primeira fase, pois aparenta não contar com a participação efetiva de Chrysostomo e Rodrigues, mas ainda comemorava a grande vitória que era a de ter um diretor da escola no comando da Inspeção Geral. A segunda fase, do quarto ao sétimo número, período em que ocorrem grandes mudanças na feição editorial da revista, que vão desde o projeto gráfico à escrita propriamente dita, que se distingue pelos trabalhos desenvolvidos em sala de aula, tendo a frente o professor João de Toledo.

### **2.1 O início da configuração do *habitus professoral* para o *aluno-mestre*: o Grêmio Normalista “Vinte e Dois de Março” e a revista *Excelsior!***

Tão logo a Escola Normal Secundária de São Carlos é inaugurada surgem o grêmio normalista e sua revista, a primeira publicação da escola<sup>22</sup>. O Grêmio Normalista “Vinte e Dois de Março” foi o responsável pela publicação da revista *Excelsior!*. Ambos surgem da iniciativa do diretor da escola, João Chrysostomo e, ao

---

<sup>22</sup> As revistas publicadas pela Escola Normal Secundária de São Carlos e datas de primeira publicação foram as seguintes: *Excelsior!*, em 1911; *Revista da Escola Normal de São Carlos e O Estudo*, em 1916?; *O Raio Verde*, em 1917; *O Sorriso*, em 1928; *O Normalista*, em 1929; *O Paulista*, em 1933; *Sociologia*, em 1936; *Anuário*, em 1939; *Suplemento Estudantino*, em 1940; *Boletim do Clube de Sociologia e História do Brasil*, em 1941; *O Estudante*, em 1963; *O fenômeno*, *O atletário*, e *O Pernilongo*, em 1972; e *O Curioso*, em 1973.



que parece, também de Oscar Thompson. Por determinação do diretor da escola, no dia 27 de março de 1911, cinco dias após o início das aulas, todos os alunos reuniram-se com a finalidade da fundação de um grêmio literário e pedagógico a fim de “[...] exercitar-se na arte da palavra elaborando trabalhos litterarios e pedagogicos [...] [e] estreitar nos alumnos o vinculo de solidariedade e participação na sociedade” (CAMARGO & SANTOS, 1911, p. 6).

O diretor da Escola Normal Secundária de São Carlos propôs ainda que o grêmio normalista em fundação seguisse o modelo estatutário do Grêmio da Escola Normal da Capital, com a leitura dos títulos I a VI do estatuto da escola da Capital e logo depois ocorreu a abertura da votação “[...] sendo plenamente aprovados” (CAMARGO & SANTOS, 1911, p. 6). O diretor chamou atenção especial para o artigo 3º do título II: “Para ser admittido socio é necessario ser alumno matriculado em o curso secundario da Escola Normal ou ser por ella diplomado” (CAMARGO & SANTOS, 1911, p. 6). Ressaltou ainda, segundo consta na ata, “que tambem era de seu parecer que, a nenhuma pessoa que não seja ou não tenha sido alumna desta Escola, deve ser permittido associar-se ao Gremio então fundado” (CAMARGO & SANTOS, 1911, p. 6). Verificamos não apenas a diretoria da escola atuando no grêmio normalista, mas também a Inspeção Geral da Instrução Pública, mais precisamente o Inspetor Geral da Instrução Pública, Oscar Thompson, fato indicado pela manutenção do financiamento da revista nos primeiros anos (PIROLLA, 1988, p. 53) e na fala de João Chrysostomo, depois de aprovada a criação do grêmio normalista em votação por maioria,

Sua Exa. [o diretor] a dirigir-se aos sócios, externando-lhes o contentamento que lhe ia n'alma por ter conseguido satisfazer um desejo do Dr. Inspetor Geral do Ensino, desejo que também era seu, fundando, em sua Escola, um Gremio litterario e pedagogico<sup>23</sup> (CAMARGO & SANTOS, 1911, p. 6).

Consumada a primeira reunião e redigida a sua ata, fica o registro da atuação de João Chrysostomo diretamente na assembléia de criação do Grêmio Normalista “Vinte e Dois de Março”, presidindo a reunião, propondo um modelo de estatuto – o

---

<sup>23</sup> Partindo do Diretor Geral da Instrução Pública, os inspetores juntamente com os diretores das escolas, cumpriam a função de mobilizar as gerações mais novas em torno de ideais comuns, por meio da promoção de cerimônias que incentivavam os alunos a partilharem de uma identificação social comum (Cf. MONARCA, 1999, p. 233).

da Escola Normal da Capital – e atentando para aspectos considerados, por ele, mais importantes. Chrysostomo defendeu a participação no grêmio normalista apenas aos alunos matriculados no curso secundário da escola normal são-carlense ou diplomados pela mesma instituição, ou seja, alunos e ex-alunos daquela instituição. Assim, o diretor protegeu o grêmio de qualquer elemento externo, em primeiro lugar dos não normalistas e, em segundo, aos não alunos da Escola Normal Secundária de São Carlos.

Chrysostomo parece seguir orientações oficiais sobre a constituição do grêmio normalista e sua atuação, bem como sobre a publicação do periódico. O fato de o grêmio ter sido criado tão rapidamente, logo após o início das aulas, demonstra que este estava previsto na estrutura da Escola Normal no estado de São Paulo, o que é evidenciado pela existência de grêmios nas demais escolas normais criadas a partir de 1911. É bom ressaltar que, em novembro de 1911, Chrysostomo foi empossado Inspetor Geral da Instrução Pública do estado de São Paulo, ocasião em que deixa a Escola Normal Secundária de São Carlos e o cargo de diretor desta é ocupado interinamente pelo professor Juvenal de Azevedo Penteado.

A participação da Inspeção Geral da Instrução Pública indica grande interesse na instituição do grêmio normalista e, com certa urgência, em seu estabelecimento, uma vez que nos primeiros dias da instalação da escola já estava criado o grêmio literário e pedagógico. Tal prontidão e pressa são fatores que demonstram o interesse e a importância dedicados às alunas e alunos, projetados como futuras professoras e dirigentes da educação, assim como a tentativa de controlar e tutelar sua formação. Indicam possivelmente um projeto para a constituição de agremiações estudantis, posto que agremiações desse tipo já existissem no estado.

Durante a primeira assembléia, Chrysostomo fez questão de exprimir seus pareceres e opiniões, colocando sempre em primeiro lugar a função do grêmio para a elevação da classe e da imagem do professor – à qual, mais tarde, todos os presentes deveriam pertencer – e o desenvolvimento do vínculo de solidariedade e participação na sociedade. Lembrando que a participação promovida pelo grêmio deveria ser mediada por um teor artístico literário e não político:

Não basta o prestígio de uma espada, disse algures Ramalho Ortigão, para determinar um movimento revolucionário na massa de uma nação. É preciso em primeiro lugar que haja uma idéia; é preciso depois que essa idéia se traduza numa fórmula artística (A REDACÇÃO, 1911, p. 5).

Um aspecto importante que devemos destacar é o fato de que não há a explicitação para os alunos de que o associativismo discente que se empreendia naquele *campo* já possuía uma história, iniciada pelos alunos normalistas no final do Império. O associativismo discente já vinha se consolidando no meio normalista pelo menos há duas décadas, inclusive com a participação de Oscar Thompson, João Crysostomo e João Lourenço Rodrigues, lembrando que em áreas como o Direito, tal movimento era cinquentenário<sup>24</sup> e fortemente político, assim como foi o início do associativismo discente entre os normalistas.

No caso normalista, a história do associativismo discente teve início na Escola Normal da Capital (instalada na Rua do Carmo) em 1889 com a fundação do *Club Republicano Normalista*. João Lourenço Rodrigues, dois anos antes, enquanto candidato a normalista, já sabia das disputas entre republicanos e monarquistas na escola normal e fora dela. Como aluno participou do abaixo-assinado em favor do Cônego Manoel Martins, assistiu à greves e à criação do *Club Republicano Normalista*.

Essa história das associações discentes se desenrola com a implantação da República. Os alunos, desta vez prestigiados, fundam a primeira associação discente sob a proteção da Escola Normal, a *Arcadia Normalista*, uma entidade oficial, com apoio de Caetano de Campos, do Secretário do Interior Rubião Junior e do deputado estadual Arthur Breves.

As coincidências na implantação dessa associação, com a criação do Grêmio Normalista “Vinte e Dois de Março” não são poucas. *Arcadia Normalista* serve de referência para a implantação do estatuto do grêmio são-carlense, mas não foi a primeira associação discente no mundo normalista. A primeira foi o *Club Republicano Normalista*, com teor político combativo e oposicionista diferente da *Arcadia*, que possuía reforçado viés literário e permaneceu sob a tutela do Estado.

---

<sup>24</sup> “Em 1860, eram 10 as associações atuantes: Ensaio Filosófico, Ateneu Paulistano, Culto à Ciência, Ipiranga, Instituto Acadêmico, Brasília, Amor à Ciência, Clube Científico, Recreio Instrutivo e Guaianá [...]” (HILSDORF, 1986, p.54).

As referências à *Arcadia Normalista* não se limitam ao seu estatuto. Aqueles que participaram de sua instalação em 1890, Oscar Thompson, João Chrysostomo B. dos Reis Jr. e João Lourenço Rodrigues, tomam a *Arcadia Normalista* como estratégia muito mais ampla, uma experiência a ser repetida em minúcias. As datas de criação das associações, dois de agosto em São Paulo e vinte e dois de março em São Carlos, ambas datas das respectivas inaugurações das escolas e tomadas para dar nome às agremiações.

Na Escola Normal da Capital, no dia dois de agosto, foi promovida pelos alunos uma sessão literária a qual foi presidida pelo diretor da Escola Caetano de Campos, como em São Carlos, por João Chrysostomo. Como ocorreu em São Carlos, na sessão literária da capital em 1890 foram lidos poemas, houve discursos em prol da república e da instrução em um momento de grande entusiasmo. Dias depois, “os jovens estudantes, estimulados pelos resultados do improvisado festival, fundaram [...] um gremio literario que recebeu o nome de *Arcadia Normalista*, e incluíram no seu programma a publicação de uma revista (RODRIGUES, 1930, p. 283). Oscar Thompson foi escolhido o primeiro presidente da agremiação, encarregada de publicar a *Revista de Instrução!*

É bom ressaltar que as estratégias de cooptação do alunado, assim como toda a forma de manejá-los vêm embasados em um conjunto de idéias comuns que se explicitam durante a leitura dos textos analisados. O fato de não haver explicitação dos fatos passados e ainda vívidos na memória dos professores, como João Lourenço Rodrigues, vem a reboque das concepções que diziam que o professor devia falar ao alcance do alunado, ou somente o necessário. Mais que falar aos alunos, o professor deveria mostrar, exemplificar, dar a ver, reforçando que imagem do ex-normalista tornado administrador escolar de sucesso eram pontos importantes na revista e deveriam causar um impacto mobilizador e animador no alunado.

A imagem do jardineiro é a base dessa forma de ação do professor, reforçando que a escola deveria recriar o espaço da realidade, proporcionar o desenvolvimento natural com a eliminação do mal. Mostrar pontos negativos da sociedade que pudessem desviar o alunado da rota educativa traçada, pontos esses

que deveriam ser evitados. Dessa forma, as explicações dos professores<sup>25</sup> obedeciam aos limites considerados como a compreensão dos seus alunos. A posição do mestre, garantia o poder de decidir o que deveria ser dito ou não, o que seria necessário e o que seria desnecessário dada a compreensão que se alcançaria. São concepções que se desenrolam em torno da idéia que tinham de república representativa e liderança natural advindas da adaptação biológica e sociológica. Tais divisões ocorriam primeiramente da natureza da divisão professor x aluno e se desenvolviam até a relação entre aluno x aluno, com a defesa do *leader*, do timoneiro, do homem no papel dirigente e da mulher nos papéis secundários. Portanto, a liberdade anunciada na constituição do grêmio e sua revista, entidades que dariam voz ao alunado, são relativas ou muito limitadas, pois, as vozes que se ouvem primeiramente nesses espaços são as dos professores, apresentando uma forma de dirigir, conformadora, aconselhadora e diretiva, que se distanciava dos ideais divulgados pelos jovens recém-chegados à escola, que se definiam, como uma “[...] mocidade ardente e cheia de idealismos alcandorados, mocidade que, no ardor do seu entusiasmo, não se percebe da pobreza dos seus recursos de acção” (A REDACÇÃO, 1911, p. 5). Aventureiros como denotado já na escolha do título da revista, inspirado na balada de Longfellow.

A revista *Excelsior!* surge cumprindo o papel de dar visibilidade às práticas ocorridas na escola, firmando-a junto à sociedade. Ponto central para uma escola que se instalava sob o signo do futuro e grandes investimentos na construção do imponente prédio e compra de materiais importados da Europa e Estados Unidos da América.

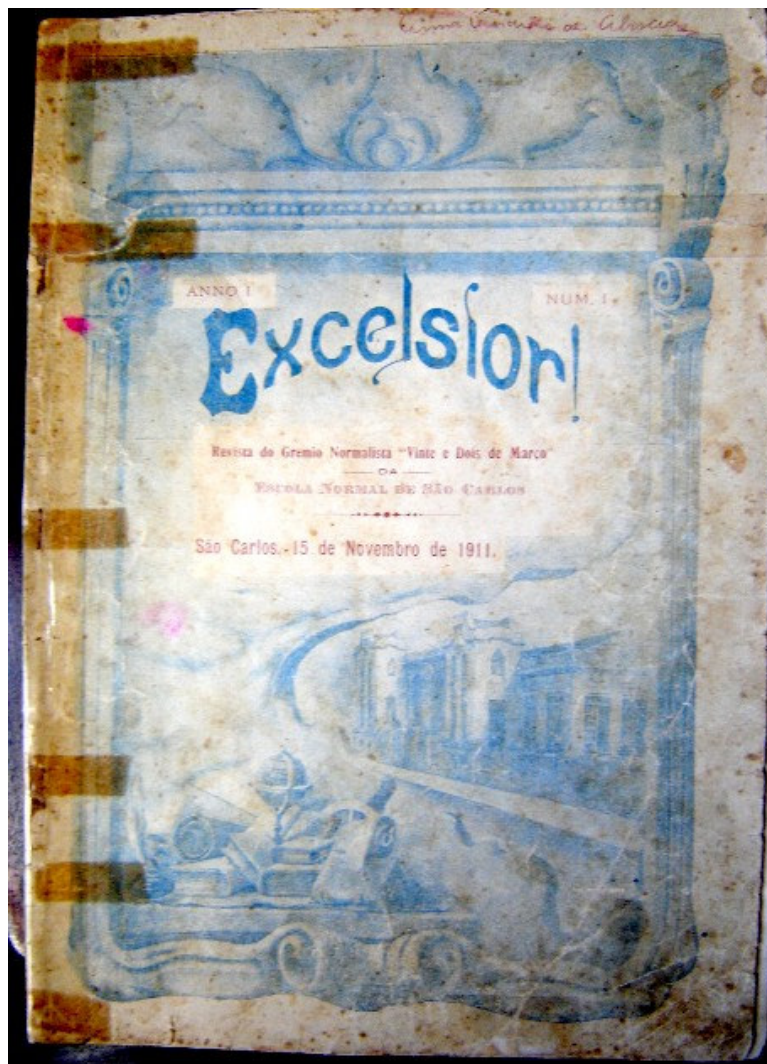
Entre os autores, além de alunas, alunos e professores (responsáveis pela seleção e revisão dos artigos), encontra-se a presença de diretores e do secretário da escola, homens de influência da sociedade local e outros convidados, embora nem todos tenham sido identificados por nossa pesquisa. Como dissemos, são artigos resultantes de conferências promovidas pela Escola Normal Secundária de São Carlos e entidades da sociedade são-carlense, além de encomendas feitas por professores e alunos. Também foram publicadas reproduções de artigos de

---

<sup>25</sup> Os professores, ao contrário do que pregavam pareciam falar muito, “[...] a palavra é a arma do magistério [...]. É fallando, é conversando que o professor instruirá e educará o espirito infantil” (RODRIGUES apud ROCHA, 1913, p. 10), que o diga a quantidade de textos veiculados nos periódicos e apresentados em conferências.

escritores como Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Euclides da Cunha e Rui Barbosa.

Quanto aos aspectos tipográficos, a revista tinha diagramação simples, com medidas de 27 x 20 cm. As capas com título no alto ao centro, informações sobre o nome da escola e entidade responsável pela produção da revista, ano, número do exemplar e data. As capas ilustradas – três no total – apresentam a mesma gravura, feita pelo professor de Desenho e Caligrafia Raphael Falco, da fachada do prédio da Escola Normal Secundária de São Carlos e em primeiro plano uma escrivaninha com livros grossos, pergaminhos e um globo terrestre sobre o móvel. Tais objetos estavam em consonância com o que indicavam os novos métodos – principalmente, o método intuitivo, a lição de coisas – focando o processo de ensino nos objetos, no aspecto sensível, no visível, no palpável. Como exemplificamos na atuação de Caetano de Campos na Escola Normal da Capital e na atuação de Carlos da Silveira em Sergipe, a compra de materiais importados e a valorização de tais objetos se repete e denota um tipo de estratégia exercida pelo grupo hegemônico nesse *campo*.



**Ilustração 3: capa da primeira edição de *Excelsior!***

É bom ressaltar que, logo após o sumário do primeiro número da revista, estão reproduzidas fotos do governador do estado de São Paulo, Albuquerque Lins, do Secretário do Interior, Carlos Guimarães, e do Inspetor Geral da Instrução Pública Oscar Thompson. Na seqüência se intercalam fotos do diretor, dos lentes e professores da Escola Normal Secundária de São Carlos e uma foto da escola, ainda instalada provisoriamente no prédio da rua José Bonifácio. Chartier (1990, p.130) classifica tais especificidades editoriais como “protocolos de leitura”. Esse tipo de estratégia supõe uma leitura implícita, que busca governar a leitura a partir dos protocolos de leitura ou lugares de memória do texto, mesmo que as imagens não tenham originariamente qualquer relação com o texto que ilustram. Segundo o

mesmo autor, “do mesmo modo, a imagem, no frontispício ou na página do título, na orla do texto ou na sua última página, classifica o texto, sugere uma leitura, constrói um significado. Ela é protocolo de leitura, indício identificador” (CHARTIER, 1990, p.132). O que também se aplica ao nosso estudo, posto que faziam uso de gravuras nas capas, feitas especialmente para a revista, bordas e divisórias de colunas com ornamentos floridos.

Foram publicadas fotografias em mais dois números da revista, contendo fotos (estilo medalhão) de personalidades republicanas como Rio Branco, dos diretores da Escola, dos professores da Escola Normal Secundária de São Carlos, além de fotos dos alunos dirigentes do grêmio normalista, das turmas de alunos divididas em seção masculina e feminina e do prédio da escola. A ordem de publicação era a descrita acima: primeiras páginas para o governador, inspetor geral da instrução pública, até chegar às últimas com fotos das seções masculina e feminina de alunos. No mesmo caminho demonstrado pela diminuição do número de páginas e alternância de tipografias, houve um decréscimo na publicação de fotografias, com total ausência destas já a partir do terceiro número. Ao que tudo indica, *Excelsior!* perde a subvenção da Inspetoria Geral da Instrução Pública com a saída de Chrysostomo e Rodrigues.

A parte interna da revista é quase sempre organizada em duas colunas, com variações para os poemas. As divisórias das colunas, as bordas e ornamento das laterais, assim como os cabeçalhos das páginas são clichês comprados em São Paulo. Há também imagens de ramos de flores gravadas nas bordas das páginas, muitas delas se repetem nos números. Informações acerca dos aspectos tipográficos são importantes para a compreensão da revista como um todo, pois, segundo Chartier (1998, p. 13), os leitores “[...] não se defrontam jamais com textos abstratos, ideais e desprendidos de toda a materialidade: manejam ou percebem objetos e formas cujas estruturas e modalidades governam a leitura”.

[...] *volumen* que se desenrola, *codex* que se folheia, manuscrito redigido ou ilustrado com pluma ou ponta de metal, texto datilografado, computadorizado, ou impresso, cordel, livro, panfleto, volume isolado ou de coleção, capítulos, paginação, exórdios, prefácios, posfácio, notas – e toda a variedade grande dos materiais – papiro, pergaminho, papel, fitas, disquete – e dos tipos e tamanhos de letras, dimensões da página etc. Aqui, o interesse da operação de Chartier **consiste principalmente no fato de incluir a matéria no**



sentido, evidenciando que o suporte ou a ordenação material da mensagem é signo que organiza a forma da sua percepção nas apreciações (CARVALHO & HANSEN, 1996, p. 10, grifo nosso).

A distribuição do periódico era gratuita para os alunos da Escola Normal Secundária de São Carlos – todos sócios do grêmio normalista – e não há informações sobre vendas ou assinaturas para pessoas externas a essa organização. Sobre a circulação da revista, temos poucos indícios, mas, sabemos que, além de circular em toda a Escola Normal Secundária de São Carlos e sociedade local, chegava a alcançar outras cidades do estado de São Paulo e até mesmo fora dele<sup>26</sup>. Não há, em nenhum dos exemplares, explicitação sobre a tiragem da revista.

Ano	Nº	Data	Tipografia	Págs.	Capa	Sumário	Fotografias	Ilustrações
1	1	15/11/1911	Sem referência	26	Sim	Sim	Sim	Não
1	2	22/03/1912	Aldina – S.Carlos	22	Sim	Sim	Sim	Não
2	3	02/1913	Casa Graphica – S.Paulo	18	Sim	Não	Sim	Sim
2	4	18/10/1913	Aldina – S.Carlos	16	Não	Sim	Não	Não
2	5	15/11/1913	Aldina – S.Carlos	19	Não	Sim	Não	Não
3	6	09/1914	Sem – Referência	18	Sim	Sim	Não	Não
4	7	07/09/1916	Joaquim Augusto – S.Carlos	15	Não	Sim	Não	Não

**Quadro 1 – Aspectos gráficos – revista *Excelsior!***

<sup>26</sup> *Excelsior!* era permutada com as revistas: *Estímulo*, do Grêmio Normalista “Dois de Agosto” da Capital; e *Mentor*, do Grêmio Normalista de Piracicaba. Ainda há informações sobre distribuição para o Grêmio Normalista de Guaratinguetá, “12 de Outubro” da Escola de Pharmacia da Capital, “11 de Abril” da Escola Normal de Guaratinguetá, e “16 de Maio” de Botucatu.

Como observamos no quadro 1 a revista foi publicada com periodicidade variável: do primeiro para o segundo número passaram pouco mais de 3 meses; do segundo para o terceiro, 11 meses; do terceiro para o quarto, 8 meses; do quarto para o quinto, menos de 1 mês; do quinto para o sexto, 10 meses; do sexto para o sétimo, 24 meses. A idéia inicial referente à periodicidade era a de publicar os números em datas comemorativas, como foi o caso dos números 1 (15/11/1911), 2 (22/03/1912), 5 (15/11/1913) e 7 (7/09/1916) relacionados às datas da Proclamação da República, aniversário da Escola Normal Secundária de São Carlos e Independência do Brasil, respectivamente.

Outra informação que devemos pontuar refere-se à alternância entre as tipografias em que a revista foi impressa. Essa alternância ocorreu provavelmente por motivos de redução de custos na sua produção. O número de páginas por edição também variou, apresentando um decréscimo até sua extinção. A média foi de aproximadamente 19 páginas por número, sendo que os primeiros números contam com 26 e 22 páginas, decrescendo a 15 páginas na publicação de 1916.

## **2.2 Sob a tutela de Rodrigues:** reprodução do modelo da Escola Normal da Capital

O primeiro número, aqui citado por algumas vezes, surge em 15 de novembro de 1911, quase oito meses depois da criação do Grêmio Normalista “Vinte e Dois de Março”. Em seu editorial são explicitados alguns termos da criação da revista, assim como a idéia do seu nome, inspirado na balada *The banner*, do escritor norte-americano Henry Wadsworth Longfellow. Como apontamos, no editorial, após uma breve explanação sobre a balada, o autor faz uso das palavras do poeta português Ramalho Ortigão (1836-1915): “Não basta o prestígio de uma espada, [...]. É preciso em primeiro lugar que haja uma idéia; é preciso depois que essa idéia se traduza numa formula artistica” (A REDACÇÃO, 1911, p. 5).

Mas os ideais da revista não são revolucionários, o autor faz questão de ressaltar: “[...] a obra da escola é toda de paz, de cordialidade, de concordia, e, por isso mesmo, a legenda Excelsior vale por um programma” (A REDACÇÃO, 1911, p. 5). Mesmo não se considerando revolucionários, A Redacção considera o herói da

balada um símbolo, comparado a Dom Quixote e Cyrano de Bergerac, que personifica a mocidade normalista:

Elle personifica a mocidade ardente e cheia de idealismos alcandorados, mocidade que, no ardor do seu entusiasmo, não se percebe da pobreza dos seus recursos de acção. Falta-lhe espirito pratico e sobra-lhe optimismo, mas nesse optimismo está, quase sempre, o segredo de suas victorias (A REDACÇÃO, 1911, p. 5).

Essa é a expressão de uma forma de idealismo que não conhece limites dados pela realidade concreta e que também não sabe ao certo como realizar seus ideais. E, apesar de não terem objetivos claramente definidos, ao menos têm uma idéia sobre o que periódico lhes proporcionará e chegam a esboçar suas pretensões,

[...] cultivar o proprio gosto litterario, desenvolver o seu discernimento discutindo os problemas didacticos de maior momento, congregar os esforços, formar o espirito de classe. Pretendem mais, muito mais ! Ah ! Quem seria capaz de dizer quaes são os programmas da mocidade ? (A REDACÇÃO, 1911, p. 5).

Como vemos nesse primeiro número, há muito entusiasmo por parte dos alunos, mesmo sem ter clareza do que pretendem fazer. No trecho acima há uma preocupação com as questões didáticas e ainda com “o espírito de classe”. Nesse sentido, a revista se adequou aos objetivos da instituição que a abriga. Os alunos sabiam de suas responsabilidades, pois os objetivos apresentados em assembléia foram todos enunciados pelo diretor, e, ainda, sentiam recair sobre os ombros as suas responsabilidades para com a sociedade são-carlense e para com a escola. Assim

[a revista] será um elemento decisivo a sympathia, o apoio do nosso meio social e por isso acolhe-se confiante á sombra da sua generosidade. Agora só nos resta cumprir um dever de cortezia. Ao entrar na arena do combate, seja o nosso primeiro acto apresentar as nossas saudações mais carinhosas aos nossos preclaros mestres, á culta sociedade de S. Carlos, aos nossos irmãos das outras escolas do Brasil e de um modo particular aos veteranos experimentados do jornalismo indigena (A REDACÇÃO, 1911, p. 5).

É bom ressaltar que, logo após o sumário da revista, antes do editorial, estão reproduzidas fotos do governador do estado de São Paulo, Albuquerque Lins; do Secretário do Interior, Carlos Guimarães; e do Inspetor Geral da Instrução Pública Oscar Thompson. Assim como na seqüência se intercalam fotos do diretor, dos lentes e professores da Escola Normal de São Carlos e uma foto da escola, ainda instalada provisoriamente no prédio da rua José Bonifácio. Chartier (1990, p.130), classifica tais especificidades editoriais como “protocolos de leitura”, esse tipo de estratégia supõe uma leitura implícita, que busca governar a leitura a partir dos protocolos de leitura ou lugares de memória do texto, mesmo que as imagens não tenham originariamente qualquer relação com o texto que ilustram, afirma o autor (1990, p. 130-131). Segundo o mesmo autor (1990, p.132), “Do mesmo modo, a imagem, no frontispício ou na página do título, na orla do texto ou na sua última página, classifica o texto, sugere uma leitura, constrói um significado. Ela é protocolo de leitura, indício identificador”. O que também se aplica ao nosso estudo, posto que faziam uso de gravuras nas capas, feitas especialmente para a revista, bordas e divisórias de colunas com ornamentos floridos.

Entre os artigos, daqueles escritos por **não** alunos, que tiveram destaque nesse primeiro número está “Escola Normal de São Carlos - Sua criação e instalação” escrito pelo secretário e bibliotecário da escola, José de Camargo. Nele, o autor relata aspectos políticos da criação da escola normal em São Carlos, ressaltando a atuação das forças políticas no processo, sempre afirmadas como de grande nobreza e de muito esforço, ressaltando também o interesse da cidade por sua elevação cultural: “o que S.Carlos quer – e essa aspiração é antiga – é uma escola destinada á formação de professores primários” (CAMARGO, J., 1911, p. 10).

Nesse empenho altamente dignificador, esforços constantes foram empregados junto aos poderes publicos do Estado, por todos os dirigentes da politica local, que amando sinceramente esta terra, e desejando para ella uma posição de destaque entre as principaes cidades do interior, tudo fizeram por conseguir tão alevantado intento (CAMARGO, J., 1911, p. 10).

Na seqüência, o professor de Aritmética e Álgebra João Lourenço Rodrigues assina o artigo “Fazer para aprender”, em que trata de Pestalozzi, tomando para si a responsabilidade de escrever o primeiro texto de ordem didático-pedagógica. Pela seqüência de autores citados, podemos começar a ter idéia dos saberes

educacionais privilegiados na primeira fase da revista, Pestalozzi e Fröbel. No artigo, o professor analisa rapidamente os processos educativos da época de Pestalozzi, como o fato de o papel da criança ser puramente receptivo e reprodutivo. Discute sucintamente o plano educativo de Pestalozzi e aponta uma falha ou lacuna em seu trabalho, a falta de meios sistemáticos para a educação da mão, lacuna preenchida pelos estudos de Fröbel. Há ainda a relação dos dons Fröbelianos fundamentadas em quatro grupos por Omer Buyse (*Méthodes américaines*). Rodrigues (1911, p. 13), termina, dirigindo-se aos seus alunos:

Futuros preceptores [...] não podem, não devem ignorar a função do trabalho manual na escola, a sua importancia como factor da nossa educação integral.

Não se trata de adquirir pericia no manejo das ferramentas, na execução de um trabalho. Mesmo nos Estados Unidos onde dominam as preocupações utilitaristas, o trabalho manual nunca vae até a aprendizagem. Não se tem em vista formar o operario: o que se pretende formar é o homem, isto é, o individuo capaz de conceber um plano e aparelhado para o executar.

Sob entusiasmo do número de estréia, o aluno Architiclino dos Santos assina o artigo “Estimulando”, em que exalta a juventude e suas forças, principalmente, quando agremiadas, que não enxergam obstáculos ou dificuldades:

A mocidade é forte e arrojada, porem, reduplicam-se-lhe com esse vinculo de collectividade, e, mesmo nessa esphera pequena em que lhe é dado agir, a potencia formidavel da sua vontade faz desfacelarem-se os obstaculos que se lhe possam antolhar, qual se esborôa um bloco de neve sob as influencias dos primeiros raios solares.

A mocidade aggremiada é columna invencível (SANTOS, 1911, p. 18).

Santos discute a escolha de carreiras para o futuro, afirmando ser o magistério um caminho de responsabilidade para com a pátria: “A nós ser nos ão dados entesinhos despreoccupados e inexperientes, e o nosso trabalho delles formará cidadãos patriotas, uteis á familia, á sociedade e á pátria”. (SANTOS, 1911, p. 18). Diferentemente da carreira de magistrado que “[...] vêem sorrir-lhes a cathedra marchetada de perolas” (SANTOS, 1911, p. 18) ou de médico seduzidos pelas descobertas da ciência que aliviam o sofrer da humanidade, o magistério é

“[...] missão tão honrosa quão modesta, tão sympathica quão difficil, cujo desempenho ser-nos-á confiada” (SANTOS, 1911, p. 18). Ao final, toma como exemplo de valor e arrojo, Jasão e Camões. O estímulo para o arrojo e poder da agremiação tem um fim, enfrentar a jornada do magistério:

A nós se nos apresenta o surto, onde ancorada, espera nos a nau que trilhará comosco a carreira do magistério.

Magistério !

[...]

A nossa vida será vida de mestres.

Aprestemo-nos para ella.

[...]

A nossa vida será toda de consagração á Pátria.

Aprestemo-nos para ella (SANTOS, 1911, p. 18).

Nesse número há ainda os artigos “Salve, 15 de novembro!”, de Adalgisa Putti e “Gloria in excelsis”, de Haidéa Haracy de Arruda. Os artigos das alunas só aparecem nas últimas páginas. São artigos de exaltação de datas consideradas importantes como a Revolução Francesa, a Proclamação da República, a criação da revista *Excelsior!* e da Escola Normal de São Carlos apontada como “[...] a nova e futura Sagres<sup>27</sup> onde nos aparelhamos para a conquista do nosso ideal” (ARRUDA, 1911, p. 24). Para Haidéa Haracy de Arruda a revista *Excelsior!*

E’ um mensageiro que deve estimular no coração da mocidade estudiosa, os sentimentos do verdadeiro patriotismo, desse patriotismo ás vezes olvidado, desse patriotismo—força motriz do progresso da Pátria (ARRUDA, 1911, p. 24).

Ao final do número, um(a) aluno(a) identificado(a) apenas pelas iniciais do seu nome, E.S., escreveu “O mestre”, no qual discorre sobre assuntos pedagógicos como objetivo para seu artigo, sobre as ciências e os gênios e principalmente sobre o educador, o preparador de caracteres, o formador de talentos, o envolvente dos gênios que passa na obscuridade e desprezo. E.S. pede que o educador seja honrado, que se reúnam sobre o estandarte luminoso da ciência, munidos com o estudo, tendo a pátria por princípio e a liberdade como guia. Ao final, pede para seus colegas:

---

<sup>27</sup> Em referência à Escola de Sagres, em Portugal, onde eram organizados os meios necessários para as navegações que acabaram por ser o meio de expansão do território português.

Lembremos que, alumnos hoje, seremos mestres amanhã.  
Este é o nosso norte. E assim quando pizarmos a arena dos combates da vida practica, empunhando o escudo da esperança gravaremos nelle, como distinctivos: PATRIA–SCIENCIA–LIBERDADE (E.S., 1911, p. 23).

Como convidado aparece, também ao fim do número, o Dr. Menezes Vieira. Não conseguimos identificar sua origem, mas se dirige para os alunos por meio do artigo “Aos jovens professores”. Um artigo em tom de aconselhamento aos futuros professores, com incentivo à atuação firme e imparcial por parte do professor, sem acessos de cólera. Também é artigo que busca instrumentalizar o futuro professor nos fatores higiênicos.

Procurae manter a classe em estado irreprehensivel de asseio.  
Nesse ponto levae o escrúpulo ao excesso, examinando cuidadosamente os moveis e utensilios, as mãos, o rosto, as roupas das creanças.  
Mostrae-me o caderno de vosso alumno, ou o vosso livro de notas, ou a esponja usada na classe, e eu vos direi immediatamente o que sois e o que devem ser vossos discipulos (VIEIRA, 1911, p. 26).

O segundo número foi publicado no aniversário de um ano da Escola Normal de São Carlos, em 22 de março de 1912, menos de quatro meses após a publicação de estréia. Nesse número, João Lourenço Rodrigues tem grande destaque. Tal destaque talvez possa ser explicado por sua participação na conferência realizada no salão nobre da escola. Uma outra personalidade que recebeu destaque foi o diretor João Chrysostomo. Vejamos a seqüência dos artigos.

O editorial intitulado “Laboremus!” comemora o primeiro ano da fundação da Escola Normal de São Carlos, apontado como um ano produtivo,

Apezar dos entraves que tornam sempre escabrosa a marcha por um caminho de todo ainda não percorrido, apesar das dificuldades materiaes que surgem a um estabelecimento novo de falta de certos e indispensaveis aparelhos de ensino, apesar de todos esses embaraços que perturbam o começo de todas as coisas, a Escola Normal de S. Carlos soube vencer com galhardia os obstaculos, e os venceu briosamente a golpes de tenacidade indomavel, de uma boa vontade manifestamente clara (A REDACÇÃO, 1912, p. 3).

Lembrando que a Escola Normal de São Carlos ainda funcionava em prédio adaptado na rua José Bonifácio, pois o imponente e aparelhado prédio construído

para abrigar a escola só se concretiza em 1916. Seguindo, o editorial ressalta que a realização das profecias sobre a escola, vislumbrada como um empreendimento de sucesso, se efetivam graças à escolha acertada de seu diretor, naquele momento, passado um ano da abertura da escola, uma constatação supérflua, pois

Realmente, o dr. João Chrysostomo soube, ainda uma vez, collocando-se á testa de nossa Escola, ser o que elle sempre foi: um educador.

[...]

A palavra *educador* resume todos os predicados que constituem a enfiatura moral de quem dirige um estabelecimento, onde se armam cavalleiros os mestres de amanhã.

O dr. João Chrysostomo é um educador pelo espírito e pelo coração.

Assenta-lhe em toda a justeza o conceito do apophtegma:

*Right man in right place* (A REDACÇÃO, 1912, p. 3).

Em seguida, no artigo “O Barão do Rio Branco o mestre do civismo”, o professor João Lourenço Rodrigues faz uma homenagem póstuma ao Barão do Rio Branco, escrita em um dos textos mais extensos de todas as edições da revista (6 páginas), um texto pormenorizadamente detalhado sobre sua vida. No artigo são exemplificados, desde seu início, os motivos patrióticos e cívicos que o levam a proferir tal conferência e as virtudes do Barão do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos Junior) que devem ser observadas pelos alunos. O pressuposto fundamental desse artigo para o autor é a importância de conhecer os feitos dos grandes homens.

Conhecer a Patria para melhor amal-a e para melhor servil-a. [...] Antes de tudo, conhecer a Patria. Conhecel-a sobretudo no seu passado, nas suas tradições gloriosas na vida dos seus filhos mais illustres de todos aqueles que souberam dignifical-a por seus feitos, por obras de publica benemerência (RODRIGUES, 1912, p. 7).

No artigo, a vida do Barão é tratada desde sua infância e vida acadêmica. São reforçadas virtudes como o fato de ter renegado a uma vida de festas e divertimentos – como seria vida da maioria dos jovens comuns – em prol de noites e noites de estudo e dedicação, para um futuro de muitas responsabilidades para com a nação brasileira.

Nesse número, muito dos artigos assinados pelos alunos foram construídos em referência ao artigo de Rodrigues, lembrando que o artigo do professor era fruto



de seu discurso apresentado em conferência para todos os alunos da Escola Normal de São Carlos, portanto, previamente à publicação houve uma leitura pública do texto. Um exemplo é “*Ubique Patriae Memor*”,<sup>28</sup> da aluna Haidéa Aracy de Arruda em comemoração ao aniversário da fundação da Escola Normal de São Carlos, fazendo menção à conferência do professor João Lourenço Rodrigues.

...Inda perdura em meus ouvidos o echo das palavras do illustre mestre snr. João Lourenço, em sua conferencia sobre o pranteado e insigne estadista Rio Branco. Com phrases admiravelmente suggestivas, foi nos apresentada pelo conferencista a norma de fé do illustre morto – *Ubique patriae memor* (ARRUDA, 1912, p. 13).

Entre os artigos escritos por convidados está “Eminentes educadores” assinado por L.Vosso, o qual não conseguimos identificar. Nesse artigo, o autor relaciona os educadores considerados mais importantes e dignos de rememoração, numerados em seqüência com informações sobre sua data e local de seu nascimento e morte, breves aspectos metodológicos e suas grandes realizações. Entre os citados, estão Sócrates, John Milton, John Locke chegando a Pestalozzi, ressaltando os aspectos cristãos presentes nas obras de cada autor, considerando que

Se a fé christã constitue a base da instrucção, como sendo esta o testemunho principal do amôr para com os nossos semelhantes, muito tem collaborado a experiencia na necessidade da educação popular, a qual nos mostra claramente que os maiores males que affligem a humanidade se originam da Ignorancia (VOSSO, 1912, p. 15).

Nesse sentido, a atenção principal dos governos e legisladores devem se dirigir para a instrução popular, como meio de sustentação das futuras nações, sendo a base de estabilidade do edifício social (VOSSO, 1912, p. 15).

Chegando ao final do número, há uma resenha feita em três páginas pelo aluno Sebastião Pinto, intitulada “A Escola Normal: Breve resenha dos principaes factos occorridos durante o anno passado”, na qual o autor realiza um balanço dos acontecimentos do primeiro ano da escola, perpassando pelas comemorações

---

<sup>28</sup> “Onde quer que esteja meu pensamento está na Pátria”, frase incansavelmente repetida por João Lourenço Rodrigues em seu artigo, considerada lema do Barão do Rio Branco.

ocorridas, os visitantes e representantes do Estado que lá estiveram e as conferências mais proveitosas.

Na resenha, são expostas as dificuldades passadas no primeiro ano. O aluno faz questão de reforçar que um estabelecimento como aquele não se poderia organizar facilmente e elogia a ação de João Chrysostomo, pois “[...] conseguiu imprimir em breve tempo á nossa Escola, um caracteristico de estabelecimento modelar” (PINTO, 1912, p. 17). O autor ainda registra alguns problemas enfrentados, como a extensão dos programas de ensino em relação ao curto espaço de tempo. Sem ter certeza se valeria a pena registrar, o aluno ressalta o pedido feito ao governador: “[...] nessa ocasião lhe dirigimos [ao governador], para que nos concedesse ferias maiores, ao que elle não accedeu, simplesmente porque aquella medida se lhe afigurava necessaria, a bem da instrucção e do bom nome da Escola” (PINTO, 1912, p. 17).

Resignados com a negativa, “entramos para a luta, como já dissemos, com uma dúvida, mas dispostos a trabalhar” (PINTO, 1912, p. 17), ressalta o autor. Ao final do semestre, ainda conseguiram adiantar-se aos colegas das demais escolas normais secundárias, segundo o autor: graças à disciplina da boa conduta. “Em todo o caso lembraremos que não houve absolutamente facto algum, tanto na secção masculina como na feminina, que nos desmerecesse no conceito de nossos severos mestres” (PINTO, 1912, p. 17). Como prova de tal afirmação à ação do diretor que, “[...] em todas as reuniões do nosso Gremio, a par de um conselho para nossa conducta futura, tinha sempre um elogio para nossa conducta anterior” (PINTO, 1912, p. 17). Após esse trecho o aluno perpassa os acontecimentos ocorridos na escola durante 1911, as festas e cerimônias etc. Começa pela primeira comemoração cívica realizada na escola em 3 de maio de 1911, a comemoração da data do descobrimento do Brasil. Celebração dirigida pela “[...] encarnação do esforço e do amor ao trabalho” (PINTO, 1912, p. 17), o professor João Lourenço Rodrigues. A reunião foi aberta pelo diretor e contou com a exposição do professor Rodrigues sobre a escola de Sagres, um trabalho de “[...] de alto merecimento e admiravel valor historico, elle o fez para os seus queridos alumnos” (PINTO, 1912, p. 18). Em sua exposição, Rodrigues ressaltou a escola de Sagres como um ninho de águias e concluiu seu discurso:

Senhores alumnos ! Que o vosso lemma aqui seja – – *Por Deus e pela Pátria!* – – para fazerdes pela patria brasileira o que os intrepidus nautas de Sagres fizeram pela grande patria commum, porque, asseguro-vos, o futuro será vosso e a patria saberá agradecer-vos! (PINTO, 1912, p. 18).

O segundo evento ocorrido foi a comemoração da data de 14 de julho e inauguração do grêmio normalista, com objetivos de celebrar a data de emancipação dos povos e solenizar a fundação do grêmio normalista. A festa foi presidida pelo aluno Luiz de Arruda Camargo, presidente eleito do grêmio, com conferência do professor da Escola Normal de São Carlos, lente da cadeira de Português e Latim, João Augusto Pereira Junior. Em sua apresentação Pereira Junior discorreu – segundo o aluno Sebastião Pinto, demoradamente sobre “[...] o que somos e o que poderemos ser mais tarde, quando estivermos de posse de nosso diploma” (PINTO, 1912, p. 18). Pereira Junior terminou afirmando:

Portanto mocidade inteligente, moços e moças meus patricios, em cujos peitos eu sei que batem corações sedentos de gloria e capazes dos mais altos feitos filantropicos ; mocidade oriunda da raça latina—raça unica e extraordinaria, a assombrar constantemente o mundo pelas acções estupendas de seus filhos—mocidade que vindes todos os dias a este templo sagrado, morada da ciência, monumento levantado em honra ao saber, eu vos concito : praticai, praticai sempre a fraternidade nesta escola, porque fraternidade escolar quer dizer irmanação intelectual, harmonia de vistas, homojeneidade de pensar e de agir; praticai a, e amanhã, quando fôrdes senhores do pergaminho que vos ha de dar direito de acesso aos mais altos postos na carreira admiravel e sublime, que é o majisterio, confraternizai-vos e elevai até ás regiões perfeitas, a nossa escola, o vosso gremio [...] (PEREIRA JUNIOR, apud PINTO, 1912, p. 18).

A última festa realizada foi a sessão cívica de 15 de novembro de 1911, na qual solenizaram a data da proclamação da República e o encerramento das aulas. Na ocasião, Juvenal de Azevedo Penteado<sup>29</sup> era o novo diretor da escola. Segundo o autor do artigo, o diretor demonstrou em sua exposição “[...] brilhantemente o que é a carreira do magistério, discorrendo sobre as responsabilidades e as glórias dos professores” (PINTO, 1912, p. 19). René Barreto apresentou a conferência “Obra e vida de Pestalozzi”, Sebastião Pinto fez alguns comentários sobre a exposição:

---

<sup>29</sup> Lente da cadeira de Francês e Inglês.

Excusado será dizer-se aqui o valor que essa conferencia teve para nós que vamos ser professores.  
Como sabeis, Pestalozzi foi o reformador do ensino primário, e é nesse terreno que nós vamos lutar contra a ignorancia de nossos pequenos compatricios (PINTO, 1912, p. 19).

Ao final da sessão foram distribuídos diplomas de sócios honorários aos professores da Escola Normal de São Carlos: João Lourenço Rodrigues, Juvenal de Azevedo Penteado, João Augusto Pereira Junior, Raphael Falco, Lucilla Pompeo (professora de trabalhos manuais da seção feminina e inspetora de alunos), Jorge Barbato (professor de trabalhos manuais da seção masculina); além dos convidados, professores visitantes, René Barreto, Ramon Rocca Dordal dois nomes de expressão no campo educacional paulista e Mariano de Oliveira que posteriormente assumirá a direção da escola.

O autor ainda cita, além dessas cerimônias, outros eventos importantes ocorridos, como a ida do professor João Lourenço a cidade de Curitiba, PR, como representante do estado de São Paulo ao congresso de Geografia, “A sua volta, o nosso Gremio fez-lhe uma carinhosa recepção, a que se associou o povo de S. Carlos” (PINTO, 1912, p. 19). Também foi registrada a nomeação do diretor da escola, João Chrysostomo, para o cargo de Inspetor Geral da Instrução Pública. E a nomeação do novo diretor da Escola Normal de São Carlos, (diretor em comissão) Juvenal de Azevedo Penteado, “[...] que é a encarnação da competencia profissional e da integridade moral, reunindo todas as qualidades exigidas para o perfeito desempenho do seu espinhoso cargo” (PINTO, 1912, p. 19). Terminando o artigo, Sebastião Pinto reforça:

Collegas ! Esforcemo-nos ! Dupliquemos nossas energias para que possamos corresponder galhardamente ao conceito que somos tidos lá fóra !  
Lembremo-nos de que a nossa Escola, com a nomeação do nosso estimado director para a chefia do departamento da Instrucção, tornou-se conhecida e admirada, não somente no Estado de S. Paulo, mas em todo Brasil ! (PINTO, 1912, p. 19).

Entre as notícias publicadas ao final, chama a atenção o apreço dos alunos por João Lourenço Rodrigues e a participação/promoção dos alunos em eventos religiosos da comunidade “[...] por iniciativa do nosso Gremio, realisaram-se solennes exequias na Sé Cathedral” (A REDACÇÃO, 1912, p. 21), com vários dos

alunos presentes e participando dos rituais. A última nota refere-se à falta de espaço na revista, devido à grande afluência de colaborações, são pedidas desculpas, pois muitos artigos deixaram de ser publicados.



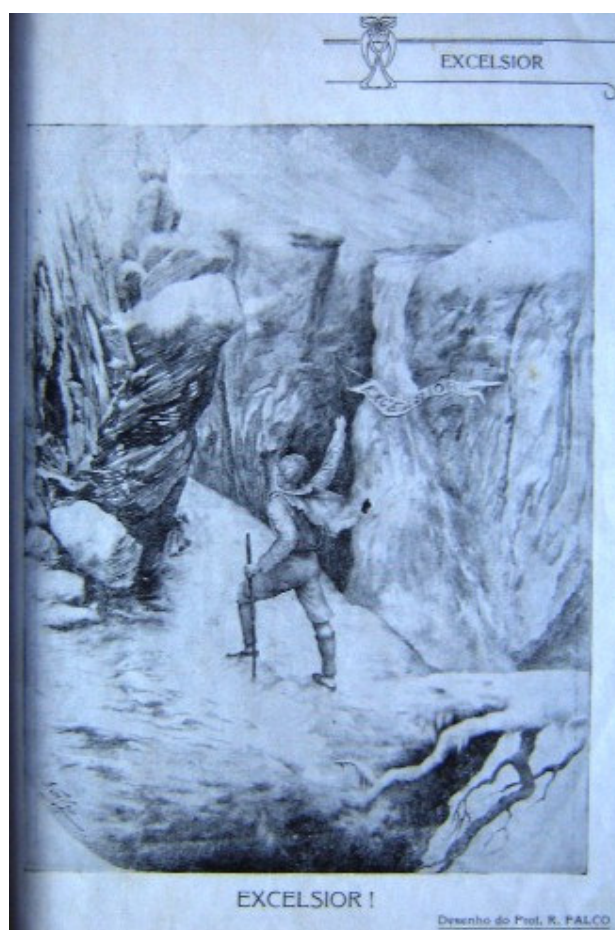
**Ilustração 4: diretoria do Grêmio Normalista “Vinte e Dois de Março”**

Na foto: Sebastião Pinto (presidente), Elisa Nogueira Pupo (vice-presidente), Persio do Amaral Pacheco (secretário), Haidea Aracy de Arruda (secretaria), Augusto Pinto de Carvalho (secretário), Carolina Cesar (procuradora) e Sebastião Rocha (orador)

No terceiro número, publicado em fevereiro de 1913, começam a surgir as primeiras dificuldades para a publicação da revista. Já de início há uma nota de desculpas pela revisão do texto não ter ficado como o desejado, pois esse número apresentava características diferentes dos demais como capa mais simples, e poucos ornamentos nas bordas, além da falta de sumário. Tais diferenças são explicadas pelo fato de o número ter sido impresso na cidade de São Paulo, provavelmente na busca de menores custos. Uma outra diferença em relação aos

dois primeiros números é a quantidade de fotos publicadas, bem maior que nas duas edições anteriores, inversamente à quantidade de artigos, bem menor.

É bom lembrar que, nesse momento, João Chrysostomo não era mais o diretor da Escola Normal de São Carlos – havia sido empossado como Inspetor Geral da Instrução Pública –, no cargo estava Juvenal de Azevedo Pentead. O professor João Lourenço Rodrigues recentemente também havia saído da escola, pois fora removido para a Escola Normal da Capital, em São Paulo. Nesse ponto a revista encontrava-se distante de dois de seus maiores incentivadores. Mas a influência de ambos ainda podia ser sentida. O terceiro número repete alguns dos temas discutidos anteriormente. Os três primeiros artigos referem-se à balada que inspirou o título da revista, tendo reproduzidas sua tradução em português e sua versão original, um pequeno editorial e ainda uma gravura inspirada na balada de Longfellow.



**Ilustração 5: gravura feita pelo professor de caligrafia e desenho Raphael Falco, sobre a balada *Excelsior!* de Longfellow**

Em seguida aparece o artigo “Necessitamos de ‘classes preparatorias’ annexas aos grupos escolares”, do professor Theodoro de Moraes. Um texto de cunho pedagógico no qual o autor faz referência ao período de sua vida como inspetor escolar do Estado. Moraes afirma que nesse período havia frisado o inconveniente de se admitirem crianças menores de sete anos de idade nas escolas, defendendo os Jardins de Infância. Para o autor, o mal de se admitirem crianças pequenas nas escolas continuava trazendo malefícios à formação de tais crianças já que, nas classes de primeiro ano, predominavam os exercícios intelectuais, “[...] em detrimento dos exercicios phisicos, das occupações manuaes, dos brinquedos e jogos educativos que occupam uma parcela minima do tempo” (MORAES, 1913, p. 6). Entre os educadores citados, Moraes ressalta: Rochard, Groos, Paulina Kergomard, Maria Pape Carpentier (1815-1878) e o escritor Hans C. Andersen (1805-1875).

Há ainda a transcrição do discurso “O interesse: seu papel como fator educativo” do professor Roldão Lopes de Barros, outro ícone da educação paulista, paraninfo da turma de professorandos da Escola Normal Primária da Capital. Trata de assunto considerado, pelo autor, como de vital alcance no ensino. No preâmbulo do discurso é chamada a atenção ao fato de o professor Roldão Lopes de Barros ter sido escolhido como paraninfo, devido ao um grande interesse na nova disciplina por ele ministrada, a de Pedagogia. Entre os autores citados por Barros, estão Johann Friedrich Herbart (1776-1841), Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), Édouard Claparède (1873-1940) e Jules-Gabriel Compayré (1843-1913).

Entre os artigos das alunas, “A mulher” difere do que havia sido tratado anteriormente. Sua autora, Yayá Braga, discute a situação da mulher no Brasil, os avanços conseguidos e as dificuldades pelas quais a mulher passou em diferentes momentos e lugares históricos como na Roma Antiga, Grécia e China. Aborda, ainda, as novas conquistas de países considerados civilizados como França, Inglaterra e Estados Unidos, onde as mulheres conquistaram um maior espaço de atuação e “[...] quasi alcançaram o apice da perfeição” (BRAGA, 1913, p. 9). Conclui o texto mostrando os avanços alcançados no Brasil, embora retrate uma mulher ainda com pouco espaço na sociedade, “Não temos ainda tanta liberdade como as norte-americanas e as francezas, mas, por isso mesmo, as mulheres brasileiras são

as melhores mães da família e excellentes donas de casa” (BRAGA, 1913, p. 9). No artigo de Carolina Cesar, “Em meio caminho” a autora faz uma reflexão sobre os dois anos passados na Escola e as expectativas para o ano seguinte.

Que nos resta agora, para fazermos frente ao resto de tempo que ainda nos falta, para recebermos com a maior satisfação, o resto dos ensinamentos que nos deixarão aptos para cumprirmos, do melhor modo possível, os nossos deveres de mestres? [...] Lembrar-nos da missão honrosa que é confiada ao educador, e cujos ensinamentos servirão para nutrir o debil espirito das crianças – que são a unica esperança da patria, – já é um consolo [...] Compenetremo-nos de que as crianças só fazem o que lhes é ensinado e esforcemo-nos para quando com ellas tivermos de conviver, fazer reflectir em tão tenros corações, sentimentos que testemunhem terem sido ensinados por mestres dedicados à sua profissão e preparados numa escola onde tudo é amor, tudo é patriotismo (CESAR, 1913, p. 18).

Como podemos perceber, as alunas quantitativamente são hegemônicas nesse terceiro número. São dois artigos de professores, já apontados aqui. Dois textos assinados pela redação (redator ou diretor do grêmio), três textos são reproduções de “autores externos” como Longfellow e apenas um texto assinado por aluno, o poema “Primeiro Amor”, de Benedicto Simões da Rocha. As alunas foram autoras de seis textos, entre discussões sobre a condição da mulher e questões envolvendo a música, arte e poemas. Uma grande mudança em relação aos números anteriores, nesse que foi publicado em São Paulo, provavelmente na busca de uma tipografia menos custosa, sem a participação de João Chrysostomo e de João Lourenço Rodrigues.

### **2.3 João de Toledo tutelando a circulação de modelos: a segunda fase de *Excelsior!***

O quarto número do periódico *Excelsior!* foi publicado em 18 de outubro de 1913. Seu editorial é apresentado de forma queixosa. Devido às dificuldades para se publicar *Excelsior!*, os alunos se ressentem por não conseguirem, devido a motivos financeiros, manter a revista com a periodicidade desejada.



São tantas as dificuldades que surgem a cada momento, que nossa Revista cada vez mais rarêa [...] ella não tem sahido mui simplesmente porque não tem podido sahir ! Uma publicação como esta, custa muito dinheiro, e não está na medida de nossas forças tiral-a periodicamente. [...] Além disso, a par destas dificuldades, ainda surgem de vez: em quando certos revezes que, se não aniquilam completamente a boa vontade que temos, deixam-nos, pelo menos, vacillantes no nosso ideal (A REDACÇÃO, 1913, p. 1).

No editorial, são citados os problemas do número anterior, as dificuldades enfrentadas e os erros apresentados na edição, denotando que os problemas já se apresentavam há quase um ano, “[...] queremos alludir com isto á Revista passada, que custou um dinheirão, e, francamente, não prestou” (A REDACÇÃO, 1913, p. 1). Ressaltam os obstáculos financeiros para colocar o terceiro número em circulação, de forma bastante pessimista, e os motivos pelos quais o número foi impresso em outra tipografia: “Por questões economicas, mandámos imprimil-a em S. Paulo, e se a parte illustrada esteve boa, a revisão esteve péssima, de maneira que o trabalho ficou defeituosissimo, para não dizer nullo” (A REDACÇÃO, 1913, p. 1). Citam o lente da cadeira de Psicologia Experimental, Pedagogia e Educação Cívica, João Augusto de Toledo, como seu principal apoiador, tanto na reorganização da revista como na ajuda financeira para custear a sua impressão, ele é chamado de “o *Rouxinol* da Escola” na remodelação da revista:

Não fossem seus bons officios, não fosse seu concurso, e estaríamos como dantes : sempre na mesma. [...] Esta reforma por que ella passou, devemol-a a elle que, incançavel, tudo fez para que esta Revista desempenhasse seu programma (A REDACÇÃO, 1913, p. 1).

Os artigos escritos por professores e convidados nesse número são poucos, entre os quais há o poema intitulado “Paisagem”, assinado pelo professor – substituto de João Lourenço Rodrigues na cadeira de Aritmética e Álgebra – Mario Natividade, dedicado à “Revista do Grêmio” (NATIVIDADE, 1913, p. 3). Dessa forma, no decorrer dos artigos, observamos uma maior participação dos alunos,

principalmente por meio da publicação de exercícios de aula, exposição de trabalhos, inquéritos e provas apresentadas às disciplinas, o que não se observou anteriormente com tanta frequência. Nesse tipo de artigo observamos os saberes que circulavam naquela escola, os saberes priorizados nas aulas, um uso do periódico diferente do realizado anteriormente. Novamente o professor mostrava-se importante, pois, fazia uma pré-seleção à escolha da redação da revista e ainda em sala de aula, o professor, por meio da nota atribuída em aula, selecionava os trabalhos que ele considerava melhor, indicando-o para publicação.

Entre os trabalhos publicados, está o artigo “Uma questão pedagógica”, no qual a aluna Haidéa Aracy de Arruda caracteriza a família brasileira, no que concerne à educação e disciplina com crianças. Para Arruda (1913, p. 3) a família brasileira “[...] se caracteriza pela ausência de disciplina e pelo não muito amor à *verdade verdadeira*”, em oposição à família norte-americana, mais adaptada ao clima e em circunstâncias mais favoráveis:

Na America do Norte, entretanto, ha melhores elementos, as circunstancias são favoraveis á pratica dos inquéritos pedagogicos. Talvez influenciados por uma raça mais forte, aclimatada em um meio propicio, as creanças norte-americanas parecem mais sensatas e mais sinceras, já pelo regimento disciplinar em que vivem, já pela acção directa de causas physiologicas. Os inquéritos são applicados em grande escala nas escolas americanas e versam, quasi sempre, sobre as varias fórmias de affectividade, principalmente sobre o mêdo, colera, personalidade, ideaes infantis, brinquedos, recompensas, punições, etc. (ARRUDA, 1913, p. 3).

O aluno Luiz de Arruda Camargo apresenta o artigo “Noção de fracção” no qual trata das técnicas do método intuitivo para o ensino de frações. A aluna Maria Amelia Silva, em “Uma aula de psychologia”, defende a psicologia experimental, suas relações com a fisiologia e a sociologia e, por fim, suas formas de aplicação para a educação. A aluna conclui o artigo mostrando como a psicologia pode auxiliar o professor em sua prática:

A Psychologia ensina ainda ao professor, que existe no seu estudo, uma serie de problemas desconhecidos para elle e fornece-lhe os meios necessarios para os resolver, dando-lhe assim, o habito da reflexão interna. Talvez seja esse, o beneficio essencial que retiram desses estudos, aquelles que a elles se dedicam (SILVA, 1913, p. 8).

Ao finalizar, revela-se no dever de declarar que fez uso de compêndios, sem citar quais, na elaboração do texto e traduções próprias. Nesse número ainda foram publicadas artigos como “Jogos Escolares – Classificação – Psychologia (Exame de Pedagogia)”, da aluna Philomena Fagnani, um artigo resultante de estudos realizados em aula, no qual a autora defende a utilização de jogos na educação das crianças. A aluna desenvolve sua argumentação baseada em Froebel. São expostos os tipos de jogos, sua classificação e suas prescrições para o desenvolvimento físico, intelectual e moral.

Sebastião Rocha em “Aos meus colegas” defende a maneira simples de falar do professor, para conquistar seus alunos, lembrando um ensinamento do professor João Lourenço Rodrigues “[...] a palavra é a arma do magistério [...] E´ fallando, é conversando que o professor instruirá e educará o espirito infantil” (ROCHA, 1913, p. 10).

Continuando com os artigos resultantes de estudos em aula, Stella Freire de Lima é autora de uma homenagem às mães, com o título “Mae”. Nele a aluna mostra a ação do amor materno para as crianças: “[...] como incentivo ás nossas vontades, para mais tarde crescer e florir, florir e crescer com os subtis aromas da virtude e apontar-nos, bello e heroicamente, a senda aureolada d'um aureolado futuro” (LIMA, 1913, p. 10). Sebastião Pinto, aluno, apresenta o artigo “Os Inqueritos Pedagogicos em S.Carlos”, trazendo resultados de uma pesquisa feita no Grupo Escolar Cel. Paulino Carlos, no qual perguntou-se para a seção masculina: “O que é que você quer ser quando for homem ?” e para a seção feminina: “De que é que você tem mais medo?” Na análise feita pelos alunos, consideraram que houve pouco resultado, “[...] pois as creanças respondiam, salvo poucas excepções, de accordo com a profissão dos paes” (PINTO, 1913, p. 11). Nesse inquérito foi perguntado para os meninos, a profissão que desejariam seguir, já para as meninas tal pergunta não foi considerada pertinente, sendo questionadas apenas sobre seus medos.

Chegando ao final, o aluno Octavio Penteado assina o artigo “Lançamento da Pedra Fundamental do novo predio da Escola Normal” noticiando o lançamento da pedra fundamental do novo prédio da Escola Normal de São Carlos. Nele, relata quem eram os presentes, como foram as cerimônias, assim como os motivos da construção do novo prédio e das dificuldades para sua instalação. São narrados os eventos da passagem do Secretário do Interior. Verificamos a presença dos alunos

em quase todas as festividades, seja assistindo, discursando e até promovendo encontros: “O Grémio Normalista em homenagem ao Sr. Dr. Altino Arantes organizou uma *soirée* que teve lugar no *Club Concordia*”<sup>30</sup> (PENTEADO, O., 1913, p. 14). Há grande quantidade de pessoas citadas no texto, principalmente aquelas consideradas mais ilustres. Entre os presentes estavam Altino Arantes (então Secretário do Interior), João Chrysostomo (Inspetor Geral da Instrução Pública), D. José Marcondes H. de Mello (bispo diocesano) e Antonio de Moraes Barros (deputado estadual).

A característica inicial de discussão dos assuntos propostos neste número da revista *Excelsior!* – sejam relacionados à conduta e moral, sejam assuntos de ordem pedagógica – tem outra feição em relação aos números publicados anteriormente, caracteriza-se pela exposição dos trabalhos desenvolvidos nas aulas, ou seja, funcionam mais especificamente como “[...] suporte material das práticas escolares” (CARVALHO, 1998, p. 34). Uma outra mudança, talvez explicada pela participação de João Augusto de Toledo, é o aparecimento, com mais freqüência, de trabalhos relacionados à psicologia experimental, disciplina que fazia parte da cadeira de Psicologia Experimental, Pedagogia e Educação Cívica. São três segmentos dos quais apenas a Educação Cívica não é tratada de forma específica nesse número.

No quinto número, publicado em 15 de novembro de 1913, as dificuldades continuam a aparecer, mas com a escolha da nova diretoria há um ânimo renovado. Ocorre um crescimento ainda maior da publicação de trabalhos fundamentados na psicologia experimental, uma tendência que se avolumou a partir do número anterior. No editorial e última página desse número, os alunos são convidados a participar enviando trabalhos, até mesmo para aqueles leitores de fora do estado. Tal incentivo não ocorreu anteriormente, o que pode representar falta de envolvimento e participação dos alunos, ou maior interesse em trocar experiências e democratizar o acesso ao grêmio normalista. Nos primeiros números havia muita demanda, a revista nem sempre dava conta de atender a tantos pedidos. Informações como esse convite podem indicar aspectos sobre a circulação da revista. Ao que sabíamos até então, *Excelsior!* chegava a todas as escolas normais do estado de São Paulo, por meio de permuta com os demais grêmios normalistas,

---

<sup>30</sup> Primeira associação recreativa e cultural de São Carlos fundada em 1877, dedicada às letras e vida social, era acusado de aristocrática e extremamente seletiva na admissão de novos sócios (NEVES, [19-]).

mas, a partir do convite da redação, podemos perceber que a revista alcançava outros estados. Um outro ponto importante é o fato que, a partir desse número, é permitida a participação de alunos de outras escolas normais secundárias de São Paulo, como também de escolas normais primárias e secundárias de fora do estado. Segundo consta na revista, a data máxima para o envio de manuscritos seria de 15 de fevereiro de 1914.

No editorial desse número, assinado pelo novo diretor da revista A.P. (Argemiro Pacheco), não há indícios da participação de outrem que não os próprios alunos, como agradecimentos a professores e citações ao seu apoio como ocorreu em outros números. O novo presidente do grêmio decidiu, “[...] de acordo com seus companheiros de diretoria” (PACHECO, 1913, p. 1), quem seria o novo diretor, ficando ele mesmo a cargo da administração financeira da revista. Pacheco demonstra uma confiança moderada frente ao trabalho: “Apezar da nullidade citada no periodo anterior, parece que não é impossível cumprir com o programa que a nova directoria impoz a *Excelsior!*. Resume-se elle em fazer alguma coisa útil” (PACHECO, 1913, p. 1). E continua, dizendo que pretende dar seqüência ao que estava sendo feito nos números anteriores.

O artigo “15 de Novembro”, do aluno Romão de Campos Junior, faz uma homenagem à data da proclamação da República. O autor pontua aspectos históricos e a articulação política que possibilitou o evento de 15 de novembro de 1889 – a organização do Partido Republicano, o descontentamento com o Império e as conseqüências da libertação dos escravos – ressaltando o fato de não ter sido derramada nenhuma gota de sangue. “Trabalhem, pois, pela Republica, para o seu engrandecimento e bem estar, lutemos em pról de sua instrucção, para que ela possa sempre marchar de viseira erguida para o progresso e para a civilisação!” (CAMPOS JUNIOR, 1913, p. 3).

O aluno Joaquim Siqueira é autor de “Impressões de aula”. Seu objetivo principal é tratar sobre educação para aqueles que “[...] em breve, terão de dirigir a educação intellectual e moral da criança” (SIQUEIRA, 1913, p. 4), trazendo elogios aos professores da escola,

Sob o ponto de vista educativo, cada dia, o nosso bom mestre, que possui aprofundados conhecimentos de Pedagogia moderna, nos dá benéficos ensinamentos, que melhor e mais seguramente vêm concorrer para que nos tornemos bons educadores (SIQUEIRA, 1913, p. 4)

Pede que os alunos, como futuros professores, dêem o exemplo de conduta e moral “[...] sendo o professor o modelo a seguir á risca, nós, quase professores que somos, devemos desde já saber dar o exemplo, onde quer que estejamos, seja na escola, na família, no convívio social” (SIQUEIRA, 1913, p. 4) e conclui: “Devemos praticar o que pré-gamos, pois, por toda a parte se faz sentir a influencia da nossa conducta” (SIQUEIRA, 1913, p. 4).

Na seqüência, há o poema “Soledade”, do aluno João Aranha, e o artigo da aluna Maria Sampaio e Souza “Camaradagem e Coeducação (Exercício da aula de Pedagogia – 3. anno)”, no qual busca mostrar as vantagens da camaradagem e o auxílio mútuo entre os alunos. No artigo “Trabalho de methodologia” (também resultado de aula), do aluno Architiclino dos Santos, parte da seguinte questão: qual o processo que devemos seguir na correção de trabalhos escritos de aritmética? São indicações de procedimentos na correção dos trabalhos dos alunos para se obter mais resultados. O aluno Mario C. Leite em “A Escola Moderna” defende a discussão da pedagogia sob o ponto de vista moderno. Para o autor, a pedagogia moderna seria uma pedagogia que mostra o caminho certo para os alunos, que os ensina a desviar dos espinhos da vida, deve ser discutida amplamente.

A aluna Jacy M. de Oliveira Penteado, em “A ATENÇÃO: A atenção sensorial e introspectiva, suas variações e suas bases physiologicas”, trata das diferentes definições de atenção da época, seus diferentes níveis psicológicos. Baseia-se principalmente no psicólogo William James (1842-1910), com muitas citações de trechos de suas obras no artigo. A partir desse ponto são publicados outros dois artigos na mesma linha como o da aluna Walinda da Cunha Vieira em “II Medidas da atenção” que trata da atenção e seu exame como meio de simplificação. Atendendo às necessidades pedagógicas, classifica a atenção em dois modos: a atenção espontânea e a atenção voluntária. Por fim, há o artigo da aluna Marina Novaes, “III Vantagens pedagógicas decorrentes do estudo da atenção”, iniciado com a seguinte conclusão “devemos tornar o objecto de nossas lições tanto mais interessante quanto possivel” (NOVAES, 1913, p. 14), a autora

termina por defender essa constatação. Mostrando, por meio de exemplos práticos, como pode ser feita sua aplicação em sala de aula, pedindo que o professor varie o assunto das aulas, limite o tempo dos estudos e aconselhe os alunos que, ao estudarem em casa, tenham momentos de descanso e brincadeira para não desgastar sua energia vital.

O aluno José Ferraz Sampaio Penteado, em “Importancia do habito na educação”, discorre sobre a importância do hábito na vida humana e na educação, afirmando que “devemos levar a criança desde cedo a praticar bons actos, porque assim, mais tarde lhe será facil repetil-os, pois ella o fará por habito” (PENTEADO, J., 1913, p. 16). Segundo o aluno, uma das maiores possibilidades apontadas para a formação de bons hábitos é o exemplo e o maior exemplo é o do professor:

D'entre os meios existentes para a formação dos bons habitos o principal é o exemplo do professor, que deve marchar sempre de frente erguida, e recto no cumprimento dos seus deveres. Levantaremos um viva ao nosso professorado primário, que exerce essa difficil e nobillissima missão de formar cidadãos e patriotas, formando assim a sociedade e a patria brasileira (PENTEADO, J., 1913, p. 16).

Antonio Firmino Proença, assinando como diretor da escola – talvez um dos participantes da comissão presidida por Juvenal Penteado, assina o artigo “A Bandeira Nacional – Resumo histórico”. O autor faz um breve histórico das bandeiras brasileiras desde 1500 até a República, ressaltando os feitos dos personalidades da história considerados importantes e dignos de rememoração, entre eles Pedro Álvares Cabral, D. João VI, José Bonifácio, Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, Rui Barbosa, Campos Salles e Benjamin Constant.

Nesse número foi reproduzida uma crônica de Euclides da Cunha, intitulada “O valor de um symbolo” em que relata um episódio por que passara após um naufrágio, tendo como conclusão a afirmação do valor da bandeira brasileira. Neste texto, aspectos como patriotismo, honra, dever, esperança, são pontos chave.

Ao final há uma coluna chamada “Antes da luta...”, que trata das palestras promovidas nos Grupos Escolares, onde professores discutiam assuntos de interesse para o ensino e convida os leitores, ainda que alunos, a participarem. Também propõe a leitura das teses do professor Arnaldo Barreto publicadas na *Revista de Ensino*. Por último, há um questionário com perguntas sobre o conteúdo

da revista, questões sobre psicologia, disciplina e métodos e processos de ensino. Na última coluna há uma chamada para o “Concurso Literário” com o tema: “a produção de um conto infantil feito à imitação de Edmundo de Amicis no *Coração*”. Como premiação, o vencedor poderia escolher entre os livros: *Mulheres e Crianças*, de Maria Amalia Vaz de Carvalho, ou um livro de José de Alencar (1829-1877) ou de Julia Lopes de Almeida (1862-1934).

O sexto número aparece em setembro de 1914. Segundo informação da publicação anterior, esse número já estava sendo preparado antes de fevereiro de 1914. Um número que surge sem apresentar editorial, sem explicitação do motivo da sua falta. Os trabalhos de alunos, especialmente os trabalhos relacionados à psicologia experimental, continuam com destaque na revista *Excelsior!* Pela primeira vez, é tratada a questão da imigração no país e a importância da escola para unificação da nação frente às novas necessidades que surgiam. Há também relato de uma sessão cívica promovida pelo grêmio e presidida pelo diretor da escola na época, Antonio Firmino Proença. Ao final prometem uma nova edição para 15 de novembro, edição que não se concretiza nessa data.

O número se inicia com o artigo assinado por R.C. (origem não identificada) “Datas Nacionaes – 7 de Setembro”, em que trata da história dos fatos que levaram à Independência do Brasil, da volta de D. João VI a Portugal, das dificuldades de D. Pedro I no Brasil e da abolição dos escravos.

O aluno Lazaro Camargo, em “Medidas de intelligencia”, trata do método de medição de inteligência formulado por Binet e Simon, a escala métrica da inteligência e descreve a aplicação do teste, feito pelo próprio autor, em alunos de 7 anos. O aluno M. Leite, em “Os Lusíadas”, discute literatura questionando os maus críticos e elogia os que não se entregam ao “bairrismo” e conseguem compreender a beleza da língua portuguesa. No artigo “A Escola Normal o professor, a instrução em geral”, José Ferraz Sampaio Penteado, aluno, trata da importância da Escola Normal, do professor e da instrução pública. Ressalta o valor da Escola Normal como futuro do país. “[...] forma ainda professores, que se espalham por todo o nosso Estado, indo alguns para outros Estados, a fim de ministrar á infancia a educação physica, moral e intellectual” (PENTEADO, 1914, p. 6). No texto, são exemplificadas dificuldades do magistério, como o fato de dizerem que a profissão de professor é exclusividade das mulheres e sem futuro, mas não esmorecem,



motivados por um ideal: “É na escola primaria que a creança vai adquirir uma noção do que seja a pátria” (PENTEADO, José, 1914, p. 6). E atentam para o fato do Brasil estar recebendo muitos imigrantes

Tendo o Brasil uma forte corrente immigratória, é necessario cuidarmos com especial zelo da nossa lingua, para que ella se conserve sempre pura e sem corrupções. Conservar a lingua é conservar a nacionalidade da raça (PENTEADO, José, 1914, p. 6).

Há ainda a informação de palestras promovidas pelo governo para professores de grupos escolares. Nessas palestras, os professores são estimulados a não se limitarem à leitura de compêndios, mas que também possam expor suas opiniões.

Uma boa medida, tomada pelo nosso Governo, foi essa de estabelecer palestras constantes entre os professores pertencentes a cada grupo escolar. Nessas palestras, os professores não devem se limitar a compêndios mas sim, expor livremente as suas opiniões; não é bastante conhecer e criticar as opiniões dos pedagogistas; é preciso também ter as suas e expol-as (PENTEADO, José, 1914, p. 7).

Voltando aos temas envolvendo a psicologia experimental, são publicados textos como o da aluna Olga Valentie de Oliveira intitulado “Qual o vestuario mais conveniente às crianças? (Uma sabbatina)”, em que a autora se apóia nos estudos de Spencer e Montessori para questionar qual a vestimenta mais adequada para os alunos usarem no inverno e verão, considerando o calor um agente físico que exerce influência no desenvolvimento dos indivíduos. Em “O medo”, a aluna Maria Botelho busca explicações para o medo por meio das características inatas do indivíduo, dando exemplos sobre a ação do professor que proporcionava o medo nas crianças:

Também a maneira autoritaria pela qual se guiavam os professores de outr’ora, para educar e instruir as creanças, muito concorreu para fazer dellas seres medrosos, espiritos fracos, sem energia, sem vontade, constantemente accionado pelo medo (BOTELHO, 1914, p. 11).

Em “Visão”, a aluna Noemia Sampaio Souza discorre sobre a importância da visão e seu papel na aquisição de conhecimento. A autora pede que façam exames nos alunos, pois é “[...] por meio da vista que adquirimos a maior somma de conhecimentos, é claro que estes são tanto mais numerosos quanto melhor fôr a visão” (SOUZA, 1914, p. 12). Por meio de dados estatísticos, afirma que a miopia se desenvolve na escola e por sua culpa, principalmente pela leitura. São variáveis que confirmam tal afirmação: a má iluminação, má impressão, excesso de exercícios na lousa e horas prolongadas de estudo. O artigo conta ainda com um modelo de teste a ser aplicado por professores. Ao final, há a referência dos autores consultados: Alfred Binet (1857-1911), William James (1842-1910), J. Vasconcellos, B. Vieira de Mello.

A aluna Jacy Penteado, em “Pedagogia”, traz um ideal de pedagogia fundamentado em Fröebel, do professor como jardineiro, que estuda a natureza de seus alunos, sem forçar seu desenvolvimento. Para a autora, “A actividade expontanea destes orgams (olhos, ouvidos, etc.) determina, é verdade, a sua evolução; mas, um trabalho indispensável e disciplinado deve existir, para que esses orgams adquiram toda a sua significação psychica” (PENTEADO, Jacy, 1914, p. 14). Na seqüência, Yayá Braga, em “Breve noticia sobre o gabinete de Psychologia da nossa Escola”, trata dos méritos do professor de psicologia e dos laboratórios da Escola Normal de São Carlos onde são produzidos grandes conhecimentos. Entre os autores citados está Ugo Pizzoli (1863-1934).

Ao final, R.C. no artigo “Festas na escola – 13 de maio” relata a sessão cívica promovida em 13 de maio pelo grêmio estudantil, presidida pelo professor Antonio Firmino Proença (diretor interino da Escola). Em uma nota final da redação, faz referência ao próximo número com a provável data de 15 de novembro de 1914, em comemoração à primeira turma de formandos, fazendo especial apelo para o concurso intelectual de todos os colaboradores para o próximo número.

O sétimo número publicado, em 7 de setembro de 1916, não em 15 de novembro 1914 como era pretendido, surge apoiado pelo diretor<sup>31</sup> Juvenal de Azevedo Penteado, na reorganização do grêmio normalista, e João Augusto de Toledo, na compra de ornamentos para a revista. Fato a ser destacado é que nesse mesmo ano, mais precisamente a 12 de novembro de 1916, a Escola Normal de São

---

<sup>31</sup> Diretor em comissão.

Carlos inaugura sua nova publicação, dessa vez órgão representativo dos professores: a *Revista da Escola Normal de São Carlos*. No mesmo ano também foi criada a revista *O Estudo*, também dirigida por professores e, em 1917, surge o *Raio Verde* que, segundo Pirolla (1988, p. 77), era “[...] uma publicação quinzenal da mocidade normalista, saindo pela primeira vez em 22 de setembro de 1917”. Essas são publicações que ajudam a atestar o fim de *Excelsior!*. Dificilmente a revista, que passava por momentos financeiros e até mesmo produtivos ruins, se sustentaria concorrendo com tantas publicações, tendo que dividir a atenção de autores e disputar, no mesmo espaço, a atenção de leitores e financiadores.

O editorial assinado por A. faz referência ao período de dois anos sem uma edição da revista por motivos que, segundo o autor, “escapam á nossa raia” (A., 1916, p. 6). A exemplo do ocorrido a partir do quinto número, o aluno presidente do grêmio aparenta maior autonomia.

O seu digno e activo presidente tratou de pôr mãos á obra para que ‘Excelsior’, embora singelo, fosse apresentado aos collegas, levando-lhes algumas idéias bem concatenadas, como o são os artigos elaborados pelos espiritos esclarecidos que os subscrevem (A., 1916, p. 1).

Além do apoio do “benemérito e ilustre professor”, Juvenal de Azevedo Penteado, com seu esforço na reorganização do grêmio, o professor da cadeira de Psicologia Experimental, Pedagogia e Educação Cívica, João Augusto de Toledo, apoiou a parte material da redação “Tomou à sua conta a aquisição de bellos trabalhos que ornaram as páginas de ‘Excelsior!’” (A., 1916, p. 1).

Nesse número, logo após o editorial, aparece, como nos primeiros números, um artigo de um professor. Trata-se do artigo “‘Na escola’ o número e sua extensão” do professor Mario Natividade. No artigo é discutida a extensão de número em suas variantes, um artigo de duas páginas em que o professor demonstra erudição citando Pitágoras de Samos (570-497 a.C.), Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), Richard Wagner (1813-1883), Carlos Gomes (1836-1896), Miguel Ângelo (1475-1564), Antoine Laurent Lavoisier (1743-1794), entre outros.

O aluno Romão de Campos Junior, no artigo “René Barreto” faz uma homenagem póstuma àquele que foi professor de Aritmética e Álgebra na Escola Normal da Capital, René Barreto, que chegou a participar de conferências

promovidas pela Escola Normal de São Carlos. No artigo, o aluno faz referência ao estado de São Paulo como a “[...] alma mater de todas as boas e santas cruzadas, o expoente maximo da cultura brasileira o ex e modelos fieis e dignos de ser imitado” (CAMPOS JUNIOR, 1916, p. 4), também faz referências à vida pessoal e profissional do professor René Barreto.

A publicação de artigos fundamentados na psicologia comportamentalista se mantém. Como o artigo de Noemia Novaes, aluna, “Audição”, em que pede que o professor se preocupe em reconhecer a criança que sofre de surdez relativa, pois a criança, “quando escreve, não ouvindo bem, copia da vizinha, ou deixa em branco o lugar da palavra, e não se accusa de não ter ouvido, ou fica sem entender o que disse o mestre” (NOVAES, 1916, p. 2). O artigo traz a descrição dos equipamentos mais novos no estudo da audição e realização de testes, como o “assobio de Galton” e “acumetro de Politzer”. Conta ainda com a descrição de testes para professores aplicarem em seus alunos e descobrirem se estão ouvindo perfeitamente. A autora indica, ao final do artigo, os autores consultados para a elaboração do escrito: “Pizzoli e Binet além dos apontamentos tomados em classe” (NOVAES, 1916, p. 3).

A aluna Walinda da Cunha Vieira, em “Como o professor primario falla aos seus alumnos”, inicia seu escrito afirmando que “[...] a linguagem é uma resultante imitação. É ouvindo fallarem o professor e as pessoas illustradas que as creanças adquirem o uso da linguagem culta e desenvolvida” (VIEIRA, 1916, p. 3). Partindo desse pressuposto, traz modos e técnicas para o comportamento do professor frente aos alunos. Destaca que o professor “Ao fallar a seus alumnos, o faça sempre do modo mais atrahente” (VIEIRA, 1916, p. 3) e deve sujeitar a linguagem a vários preceitos, dentre os mais importantes:

Collocar a linguagem á altura da intelligencia infantil [...] falar com clareza, terminando todas as phrases, concluindo todas as sentenças; não divagar; não gritar e finalmente, o professor deve fallar pouco: fallem mais os alumnos (VIEIRA, 1916, p. 4).

O diretor interino da Escola Normal de São Carlos, Antonio Firmino Proença, é o primeiro e único diretor a escrever para a revista. Em seu artigo, “No dominio da technica. Lições inductivas (Primeiro Modelo para o curso secundario e 2º modelo para o curso primario)” trata da lição indutiva elaborada pelos discípulos de Herbart. Segundo Proença (1916, p. 8),

A lição inductiva constitue um todo organizado, cujas partes ou passos formaes desempenham função específica na consecução do objetivo da lição total [...] Ao ensino intuitivo, que faz o alumno adquirir factos e idéas, deve seguir-se o ensino que o leva do particular ás generalizações: das percepções às concepções dos factos individuais às leis e principios, dos processos particulares às regras geraes.

Por fim, um dos últimos artigos, intitulado “A Pedagoga”, assinado pelo aluno Sebastião Rocha, trata de suas visitas à D. Eulália, esposa do major Botelho, mãe de dois filhos e com uma mania “a de ser pedagoga” (ROCHA, 1916, p. 11). Segundo o autor ela fala com “[...] conhecimentos de causa, dos methodos antigos e hodiernos; critica-os com sensatez. Refere-se ao erudito Herbart, ao meigo Frœbel, ao doce Pestalozzi” (ROCHA, 1916, p. 11).

Ao final da trajetória editorial da revista *Excelsior!* pudemos constatar duas fases distintas, passando por momentos de uma tutela muito controlada e realizada de forma muito aproximada para momentos de quase abandono com a troca de professores apoiando a revista e momentos de maior autonomia do grêmio normalista. Tentamos, neste capítulo, focar a trajetória editorial da revista considerando aqueles pontos mais próximos aos nossos objetivos, quais sejam, compreender o modo pelo qual esse periódico pretendeu firmar-se como divulgador de um ideal de formação de professores, o momento e as experiências vividas no âmbito das transformações educacionais ocorridas nos anos de sua produção. Observamos a primeira fase sob o apoio do diretor João Chrysostomo e do professor João Lourenço Rodrigues, um momento de grande participação de ambos, vimos ainda sua influência perpassar as duas fases. Na segunda fase percebemos que a mudança na feição editorial da revista, em seu visual, ocorreu concomitantemente a uma mudança de conteúdo, ou melhor, na forma da disposição de conteúdo estruturado em torno dos trabalhos escolares. O modelo de formação passou de uma forma aconselhadora e normativa, na primeira fase, para um modelo de divulgação das realizações conseguidas em aulas.

### Capítulo 3

Neste capítulo enfocamos a *Revista da Escola Normal de São Carlos* (1916-1923), tomando sua trajetória a partir dos pontos suscitados em *Excelsior!* Pelo fato de possuir um volume maior de números, 13 no total, e conseqüentemente de artigos optamos por analisá-la de forma diferente, elencando temas principais em referência ao *habitus* professoral e sua configuração, buscando indícios envolvendo as disputas no campo educacional e suas relações com o periódico *Excelsior!*

Na *Revista da Escola Normal de São Carlos*, destacamos os professores Carlos da Silveira e João de Toledo, por seu destaque no periódico. Enfocamos também a materialidade do periódico, tentando ressaltar as diferenças entre a revista dos professores e a revista dos alunos, diferenças que denotam o tipo de leitor desejado e a imagem que tinham de tal leitor, embora, em certos momentos, a revista dos professores também apresentasse textos dirigidos aos alunos.

#### **3.1 Professores como produtores de modelos: a *Revista da Escola Normal de São Carlos***

A *Revista da Escola Normal de São Carlos* aparece pela primeira vez no dia 12 de novembro de 1916, pouco mais de 2 meses depois da publicação do último número da revista *Excelsior!* O periódico, que permanece até 1923, foi um projeto desenvolvido pelos professores da Escola e era subvencionada pela Câmara Municipal de São Carlos (OZELIN, 2006). Mantida até 1923, alcançou ao todo 13 números com a publicação de artigos inéditos escritos por docentes e diretores de escolas normais.

Como apontamos, no editorial de apresentação da revista fica claro o desejo dos professores fundarem uma revista e que tal desejo já era sentido há mais de três anos. Assim, consideravam ser “[...] sensível, pois a falta de uma publicação que servisse por fonte informativa, [...] bem como para mais tarde lembrar os dias alegres passados na labuta de formação dos futuros mestres [...]” (A COMISSÃO, 1916, p. 1). Deste trecho podemos inferir que a publicação da revista atendia a dois

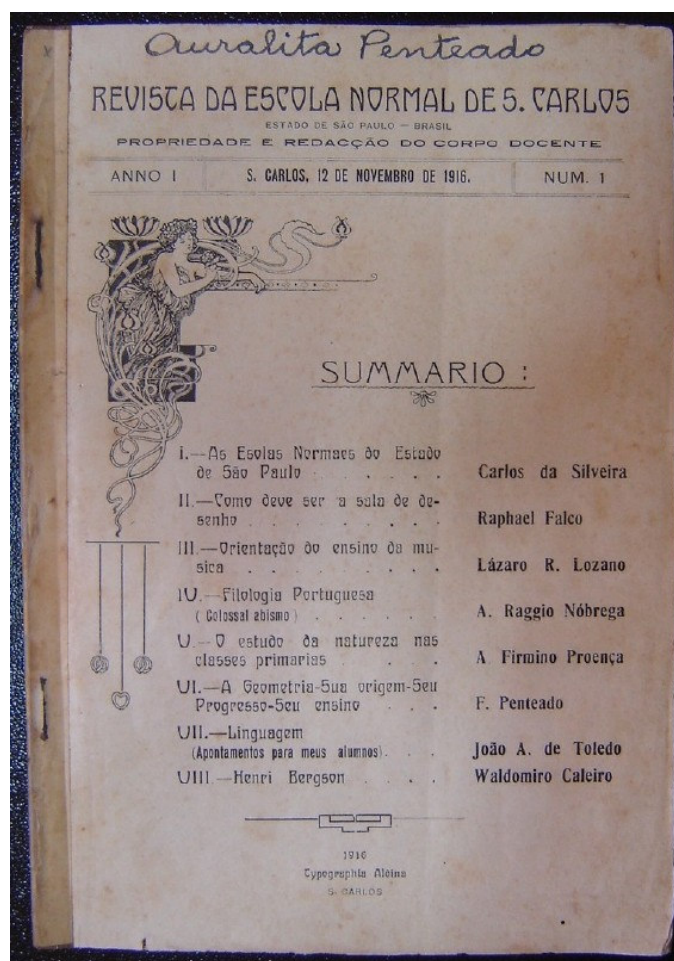
propósitos: ser fonte de informação, constituindo uma cultura pedagógica, e instituir uma memória sobre a formação de professores naquele estabelecimento escolar.

Para Carlos da Silveira (1919, p. 31), a publicação de um periódico pelos professores da Escola a fim de difundirem suas opiniões e também tornar públicos seus feitos era mais do que necessário uma vez que:

Falta ao professorado um órgão de publicidade que sirva aos interesses da classe e que oriente o trabalho das escolas. Em 1895 já dizia um grupo de professores: 'Uma revista pedagogica é uma necessidade palpitante em nosso meio'; e a necessidade continua premente 21 annos mais tarde. A 'Escola Publica' (1895-1897) teve como successora a 'Revista de Ensino' cujo 1.º numero saiu em 1902 e tem sido publicado até nossos dias; mas, sem querer offender a quem quer que seja, ella deixa ainda muito a desejar maximè por se tratar de publicação official, imprensa á custa dos cofres publicos. Há annos, em São Paulo, appareceu a 'Educação', revista de character pedagogico, dirigida pelo Sr. Prof. Cyridião Buarque, Tendo durado de 1902 a 1903 somente. Por tudo isso, pretende o corpo docente aqui da Escola manter uma publicação, aliás muito modesta, para divulgar alguns trabalhos originaes, de interesse geral (SILVEIRA, 1919, p.31).

A maior parte dos artigos publicados na *Revista da Escola Normal de São Carlos* trata de temas relativos às disciplinas da escola normal – como História, Francês, Biologia, Matemática, Desenho, Música, entre outras – ao civismo, ao ensino e às escolas normais (OZELIN, 2006).

Todos os números possuem as medidas de 14,5 centímetros de largura e 20,5 centímetros de altura, impressos em coluna única, com 73 páginas em média, sem gravuras ou fotografias. Dessas informações podemos depreender o tipo de leitor desejado pela *Revista da Escola Normal de São Carlos*, um leitor hábil acostumado a textos mais longos e iniciado nos assuntos pedagógicos. Assim, publicam uma revista com editoração mais simplificada do que a revista dos alunos, com texto corrido em duas colunas, sem fotos ou gravuras com exceção da capa que possui um ornamento abaixo do seu cabeçalho, a figura de uma mulher envolta por ramos de flores.



**Ilustração 6: capa da primeira edição da *Revista da Escola Normal de São Carlos***

Entre os autores, apenas professores normalistas e os secretários da Escola. As colaborações recebidas limitavam-se às apreciações e críticas dos leitores:

Serão recebidas com grande deferencia, e mesmo com reconhecimento, as criticas que os entendidos se dignarem fazer com relação ás materias aqui tratadas.

Jamais dispensaremos o auxilio dos doutos, cujas apreciações servirão de estímulo para proseguirmos na rota que nos impuzemos (A COMISSÃO, 1916, p. 1).

O entrecruzamento dos dois periódicos se daria, no plano político, pelo aparecimento de personalidades comuns, destacando-se os republicanos de maior representatividade do final do século XIX e início do XX, como Rui Barbosa, Barão do Rio Branco e aliados, como o autor Euclides da Cunha, grande admirador e



apadrinhado do Barão (SEVCENKO, 1999). Nesse entrecruzamento há uma especificidade a se ressaltar, a *Revista da Escola Normal de São Carlos* trata de política tecendo críticas – que expomos no decorrer desse capítulo – ao sistema público de ensino, principalmente à organização do ensino normal, e defende posições de seus aliados, entre os principais aqueles que se sucederam na Inspeção Geral da Instrução Pública, como João Lourenço Rodrigues, Oscar Thompson, João Chrysostomo e Antônio de Sampaio Dória. *Excelsior!* politicamente se limita a elogiar e propagandear os feitos considerados positivos da Inspeção Geral da Instrução Pública, presidentes do Estado e aliados republicanos.

Se em *Excelsior!* a pessoa de João Lourenço Rodrigues se destaca, pelo menos até a sua saída da Escola, na revista dos professores Carlos da Silveira é um dos agentes chave, tanto que tem o primeiro artigo e logo trata de escrever sobre a História da Escola Normal.

Carlos da Silveira faz um retrospecto das escolas normais no estado de São Paulo, enfocando que “não há ensino primário eficaz sem boas escolas normais [...]” (SILVEIRA, 1916, p. 1). Perpassa uma chamada primeira fase relativa à criação da primeira Escola Normal paulista<sup>32</sup>, chegando à reabertura da escola normal por Laurindo de Brito (ex-aluno da primeira normal) e à Proclamação da República com a exaltação dos feitos de Caetano de Campos, descrito como o “[...] homem capaz de realizar os intuitos da reforma de 12 de março” (SILVEIRA, 1916, p. 5). Nesse momento, para Carlos da Silveira, Caetano de Campos foi “[...] figura primacial na história do nosso ensino público” (SILVEIRA, 1916, p. 8), assim como Gabriel Prestes “[...] outro vulto que prestou relevantes serviços ao ensino no governo fecundo do Dr. Bernardino de Campos”.

Em seu percurso histórico, Carlos da Silveira chega a seu tempo afirmando que Oscar Thompson, no cargo de Inspetor Geral da Instrução Pública, “[...] tem-se revelado um Director dedicado e energico e a Escola Normal de São Paulo, nestes 14 annos de sua regencia adquiriu um prestigio que jamais gozou em outras eras, incluindo-se tambem o periodo de Caetano de Campos, se bem que naquela época houvesse mais entusiasmo (SILVEIRA, 1916, p. 8).

---

<sup>32</sup> Escola Normal que atendia aos rapazes, às moças cabia a Escola Normal anexa ao Seminário dos Educandos.

Nesse tipo de intervenção Carlos da Silveira, ao modo de João Lourenço Rodrigues e outros colegas da Escola, como Ezequiel Moraes Leme, vai reforçando nomes e fatos, ressaltando o viés nacionalista e patriótico e a necessidade de se atuar em prol da pátria. Um forte indício de que Silveira estava ligado ao grupo de Rodrigues e Thompson.

Na defesa de Sampaio Dória, Ezequiel Leme (1920), meses antes da publicação da Reforma, publica texto defendendo seus principais pontos, reforçando a posição de Dória e seus antecessores:

O actual Governo do Estado, para honra nossa, fez desse problema [o analfabetismo] a sua maxima preocupação e, empenhado em resolvê-lo, foi buscar para chefiar a gloriosa campanha o illustre dr. Antonio de Sampaio Doria, lente da Escola Normal Secundaria da capital. Vê-se bem que essa escolha só obedeceu á preocupação de dar ao dr. Oscar Thompson, um digno successor na Directoria Geral da instrucção Publica. Com effeito, o dr. Doria vinha se impondo á attenção de quantos se preocupam com a crescente prosperidade do nosso Estado, pelos seus trabalhos sobre o nacionalismo e o analfabetismo. Lente de educação civica, pregava e praticava o civismo; lente de pedagogia, ensinava essa sciencia e, em trabalho dados á publicidade, mostrase capaz de descer da especulação scientifica ás applicações praticas. Ninguem, portanto, com melhores credenciaes para ser o chefe na campanha, felizmente já iniciada, contra a ignorancia do alfabeto por parte de nossa infancia maior de seis annos (LEME, 1920, p. 3).

Tais intervenções desenvolvidas por Carlos da Silveira e João Lourenço Rodrigues e as de seus antagonistas coexistem nas décadas de 1920 e 1930. Segundo Carvalho, essas disputas ocorreram no sentido de “[...] dificultar o trabalho historiográfico [...] já que muitos dos atores nela envolvidos movimentaram-se na contenda de modo muito fluído” (CARVALHO, 2000, 112). Desse modo, uma herança foi legada pelos vencedores – lembrando que a Reforma Sampaio Dória foi derrubada poucos meses depois de sua publicação – “[...] assenhorando-se do título de renovadores da educação, conseguiram expelir para o limbo da velha educação ou da pedagogia tradicional não somente os seus opositores, mas também muitos dos seus precursores e aliados” (CARVALHO, 2000, 112). Carlos da Silveira será um dos professores da Escola Normal de São Carlos a ser deslocado para a Escola Normal do Brás e assumir a direção daquela escola após a Reforma de 1920. Tal fato demonstra ser ele homem de confiança de Sampaio Dória uma vez que esta foi

uma das estratégias adotadas por este para fazer a propaganda da reforma, segundo Hilsdorf (1998).

### **3.2 Professores como produtores de modelos: Carlos da Silveira e João de Toledo**

Como ocorreu em *Excelsior!* a *Revista da Escola Normal de São Carlos* também contou com textos responsáveis pela escrita ou reescrita da história da escola normal. No caso da *Revista da Escola Normal de São Carlos*, Carlos da Silveira foi o principal responsável pela função, que foi empreendida a partir do primeiro número, já no primeiro artigo publicado, intitulado *As Escolas Normais do Estado de São Paulo* em que propõe-se a repassar a história da escola normal paulista.

Fazendo uso dos *Anuários de Ensino do Estado de São Paulo* (1º vol. 1907-1908), Silveira perpassa desde a chamada primeira fase, relativa à criação da primeira escola normal paulista, à Proclamação da República com a exaltação dos feitos de Antônio Caetano de Campos, descrito como o “[...] homem capaz de realizar os intuitos da reforma de 12 de março” (SILVEIRA, 1916, p. 5). Além enfatizar os currículos e reformas empreendidas, Silveira afirma que no período em que Campos esteve à frente da Escola Normal, seria caracterizado por “[...] sua acção [da Escola Normal] independente da Diretoria ou da Inspectoria Geral do Ensino” (SILVEIRA, 1916, p. 7).

Em seu artigo além da exaltação de Caetano de Campos, “[...] figura primacial na historia do nosso ensino publico” (SILVEIRA, 1916, p. 8), Silveira exalta as ações de Gabriel Prestes “[...] outro vulto que prestou relevantes serviços ao ensino no govêrno fecundo do Dr. Bernardino de Campos” (SILVEIRA, 1916, p. 8) e seus laços com Oscar Thompson, na Escola Modelo do Carmo.

Thompson é elogiado, por sua formação – além de normalista, formou-se no curso de Direito em 1899 após sua saída da Escola Modelo do Carmo – e por sua escalada pelos mais altos cargos, como a diretoria da Escola Normal da Capital e ações na Diretoria Geral da Instrução Pública:

O Dr. Thompspon tem-se revelado um Director dedicado e energico e a Escola Normal de São Paulo, nestes 14 annos de sua regencia adquiriu um prestigio que jamais gozou em outras eras, incluindo-se tambem o periodo de Caetano de Campos, se bem que naquela época houvesse mais enthusiasmo (SILVEIRA, 1916, p. 8).

Importantíssimo para a configuração do *habitus* a ser empreendida naquele campo, esse tipo de texto demonstra uma versão da história da Escola Normal, mais uma vez, como observamos na revista dos alunos, a versão republicana de um grupo específico, os normalistas do chamado *período áureo*, neste caso a versão oficial empreendida por Rodrigues com a publicação do primeiro Anuário de Ensino. A conformação do *habitus* nesse tipo de texto se dá pelo oferecimento de nomes e feitos de personalidades tomados como grandiosos, imprescindíveis e incontestáveis, todos políticos republicanos, a maioria normalistas, envolvidos com as questões de ensino.

Ao final de seu primeiro artigo Silveira expõe suas propostas sobre as questões da organização de ensino, defendendo, entre os principais pontos:

- a) que ressuscitasse a escola complementar;
- b) que o ensino de pedagogia e de methodologia tivesse o mais amplo desenvolvimento;
- c) que se criasse uma cadeira especial para educação cívica e historia da pedagogia nas escolas normaes;
- d) que nas escolas normaes secundarias fosse supprimida um das linguas estrangeiras que ora se leccionam;
- [...]
- f) que se ampliára o estudo da Historia Patria e de Geographia do Brasil;
- [...]
- h) que o trabalho manual em barro fosse extensivo ao sexo feminino;
- i) que se criasse a congregação nas escolas normaes primarias;
- j) que os programmas fossem organizados com o concurso de todos os lentes dos estabelecimentos interessados (SILVEIRA, 1916, p.12).

Dentre as principais propostas, a elencada por último sobre a participação de todos os lentes interessados na organização dos programas, também foi ponto discutido pelo professor de música Lazaro R. Lozano e traz indícios interessantes sobre a hierarquia existente na Escola Normal Secundária de São Carlos. Em seu artigo, Lozano discute as diferenças existentes no trabalho docente e defende que tais diferenças deveriam ser extintas para o bom desenvolvimento do ensino:

Componham-se ou reunam-se ricas colleções de estudos e peças instrumentaes; dediquem-se os mais distinctos professores (si são compositores duplamente melhor), ao ensino nas escolas normaes e congeneres; si queremos attrahir esses optimos e indispensaveis collaboradores, acabe-se com as injustificadas desigualdades de direitos entre os membros dos corpos docentes dos referidos estabelecimentos e, á excepção da lingua vernacula, entre as materias no mesmos leccionadas, desigualdades, que a experiencia tem demonstrado serem prejudiciaes ao ensino, nos centros cujos fins educativos devem ser collocados em plano superior aos fins technicos; empenhem-se as pessoas cultas, conscias de que 'não só de pão vive o homem', em prestar seu valioso e decidido apoio aos professores que cumprem religiosamente os deveres do seu espinhoso cargo, e, data tal orientação, a Arte se desenvolverá com espontaneidade e maxima louçania. Não sendo assim, e apezar das melhores intenções, ou é construir sobre areia, ou construir para um futuro mui remoto (LOZANO, 1916, p. 19).

No segundo número, Carlos da Silveira publica novo artigo, tendo como tema a História da Pedagogia, título do artigo, onde propõe-se a publicar um programa analítico, objetivando “[...] chamar a atenção dos estudiosos, de cujas criticas pretendo aproveitar-me para ulteriores aperfeiçoamentos e opportunos desenvolvimentos” (SILVEIRA, 1917, p. 10). Polidez e humildade que se repetem não somente nos artigos de Silveira como nos dos demais professores.

Para Silveira, tal plano poderia “[...] ser de alguma vantagem, num curso como o das Normaes Secundarias, onde o tempo é mais ou menos escasso para estudos aprofundados”, beneficiando os seus alunos, pois apoiaria “[...] os iniciantes da materia formar, de maneira facil, uma ideia de conjuncto do que há a aprender, e isto sempre achei assás conveniente e proficuo para aguçar o interêsse e despertar a emulação entre os alumnos” (SILVEIRA, 1917, p. 10). Neste trecho nos deparamos com questões importantes, ficando registrada a impressão que o professor tinha de seus alunos e das questões envolvendo o ensino. Silveira argumenta referindo-se à falta de tempo para estudos aprofundados além da justificativa para empreender a sua visão sobre o ensino em um material compacto e simples – aliado à palavra *fácil*, um importante protocolo de leitura – com a respectiva afirmação da falta de bons livros sobre o tema, ainda que estivessem expostos mais de 60 nomes de pensadores que iam de Aristóteles a Jean Jacques

Rousseau. Por fim, Silveira conclui afirmando que a eficiência do ensino dependeria “[...] quasi exclusivamente da boa vontade do ensinante o qual é a propria lição animada” (SILVEIRA, 1917, p. 10).

Novamente, em 1918, Silveira retoma para si a função de escrever a história do *campo*, neste caso a *História da educação e instrução no Brasil*. Este seria o primeiro de uma série, e foi lido em conferência publica, em 17 de setembro de 1916 na Sociedade de Estudos e Conferencias de São Carlos.

Quando, em 1914, fiz um pequeno curso de historia da pedagogia para o 4º anno de então da Escola Normal de São Carlos, tive oportunidade de firmar ainda mais a minha convicção da necessidade e da urgencia mesmo de se dar amplo desenvolvimento a esse capitulo da historia da nossa civilização, principalmente para os nossos jovens educandos.

Entretanto a carência de fontes me não permittiu orientar o curso, neste ponto, com a largueza que comportasse um aproveitamento razoavel por parte dos alumnos. Resolvi, pois, neste anno de 1916, organizar este esbôço, certamente mais perfeito do que as rapidas lições anteriores e que possivel tornará ás classes do 4º anno a apprehensão do conjuncto da materia, o que é de indiscutivell vantagem (SILVEIRA, 1918a, p. 3).

Na indicação para os leitores, neste caso o autor coloca-se humildemente disposto a ser corrigido, por superiores, colocando-se em perspectiva hierarquizada em relação aos alunos, também leitores da publicação, pois somente os superiores intelectualmente podem corrigi-los:

Oxalá tenha eu a ventura de vêr este trabalho augmentado e corrigido por aquelles que tenham sciencia e disposição para fazê-lo. Estas linhas devem ser tomadas antes como um incentivo para o realizar-se melhor estudo, um convite portanto dirigido aos competentes, do que como uma exhibição de conhecimentos, aliás colhidos quasi todos em seara alheira (SILVEIRA, 1918a, p. 4).

Após indicar o artigo de Moreira de Azevedo, “A Instrucção Publica nos tempos coloniaes do Brasil” publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, para o estudo da instrução no período anterior á Independência, o professor Silveira afirma que seu artigo é indicado aos alunos normalistas, aos quais apresenta uma rápida história da instrução e educação no Brasil:

Como se vê, são escassas as fontes que esquadrinhei; mas o meu fito primordial é falar a alunos os quaes não terão porventura o tempo de consultar convenientemente, mesmo os poucos trabalhos em que me baseei para a feitura dos capitulos que veem adiante (SILVEIRA, 1918a, p. 4).

Mais uma vez fica o registro da impressão que o professor Silveira tinha de seus alunos, ou seu julgamento, e a forte argumentação em defesa da importância e benefícios oferecidos por seu texto, como resultado a exposição daquilo que considera necessário para esse aluno. Nessa história apresentada pelo professor/autor, os nomes republicanos já consagrados nas publicações da Escola:

[...] [São Paulo] não só por ser o Estado onde se iniciou a moderna orientação do ensino com o inolvidavel impulso da triade esclarecida e patriótica FRANCISCO RANGEL PESTANA, PRUDENTE JOSÉ DE MORAES BARROS, ANTONIO CAETANO DE CAMPOS, como por ser esse o recanto da Patria em que a instrucção obedece a um plano assás desenvolvido e que apresenta, sabe-se, numerosos defeitos (e qual é o paiz que não os patenteia?) mas que é, ainda assim, o melhor do Brasil? (SILVEIRA, 1918a, p. 5).

Lembrando que trata-se do republicanismo sempre atrelado ao catolicismo, embora o professor Silveira defendesse o sistema interconfessional cristão, como o realizado na Inglaterra, Alemanha e EUA e acreditasse que tal sistema fosse inviável para o Brasil, temendo a tomada da escola brasileira por religiosos:

[...] mas como isso não se torna viavel [o sistema inter-confessional], melhor é deixar como está, pelo perigo de resvalar-se para um systema francamente condemnavel—o da escola confessional, de que os povos europeus estão se libertando. As crenças religiosas são da competencia exclusiva das familias e dos sacerdotes e ao Estado não cabe o direito de intervir nellas. \* Toda a gente sabe os males do Estado religioso entre os povos latinos: é o regime do fanatismo e da intolerancia. O ensino leigo é um facto, no Brasil , e oxalá nenhum governo pense em extigui-lo, como quer ultimamente um grupo de sectario do catholicismo, romano, o qual faz questão fechada de introduzir o catechismo nas escolas publicas (SILVEIRA, 1918b, p.29).

No número seguinte, em 1919, Silveira depara-se com a introdução do catecismo nas escolas e questiona:

O catechismo da igreja catholica apostolica romana, introduzido nas escolas, supprirá a deficiencia ora apontada, como pretendem os sectarios dessa religião? Não creio, pois ou as familias brasileiras, na sua maioria , são catholico-romanas e assim sendo já criam os filhos na doutrina citada, ou ellas não são o que se diz e, neste caso, o catechismo não concorrerá para o resultado melhor na difficil empresa da educação moral dos alumnos das escolas publicas preliminares (SILVEIRA, 1919, p.31).

Tratando do mesmo tema, mostrando o viés científico e religioso que perpassou dos dois periódicos em estudo, no segundo número, João de Toledo em *Evolução e pedagogia* perpassa as doutrinas religiosas, os naturalistas, o transformismo, chegando ao evolucionismo de Darwin, para então concluir “[...] que o novo conceito da ‘luta pela vida’ e da ‘seleção natural’ se enquadra perfeitamente nos limites moraes que o christianismo nos legou” (TOLEDO, 1917, p. 5), sentenciando sobre a teoria de Darwin: “o darwinismo de nossos dias conserva, de seu fundador, pouco mais que o nome” (TOLEDO, 1917, p. 5), assim, “o lado biologico do ensino encontra aqui – nas modificações que o homem póde apurar sobre o meio physico – sua definição precisa” (TOLEDO, 1917, p. 8).

Um homem bello e intelligente, uma mulher honesta e formosa, um emprego lucrativo, uma posição de destaque, são objecto da cubiça de muitos ao mesmo tempo. Da victoria de um não resulta, porem, o aniquilamento do outro, o vencido, em posição inferior, é certo, continuará a viver, preenchendo todos os seus destinos na terra. Não houve predomínio da força bruta que nem siquer entrou em acção: triumpharam a intelligencia, a subtileza, a perseverança, os adornos, as graças corpóreas, os dotes de espirito e as relações de amizade. Estas armas são muito mais poderosas que a mecânica violenta dos braços de ferro. Ellas humanizam a luta que os costumes regulam e as leis limitam. Fazem-n’a uma luta que constróe, que edifica, que engrandece, e não mais a luta de morte e de destruição (TOLEDO, 1917, p. 8).

No segundo artigo da série sobre a História da Instrução e da Educação no Brasil, Silveira aborda o século XVII, com indicações elogiosas a Comenius, Pestalozzi e Herbart:



O slavo João Amos Comenius, discípulo e admirador de Bacon, imita a este na sua *Didacta Magna* e constitue-se, por esta e outras obras pedagógicas, um dos grandes vultos na historia da instrução e da educação.

[...]

João Henrique Pestalozzi (1746-1827) por seu turno mostrava, á sociedade, com um amor estranhado, que a intuição sensível, intellectual e moral é o verdadeiro caminho para falar-se á alma da criança e que a volta á natureza é obrigação absoluta em materia educativa.

[...] o notavel allemão João Frederico Herbart (1776-1841) e o meigo Augusto Guilherme Frederico Froebel (1782-1852), outra gloria da Allemanha.

Quizeram os deuses que um pouco desse espirito bemfazejo aportasse ás nossas plagas através os livros, raros na verdade, e nos cérebros sadios de moços estudantes ou de patriotas brasileiros viajantes os quaes tinham formado o carácter, ou modernizando as ideas, sôbre o vulcão que foi o finalizar do século XVIII na Europa, maximé na França (SILVEIRA, 1918b, p.16-17).

Uma sequência que chega aos pensadores brasileiros como Menezes Vieira, um autor com texto presente em *Excelsior!*, além possuir livros circulando pela biblioteca da escola:

Falando-se de pedagogistas brasileiros, aliás rarissimo, não posso deichar de apontar o Dr. Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897), o Dr. Antonio da Silva Jardim (1860-1891) e, mais dos nossos dias, o Dr. Köpke, competentissimo. Quando tratar do ensino, no Estado de São Paulo, hei de mencionar alguns typos de destaque (SILVEIRA, 1918b, p.28).

Como tornava-se praxe, ao final do seu artigo Silveira elencava suas impressões sobre escola:

Essas escolas, posto se destinem a um mesmo escopo, instituir mestres-escolas, obedecem a varios typos e muitas estão bastante desvirtuadas dos seus fins por serem tidas ou como cursos primarios superiores (escolas complementares), ou como cursos secundarios.

[...]

Da independencia para cá o progresso tem sido muito lento relativamente ao ensino primario. Em 1869 a estatistica menciona 3.516 escolas primarias publicas em todo o imperio, com 115.735 alumnos dos dois sexos, ou seja uma escola por 2.394 habitantes livres numa população de 8.419.672, havendo 1.902.424 crianças em idade escolar (de 6 a 15 annos) o que dava uma escola para 514 crianças (SILVEIRA, 1918b, p. 26-27).

Em 1919, no sexto número da revista, Silveira apresenta a conclusão da série que iniciou na edição de número 4, dissertando sobre ensino no estado de São Paulo desde 1835. Aborda as reformas do ensino, as escolas preliminares e complementares, as escolas de artes e ofícios, os cursos secundários, as escolas profissionais, a iniciativa privada, as escolas estrangeiras, o material didático, as falhas e pessimismo do professorado, encerrando com uma apreciação geral do ensino no estado.

É interessante observar que tal artigo havia sido redigido e lido em sessão no dia 14 de outubro de 1916, na “Sociedade de Estudos e Conferencias”, de São Carlos. Neste artigo Silveira reafirma suas afinidades com Rodrigues, tomando as definições e critérios historiográficos do ex-professor e ex-inspetor, a partir do 1º volume do “Anuario do Ensino do Estado de São Paulo” (1907–1908), além de elogiar suas ações e de seus colegas:

A gerencia do Prof. João Lourenço produziu alguns resultados notaveis, como, por exemplo, a publicação do 1.º volume do “Anuario do Ensino”, repositorio de opiniões francas e sinceras sobre factos da instrucção paulista, e contendo a mais completa estatistica escolar que se possui, entre nós; uma commissão composta dos Professores Alfredo Bresser da silveira, Ramon Roca Dordal e João Pinto e Silva forneceu material para a organização de umas interessantes e uteis “Instrucções para a execução dos programmas dos grupos escolares”; houve, em São Paulo, em setembro de 1907, uma reunião de directores de grupos do interior, como preparatorio para maiores e mais fructuosas assembleas; outra commissão formada dos Professores Carlos Alberto Gomes Cardim, Theodoro Jeronymo Rodrigues de Moraes e Miguel Carneiro Junior organiza “uma relação dos livros, caderno, mappas e materiaes de ensino que, segundo sua opinião, devem ser de preferencia adoptados”; além desses factos salientes, em muitos outros fez-se notar a acção do Inspector Geral, homem de trabalho e perfeito conhecedor das coisas do nosso ensino (SILVEIRA, 1919, p.21).

Na sequência, Silveira faz críticas ao sempre lembrado pela imponência e opulência prédio da Escola Normal Secundária de São Carlos, ao defender a especialidade da engenharia pedagógica na construção escolas, lembra da Normal de São Carlos como um mau exemplo de engenharia. É bom lembrar que Rodrigues, alguns parágrafos antes elogiado, participou da construção do prédio:

O predio escolar representa um conjuncto de predicados taes que só mesmo a especialização na engenharia-pedagogica poderá offerecer os paradigmas. O desvio dessa rota, aliás a unica verdadeira, há produzido erros insanaveis como os que se notam, por exemplo, na actual E. N. S. de São Carlos: repito, porisso, que não é qualquer profissional, embora competente, que pode construir uma escola, senão um engenheiro-pedagoga (SILVEIRA, 1919, p.30).

E segue com suas críticas, como apontamos anteriormente, referindo à nulidade das demais publicações pedagógicas: “Falta ao professorado um órgão de publicidade que sirva aos interesses da classe e que oriente o trabalho das escolas” (SILVEIRA, 1919, p.31).

E em um raro momento da Revista, Silveira põe em xeque a própria estrutura do ensino público paulista: “E quanto a instituições pre, circum e-post escolares? Está São Paulo ainda no a b c desses pontos vitais” (SILVEIRA, 1919, p.31), o que demonstra sua distância dos centros políticos de decisão como percebemos no comentário sobre a Reforma a ser empreendida por Sampaio Dória em dezembro de 1920: “Cogita-se agora de uma vasta reforma no ensino publico do Estado. Nada avançarei sobre isso por ignorar completamente as bases estabelecidas para a nova transformação” (SILVEIRA, 1919, p.32).

### **3.3 O futuro explicando o passado: modelo/método**

Na *Revista da Escola Normal de São Carlos*, é interessante observar, o ponto de vista dos professores de forma mais objetiva sobre as questões que eles mesmos suscitavam em *Excelsior!*. Em maiores detalhes, percebemos os objetivos e pretensões do professorado em relação à formação de seus alunos.

A preocupação com a uniformização dos métodos era grande e permeava cada disciplina discutida no periódico, do desenho à geometria, chegando às disciplinas pedagógicas. Em seus textos percebemos os professores discutindo seus temas preferidos em maiores detalhes, ao que parece, também desenvolvidos em sala de aula.

É bom ressaltar que os artigos são apresentados como fruto de estudos e tendo como resultados compêndios para o alunado, de forma a simplificar e facilitar seus estudos, assim como afirmou Toledo dirigindo-se aos seus alunos: “Copiei,

traduzi, interpretei as idéas que apresento. Fiz commentarios que me pareceram uteis á sua bôa compreensão” (TOLEDO, 1918, p. 12).

No caso do professor de caligrafia e desenho, Raphael Falco, ao defender um modo de ensinar desenho calcado no exemplo do professor praticado no dia-a-dia, durante o ano ou anos, assim “[...] o alumno vê uniformemente todos os dias, o que o professor pratica com mais pertinacia e o que menos descreve e discute ou menos verbaliza” (FALCO, 1916, p. 13). O autor afirma, ainda, que “a maneira de ensinar do alumno é geralmente a do professor; é a copia natural do mestre, tanto mais perfeita quanto maior for o seu poder suggestivo, sem descrever, sem discutir, sem verbalizar” (FALCO, 1916, p. 13), sendo assim a mera verbalização para incutir bons hábitos seria inútil.

Como dizia, a observação nos ensina que si o alumno aprende para ensinar deve aprender conjuntamente o methodo de ensino atravez da maneira do professor. Este deve ser na escola um modelo. A sua conducta deve ser talhada sobre moldes de antemão estudados, porque d'elle depende exclusivamente a orientação futura dos seus alumnos (FALCO, 1916, p. 14).

Falco defende o ensino de desenho nas escolas para o desenvolvimento do indivíduo, sempre com vistas à valorização dos melhores alunos: “[...] que os melhores trabalhos dos alumnos figurem no conjuncto artistico, quer isoladamente ou agrupados em um quadro, em exposição permanente, á medida que aparecem [...]” (FALCO, 1916, p. 16).

Assim como o professor Falco (1916, p. 16), Antonio Firmino Proença também defendeu os centros de interesse, dessa vez no âmbito da leitura, o autor expõe como organizar “[...] um plano racional de ensino primario que, satisfazendo as tendencias naturais da infância, ao mesmo tempo lhe permitta provêr às necessidades futuras [...]” (PROENÇA, 1916, p. 24). Para Proença os centros de interesse seriam a forma mais adequada, racional e natural de se trabalhar com as crianças no ensino primário:

Abandonemos o livro e as gravuras que não falam à alma das crianças a linguagem que lhes convem, deixemos as classificações scientificas para mais tarde, ponhamos a criança em contacto directo com a natureza para que a observe por si e lhe descubra os segredos, e ela aprenderá alguma coisa mais do que meras palavras... (PROENÇA, 1916, p. 26).

Por fim, Proença aconselha seus alunos a obterem mais informações em seu caderno explicações teóricas de Proença. Demonstrando, mais uma vez o tipo de material de leitura que eram oferecidos aos alunos.

Embora tais textos estivessem publicados na revista dos professores, muitos deles eram prescritos para o alunado. O professor Fernando Penteado dirigia-se aos seus alunos leitores como “[...] legítimos e bem intencionados amantes da instrução” (PENTEADO, 1916, p. 27).

Em outro artigo pedagógico, intitulado Linguagem (apontamentos para meus alumnos), João de Toledo, dirigia-se especificamente aos seus alunos, como se observa no próprio título, discute entre o aspecto instrutivo e o educativo para o ensino da linguagem. O primeiro, “[...] visa o conhecimento dos princípios gramaticaes que procuram moldar o nosso dizer pelo dizer dos mestres, conformando-o, em tudo, com o uso corrente no meio dos que melhor falam e melhor escrevem” (TOLEDO, 1916, p. 28). Sem “[...] descurar da pureza de nossa lingua; tanto quanto puder o pae em sua casa e o professor em sua classe, deverá ella ser limada, polida, ajustada aos modelos que enriquecem nossa literatura” (TOLEDO, 1916, p. 28). O segundo aspecto, o educativo, é tratado a partir da palavra “[...] o eixo do qual se agrupam representações simples que em synthese, nos dão conceitos complexos [...]” (TOLEDO, 1916, p. 28). “Para os pequenitos, essas palavras – justiça, progresso honra, como muitissimas outras – não têm significação. Soam-lhes nos ouvidos e passam sem deixar signal na mente” (TOLEDO, 1916, p. 28).

O método defendido para o uso da palavra/linguagem no desenvolvimento do pensamento e melhora da linguagem etc. é a lição de coisas: “Apresentar-lhe [à criança] objectos, solicitar para elles a sua attenção, fazê-las salientar os attributos todos de cada cousa examinada, a começar pelos mais sensiveis – é dar lhes os recursos indispensaveis para se comunicarem com o meio em que vivem” (TOLEDO, 1916, p. 29). São temas que aparecem na revista *Excelsior!*, embora estejam mais desenvolvidos em *Revista da Escola Normal de São Carlos*, mas ambos no mesmo caminho, o de priorizar a maior comunicação entre os alunos: “Falar, pois, é indispensavel. Falem as crianças na escola, dentro do assumpto das lições, falem muito, e o professor terá opportunidade de corrigir-lhes o pensamento,

corrigindo-lhes a linguagem” (TOLEDO, 1916, p. 29), assim como a ênfase nos modelos adultos, fato importante para o *habitus*: “as crianças falarão como falam os paes, amigos, os mestres. Estes ultimos é que estão obrigados a offerecer-lhes o melhor modelo” (TOLEDO, 1916, p. 30).

Reforçando o aspecto de mais espaço para as discussões teóricas, diferente de *Excelsior!* que apresenta curtas sentenças e pequenos artigos para as discussões teóricas sobre educação, Toledo ainda relaciona os aspectos da técnicos da linguagem e seu papel frente à sociedade, principalmente seu fator nacionalizador, assim, segundo Toledo (1916, p. 29) o professor deveria:

[...] terminar todas, as frases; concluir todos os pensamentos; articular bem todas as palavras; não divagar; não correr; não gritar; falar pouco para que ellas possam falar muito – eis os preceitos que com rigôr se impoem. Lembre-se que desta forma estar-se-á prestando um grande serviço á sociedade que se evolue e se estreita no intercurso das ideias e dos sentimentos; e mais que a linguagem é elemento nacionalizador por excellencia, é o melhor patrimonio de um povo – educá-la é, além de tudo, obra de civismo.

Em um artigo sobre o método didático, Antonio Firmino da Proença defende como único método, ou concepção mais digna de tal nome, o plano da escola herbartiana, os “passos formaes do ensino (*die formalen Stulen des Unterrichts*)” (PROENÇA, 1917, p. 25). Promete para o próximo artigo (uma vista geral do assunto) o desenvolvimento de cada um dos passos formais “[...] sob o ponto de vista de sua applicação pratica” (PROENÇA, 1917, p. 26).

Originalmente havia Herbart sugerido quatro passos: clareza, associação, systema e methodo. O primeiro passe corresponde á phase em que o espirito adquire e asimila a noção individual; o segundo e o terceiro se destinam á formação do julgamento; o quarto é reservado para a applicação do julgamento formado a novas situações (PROENÇA, 1917, p. 25).

Um artigo em que Herbat é defendido, e indicado, como único método passível de ser seguido:

Qualquer que seja o fim a atingir desde que se trate de obter identicos productos psicologicos o trabalho natural do espirito para aprender é sempre o mesmo, e é esta marcha natural do espirito que determina o methodo de ensino, porquanto 'ensinar não é mais do que ajudar o alumno a aprender' (PROENÇA, 1917, p. 25).

Escrito em janeiro de 1919, João Toledo apresenta *Aprendizado activo*, no qual o autor tece uma crítica ao ensino afirmando que as escolas são boas, mas têm defeitos graves que devem ser corrigidos rapidamente. Segundo ele, os professores ensinam demais, sem deixar tempo para as crianças aprenderem pelo próprio esforço. Para ele, “o curso preliminar deve ser um alicerce feito de experiências e não de palavras; é indispensavel não só conhecer os objectos, como saber os usos que delles se fazem; é tempo de preparar homens que se conduzam e não homens para serem conduzidos” (TOLEDO, 1919, p. 54).

A simples alphabetização da massa popular, sem um lastro de ideias e de sentimentos decorrentes dos princípios básicos sobre os quaes repousa a ordem social, pode ter, em futuro próximo, funestas consequências, dados o ardôr e os excessos das reivindicações operárias, que explodem e se alastram. Não ha barreiras para essas torrentes; a força já se mostrou impotente. E' possível, entretanto, desviar-lhes o curso; e, neste tentame, só a escola pode triumphar. As doutrinas libertárias de character anarchista nascem, sob a pressão da tyrannia, de uma falsa compreensão da solidariedade humana e alimentam-se na miséria e na ignorancia do povo. As escolas, facilitando a vida material e educando o individuo, terão dado á nação a estabilidade que comporta o grau de evolução actual do espírito do homem. Aperfeiçoar, portanto, nosso ensino, fazendo delle uma verdadeira instrucção educativa, tão sólida quanto possível, deve ser nosso empenho; e nunca mutilá-lo, reduzindo-o a uma brochada de cal sobre uma parede suja. Assim, pois, conservar o que temos, melhorando; interessar as municipalidades, afim de contribuirem ellas para a disseminação do ensino elementar, superintendido pelo Estado; tornar mais efficaz o aprendizado, pela reforma dos métodos usados – eis as questões urgentes que mais reclamam nossa bôa vontade (TOLEDO, 1919, p. 39).

### 3.4 Biografias

Ao modo como apareceu em *Excelsior!* a biografia sobre Rio Branco, Arthur Raggio Nóbrega publicou na *Revista da Escola Normal de São Carlos* o artigo *Ruy Barbosa*, a transcrição da conferência proferida na “Solennissima sessão

commemorativa do jubileu literario do grande brasileiro”, realizada em agosto de 1918, no salão nobre da Escola Normal Secundária de São Carlos”. Indicado como um alerta à mocidade brasileira, o autor exalta a inteligência, o caráter e a vida pública de Ruy Barbosa, com indicações claras de atenção e emulação da vida e obras do autor: “fitae o olhar nesse vulto imponente e augusto. Fixae na mente os traços immortaes do paladino de todas as causas nobres e santas que fazem pulsar o coração do nosso povo e da humanidade” (NOBREGA, 1918, p. 68).

Nesse tipo de mecanismo, para o *habitus*, a representação do intelectual era imprescindível, e novamente os republicanos mais destacados e devidamente ligados, principalmente Rui Barbosa e Rio Branco: “era então ministro do Exterior o immortal Barão do Rio Branco” (NOBREGA, 1918, p. 64).

O biografado torna-se o *habitus* encarnado, ou *habitus* materializado, um gabarito cuidadosamente prescrito para o alunado:

Eis o prototypo do esforço, do valor e da honra, um dos grandes modelos que se impõem á imitação universal. Seja elle para todos nós, para os évos e para os vindouros, uma fonte inexgotavel de coragem, de alento, de estímulo e de fôrça, posta a mira no cabal e escrupuloso cumprimentos dos arduos e inilludiveis deveres para com a Pátria, que, sensibilizada, agradecida, sorridente, não recusa osculos nem carinhos aos seus filhos dedicados, aos seus servidores, aos seus benemeritos! (NOBREGA, 1918, p. 68).

Ezequiel de Moraes Leme, no mesmo sentido, na mesma edição, escreveu sobre a vida de Campos Salles, exaltando-o. Ao final, faz um apelo para que as pessoas meditem sobre a vida desse estadista e renovem o propósito de imitá-lo.

A educação moral, quer se trate da formação dos preceptores da infancia, quer não, deve revestir dois aspectos essenciais, a nosso vêr: 1º a formação do character, da organização psychica, do ethos individual; 2º a formação do patriota, do apostolo pelo bem da collectividade, do abnegado servidor de todas as causas que condigam com a maior felicidade do maior numero (LEME, 1918, p. 80).

Nesses termos, fica reforçada a formação do patriota como um apóstolo pelo bem da colectividade, do dedicado servidor pelo bem do civismo.

Houve ainda uma homenagem fúnebre a Juvenal Penteadó, lente de Francês e Inglês, então diretor da Escola Normal Secundária de São Carlos. Um momento de



comoção de toda a comunidade escolar, em que se aproveitava para enfatizar os exemplos deixados pelo professor, apresentado como cumpridor de uma missão educacional, conduzida em primeira instância pelos professores da escola normal, representada como de maior importância que a própria vida, exemplo dado por Juvenal Penteado, afirma Proença (PROENÇA, 1919, p. 4) no aniversário de um mês da morte do professor:

Foi nesse momento que alguém, muito da sua intimidade, num movimento de *sympathia*, lhe observou que não devia ter feito tão grande sacrifício.

Então ele, voltando-se para o amigo, o encarou firme e como que admirado de que se lhe fizesse semelhante observação, e resumiu todo o seu pensamento nesta frase:– Era preciso! (PROENÇA, 1919, p. 4).

Segundo Proença, o professor Penteado foi exemplar até à morte. O peso transferido para os alunos e alunas estava postado sobre seus ombros em muitos momentos: também deviam ser exemplares, pois em breve seriam professores, “pela vossa alma modelareis a alma dos vossos alumnos” (PROENÇA, 1919, p. 12). Assim, era obedecido o fim das solenidades, ajudar na construção da História comum dos professores e formar a alma dos alunos, pois o tempo todo servia para educar, a educação não descansa, até mesmo na homenagem à memória do professor (PROENÇA, 1919).

Interessante notar nesse artigo a afirmação de que Penteado tinha muitos desafetos, mas sem expor os motivos ou os nomes desses desafetos, de qualquer forma, fica o registro que aquele *campo* não seria um ambiente de paz e concórdia como faziam questão de enfatizar.

Sobre Penteado também fica o registro das relações de amizade dele com Thompson – antes mesmo de sua formação como normalista – e com Proença:

Foi em 1903 que conheci Juvenal Penteado. Por esse tempo estava eu matriculado no 3º anno e voltava das ferias para continuar os meus estudos. Era o dia da reabertura das aulas. A sala de espera da Escola Normal regorgitava de estudantes veteranos e calouros, e um alarido de vozes que davam as boas-vindas, dirigiam gracejos, commentavam pequeninos incidentes, se elevava naquelle recinto e ia perder-se na vastidão do edificio. Meio isolado daquella multidão folgazam que se acotovelava e ria, chamava a attenção um rapaz alto, quasi-louro, de physionomia sympathica. O seu traje todo preto, a gravidade do seu aspecto, as suas maneiras distinctas, a sua conversação animada, tudo nelle revelava uma pessoa extranha ao nosso meio escolar. – Quem seria? era a pergunta que nós ontros faziamos a nós mesmos. Talvez um visitante , talvez algum professor que ia completar o curso da escola... Dentro em pouco lhe fui apresentado. Era Juvenal Penteado, um simples calouro! Tinha deixado a vida da lavoura, fizera exame de sufficiencia, fora approved e ali estava matriculado no 1º anno. Não tinha grande preparo, confessava elle, mas vinha armado de vontade, e era o quanto lhe bastava. Nos dois annos que decorreram desde então até a minha formatura frequentes vezes nós nos encontrámos, e pouco a pouco se me foi firmado a convicção de que elle era um estudante exemplar e um homen de alto valor moral. Já nesta phase preparatoria para a carreira que ia seguir, Juvenal Penteado se caracterizava pelo amor ao estudo, força de vontade, independencia de opiniões e, sobretudo, por uma decidida vocação para o magisterio. Não tinha predilecção por determinada materia, dizia elle. Estudava todos com igual ardor, não pelo simples desejo de conquistar lugar proeminente na classe, mas sim porque encontrava prazer no estudo e ainda mais porque o seu papel de estudante lhe impunha esse dever. Todavia, nos primeiros tempos a sua attenção se voltou de preferencia para a literatura portugueza, e elle se encheu de admiração pelos classicos. Eram-lhe então autores favoritos Vieira e Bernardes.– Influencia, talvez do meu professor, accrescentou ao me fazer um dia semelhante revelação (PROENÇA, 1919, p. 7).

Na citação acima, a estrutura dos fatos é muito próxima à apresentada nas memórias de Rodrigues em 1930. Basta lembrar que muitos desses professores frequentaram a Escola Normal no mesmo período. Fica também o registro da defesa do método republicano, o método ativo (PROENÇA, 1919, p. 11).

Campos Salles teve sua vida biografada na revista dos professores por mais de uma vez. No artigo *Vida de um brasileiro que é uma lição de civismo (Campos Salles)* de autoria de Dagoberto Salles, os aspectos republicanos de sua vida são ressaltados, sendo considerado, pelo autor, de “orientação mais liberal possível” sua

vida é destacada em minúcias em texto orientado “[...] a despertar o interesse da mocidade” (SALLES, 1917, p. 50).

Esta ahi, na apresentação desses exemplos, o meio mais facil e mais efficaz para promovermos o levantamento das energias dos descrentes e a producção do entusiasmo na mocidade, a favor do systema politico que nos rege.

Formemos e tenhamos á frente dos nossos destinos homens como esses que o historiador imparcial vae encontrar aureolados nas paginas do livro da Republica do Brasil, e não haverá lugar, por certo, para nenhuma descrença e nenhum desespero em nenhuma alma de brasileiro (SALLES, 1917, p. 51).

Em seu artigo sobre a escola brasileira, João de Toledo fala sobre as maneiras de se chegarem à liderança no país, curiosamente tais maneiras são encaminhadas por fora da escola:

[...] a posição de leaders é reservada pela natureza a um pequeno grupo de privilegiados seus, que arrastam a sociedade com vagar e com cuidado [...] Elles se fazem por si, graças aos seus talentos, fóra da escola, cuja função é preparar a massa popular, naturalmente conservadora. [...] Em uma escola, o programma póde ser synthetizado nestes termos: – ‘Moralizados, bastemo-nos a nós mesmos’. Aceito este lemma, o professor primario inspirará a seus alumnos amor e interesse pelas cousas do campo, pela nossa terra e pela nossa gente. Este é o seu primeiro dever (TOLEDO, 1917, p. 77).

Seria este um exemplo de *habitus* professoral não convencional nas publicações da Escola Normal Secundária de São Carlos, pois, foge e renega a função escolar programática a que vinham defendendo.

Rememorando novamente os textos sobre os grandes vultos da nação e também os métodos que defendiam a cuidadosa seleção dos temas e exclusão dos feitos negativos na escola, Toledo explicita toda a importância da publicação de textos biográficos e sua configuração:

O professor, estudando a vida de nossos maiores, em seus actos de meninos, em seus feitos de homens, terá o cuidado de examinar sómente as passagens mais salientes, mais suggestivas e por isso, mais compreensíveis. A partir do segundo anno, o ensino irá progressivamente augmentando sua amplitude: os maiores representantes do paiz na administração, na guerra, na literatura, nas artes, irão apparecendo aos poucos, acompanhando-se, quanto possivel, de quadros explicativos, as acções desenvolvidas de cada um. Ao finalizar o segundo semestre do ultimo anno, dar-se-á por concluido o estudo feito por meio de biographias; e, em synthese rapida, os factos essenciaes serão apresentados, em ordem chronologica.

[...]

As biographias são aprendidas com carinho, porque os heroes exercem fascinação sobre o espirito das crianças e... de todos nós. A imaginação engrandece-os, empresta-lhes vida, côr, movimento; tira-os do passado onde estão e fá-los viver novamente, sinão na realidade, em um mundo que ella se crea. Ahi são elles imitados, pois nós vivemos todos a imitar; desde criança imitamos, e de preferencia aquelles que mais amamos e mais admiramos. Os heroes apresentados aos estudantes devem ser optimos modelos a serem copitados. E desta forma, o passado illuminar-se-á para nós; nossas tradições, nossos feitos terão o alicerce de nossa alma cívica; seremos a continuação mehlorada do que fomos. Os filhos de estrangeiros terão a mente povoada das mesmas ideias que povoam as nossas; o coração formar-se-á na mesma lareira de emocções; seus labios falarão nossa lingua; terão elles mesmos aspirações nossas; em uma palavra – serão brasileiros. Notem os que me ouvem, eu penso e sinto que a escola se nacionaliza por effeito dessas duas disciplinas [história e geografia] de que acabamos de tratar (TOLEDO, 1917, p. 81).

### 3.5 Nacionalismo

Ezequiel Moraes Leme, em *Pela patria*, um discurso lido em sessão cívica realizada no anfiteatro da Escola Normal Secundária de São Carlos, ressalta os valores patrióticos, a necessidade de lembrá-los e homenagear a Pátria nos feriados cívicos, principalmente no momento por que passavam:

Melhor será que nossa palavra, fraca pelo descolorido da linguagem, mas forte e vibrante pelo ardor patriótico, que a inspira, presente, nesta brilhante assembléia de brasileiros, algumas das muitas considerações, que o momento grave, por que vamos passando, nos suggere (LEME, 1917, p. 13).

Naquele momento, a Guerra de Mundial, que desenrolava nos últimos três anos, já assustava o autor:

Cada vez mais, nos aproximamos desse incendio, sem precedentes nos annaes da humanidade, que já fez a desgraça de ricas e adiantadas nações do velho mundo. Os meios violentos, que estão sendo postos em pratica, na guerra actual, com revoltante desrespeito aos principios do direito internacional e aos tratados, já nos levaram a uma attitude que, se ainda não nos trouxe estado de guerra, d'elle muito nos aproximou (LEME, 1917, p. 15).

E seus efeitos começam a ser sentidos nas publicações da Escola Normal Secundária de São Carlos com mais vigor, trazendo preocupações mais fortes do que as apresentadas em *Excelsior!*. Na publicação dos professores, o problema apresentava-se com maior furor e a solução encontrada alinhava-se às ações de Bilac na campanha da Regeneração frente ao estrangeirismo:

Não foi, pois, meus senhores, sem base, infelizmente segura, que Olavo Bilac, dando inicio á campanha de regeneração nacional, numa triste, mas verdadeira apreciação, sobre a sociedade brasileira, disse: 'Uma onda desmoralizadora de desanimo avassala todas as almas. Não ha em cada alma a scentelha criadora, que é a consciencia da força e da bondade; e de alma para alma não ha uma corrente de solidariedade, de crença comum e de entusiasmo , que congregue todo o povo, numa mesma aspiração. Hoje, a indiferença é a lei moral; o interesse proprio, o unico incentivo. O 'arrivismo'; – hediondo extrangeirismo, com que se exprime uma enfermidade ainda mais hedionda, – epidemia moral, que tende a transformar-se e a enraizar-se, como endemia, envenena todo o organismo social e mata todos os germens da dedicação e da fé: cada um quer gozar e viver sózinho, e crescer, prosperar, brilhar, enriquecer depressa, seja como fôr, através de todas as traições, pro cima de todos os escrupulos. Assim, a comunhão desfaz-se e transforma-se em acampamento barbaro e mercenario, governado pelo conflicto das cobiças individuaes (LEME, 1917, p. 14).

Nesse momento, o professorado, assim como seu alunado, seriam os responsáveis pela luta em favor da pátria ao exemplo dos heróis da antiguidade como Leônidas e seus 300 contra Xerxes, um exemplo de patriotismo a ser seguido, compactuando com a campanha de Bilac:

E, o efeito altamente benéfico, dessa campanha admirável [movimento de reconstrução nacional], já se fazendo sentir. Por toda parte, por onde passa o genial apóstolo [Olavo Bilac], forma-se uma scintilla eléctrica, que se desenvolve e se alastra, pondo todos os elementos vitais da nação em alvoroço. Bilac em suas peregrinações patrióticas, lembra o santo Rabbino da Galliléa, quando lançava, entre as turbas encantadas, os fundamentos imperecíveis da sua igreja (LEME, 1917, p. 16).

Ezequiel de Moraes Leme, em *Povoamento e educação*, publica discurso no qual o autor tem como objetivo estimular o movimento patriótico. Afirma que tal “movimento vale por uma reacção, fraca embora, contra o desalento que se observa por toda a parte, contra o pessimismo com que se encara o futuro, contra a descrença, em summa, nos altos destinos nacionais” (LEME, 1919, p. 33):

O corpo discente da Escola Normal, representado pela distincta directoria do Gremio Normalista, avocou a si a iniciativa da commemoração dos dias consagrados ao culto da Patria. Esse Bello gesto da mocidade, não pode ser indifferente aos seus mestres que, por todos os meios ao seu alcance, procuram desenvolver-lhe o civismo. Nestas condições, não tive a menor duvida em dar o meu assentimento, ao convite a mim dirigido, para dizer aqui algumas palavras que sejam um estímulo para o crescente movimento de patriotismo que, de certo tempo a esta parte, vem sendo observado em nosso meio (LEME, 1919, p.33).

O nacionalismo e o civismo deveriam ser incorporados pelo *aluno-mestre* tanto quanto qualquer outro conteúdo escolar. Esses pontos eram considerados de vital importância tanto para o projeto de ensino a ser desenvolvido pela escola normal, quanto para o desenvolvimento do próprio país. Basta folhear as páginas da revista, ou mesmo a terceira edição da revista, um número especial, com nove palestras realizadas na Escola Normal de São Carlos durante o ano de 1917, todas tomando como o tema o nacionalismo e o civismo, perpassando desde as belezas naturais do Brasil, à formação de seu povo e sua escola.

Nessas palestras, a campanha nacionalista empreendida por Bilac era tomada como exemplo e motivação, e novamente autores como Rui Barbosa e Euclides da Cunha estavam entre os lembrados. É bom ressaltar que o nacionalismo que defendiam, ligava-se a um tipo de nacionalismo paulista, como gostavam de demarcar: “paulistas que somos” (CALEIRO, 1917). É um ponto importante para

pensar na situação passada pelos professores estrangeiros que a escola possuía e às dificuldades porque passaram.

Atugasmim Medici, também dirige-se à mocidade, utilizando-se da imagem mestre-soldado da pátria. Segundo ele, de acordo com os objetivos da série de palestras cívicas, publicadas no terceiro número, “[...] as nossas palestras obedecem a um plano único: constituem uma série uniformemente intencionada, caminhando para um fim só: o Brasil e para o Brasil” (MEDICI, 1917, p. 85) e também devido aos dados referentes ao analfabetismo no país, de cada 10 habitantes nem 4 eram capazes de ler ou escrever, defendia que o ensino não ficasse apenas definido por uma questão de vocação, mas que o magistério fosse obrigatório como o serviço militar: “pensae nisto um momento, vós alumnos desta Escola, que vos preparae para a profissão de mestres” (MEDICI, 1917, p. 88).

Mas como se deve formar um caracter? Sabeis que as creanças se deixam levar principalmente pela imitação e procedem pelo exemplo. Dahi a necessidade de que o mestre seja um caracter. Nada valem as mais puras theorias de que possamos povoar o espirito da creança; nada valem as lições dos livros, – se ao lado dessas lições, dessas theorias, não apresentarmos um compedio vivo, o mestre, cujas lições resaltem da sua vida publica e da sua vida privada. Se o mestre propagar os principios da mais sã pedagogia, mas não fôr um bom cidadão, não formará jamais o caracter do seu alumno, porque este imitará a conducta do mestre (MEDICI, 1917, p. 89).

Na conferência “Instituições patrióticas” realizada por Elisiario Fernandes de Araujo, diretor do Grupo Escolar Paulino Carlos, em São Carlos/SP, no anfiteatro da Escola Normal Secundária de São Carlos, o professor deixa transparecer alguns fatos de interesse para nossa pesquisa, primeiramente a dinâmica das conferências, lembrando que foram nove conferências sobre o tema nacionalismo e civismo, e, ao que parece, todas realizadas no anfiteatro da escola normal daquela cidade e com a presença do alunado da mesma escola.

Araujo também trata da importância da imprensa:

E que armas são a imprensa e a tribuna! Que forças ellas representam! Uma e outra são os vehiculos das idéas, acanalizam o pensamento dominam e arrastam as multidões, e assim operam as grandes transformações sociaes.

Venham em nosso auxilio essas alavancas do progresso, e cooperemos todos para o nosso bem commum, – vós lendo e ouvindo a propaganda das causas sãs, das boas idéas, e desenvolvendo-a, o nós outros, mestres, prègando essas mesmas idéas á mocidade, tendo por fanal o desejo de bem educar, sem nos deixarmos conduzir pelo pessimismo, que é uma doença, porém dentro dos necessários limites, sendo optimistas (ARAUJO, 1917, p. 95).

Em Pela *Patria*, do professor Sebastião Paulo de Toledo Pontes, também em conferencia realizada no anfiteatro da Escola Normal de Secundária de São Carlos, dirige-se aos alunos – “todos vós, senhores alumnos, [...]” (PONTES, 1917, p. 108) – ao tratar de tema que defendia as ações do governo: “Cerremos fileira ao lado do Governo que faz jus a nossa mais entusiastica admiração, obedeçamo-lo cegamente” (PONTES, 1917, p. 114).

Na continuação das conferências, Mario Natividade publica o Discurso aos Professorandos de 1917 (Escola Normal de São Carlos), texto que exemplifica a relação das conferências e o alunado, diferente das demais, a de Natividade não respondia a um tema sorteado, mas tratava-se de um discurso que deveria ser lido na solenidade de entrega dos diplomas, no final de 1916, festa que não se realizou por determinação do governo do Estado. Um artigo que é dirigido para os alunos “[...] da escola fecunda onde florescem os descendentes de Pestalozzi” (NATIVIDADE, 1917, p. 123).

Em tal artigo, mais uma vez o tema é o nacionalismo, a guerra e Deus. Nessa leitura a “[...] escola é o principal reducto da defesa nacional [...]” (NATIVIDADE, 1917, p. 131) e o trabalho escolar novamente deixa de ser tomado como profissão, e neste caso específico dirigido à alunas, mas como evangelho:

Vós, particularmente, senhoras professorandas, ao deixardes esta escola para penetrardes no scenario da vossa profissão, infundis nos que vos contemplam um sentimento de profunda sympathia e religiosa veneração. Nada eguala a vossa dignidade, nenhuma palavra é bastante expressiva, nenhuma phrase assás eloquente para traduzir o que ha de grandioso na vossa tacita profissão de fé ao abordardes o evangelho da educação (NATIVIDADE, 1917, p. 131).



Em outro ponto relacionado à leitura, Pape Carpentier é indicada às alunas. Tal autora aparece no livro de empréstimos da biblioteca da Escola Normal Secundária de São Carlos:

Podereis, pois, prestar á causa da educação um serviço immenso, senhoras professorandas. Mire-vos nos exemplos daquela pedagoga-poetiza que se chamou Mme. Pape Carpentier, amantissima das creanças, com as quaes se identificava, fallando-lhes, e fazendo-se dellas comprehendida, em sua linguagem infantil, ao mesmo tempo que brilhava como astro de primeira grandeza no céu da pedagogia, compondo robustas obras, e inspirando ao seu governo, e ao mundo, planos de ensino e preceitos educativos magistraes (NATIVIDADE, 1917, p. 132).

Mariano de Oliveira, então diretor da Escola, foi o responsável pela conferência *Culto a bandeira*, realizada em seu anfiteatro, em 19 de novembro de 1917, após um semestre de palestras, tratando do tema culto à bandeira.

Entre outros assuntos, conta duas histórias sobre heróis do povo, um menino de treze anos que salva uma criança do afogamento e um homem que salva duas crianças da morte, entregando a sua própria vida à morte. Atenção para o fator simbólico:

João Constantino, porém, não conhecia essas crianças; seu acto é o supremo heroísmo que leva o homem ao estoicismo de um santo. Deu um salto e salvou duas vidas, mas caiu herói no seio da Patria agradecida que se ufana, que se orgulha de filhos tão dignos (OLIVEIRA, 1917, p. 139).

## Considerações finais

Tomamos os periódicos *Excelsior!* e *Revista da Escola Normal de São Carlos* como fontes privilegiadas para compreender o campo educacional paulista a partir de São Carlos nos anos de 1911 a 1923, recortando pelo tema *habitus* professoral e assim, chegando ao final de mais uma etapa, acreditamos ter alcançado nossos objetivos.

A feição assumida pelo trabalho apresentado deve-se ao percurso que as fontes indicaram. A pesquisa iniciou-se no curso de graduação, apenas com a revista *Excelsior!*, com o mapeamento dos nomes, entre outros aspectos, partindo mais tarde para a *Revista da Escola Normal de São Carlos*, chegando aos trabalhos acadêmicos e demais fontes trabalhadas aqui. Como resultado um trabalho de percepção e ação de uma construção elaborada empiricamente.

Reforçamos o caráter empírico do trabalho revelado na seqüência apresentada aqui, fatos ressaltados na trajetória do *campo*, desde suas raízes, foram ressaltados por serem elementos presentes nos periódicos de 1911 a 1923, referentes a temas que iam de ciência, religião à defesa do método intuitivo.

Nessa trajetória, buscamos compreender o modo pelo qual esses periódicos levaram adiante a função de configurar um *habitus* específico, que se diferenciava por oferecer a imagem de um professor idealizado, a imagem do novo mestre, do mestre republicano, nacionalista, progressista, engajado e abnegado. Um mecanismo pedagógico por excelência, o periódico estudantil exercitava e publicizava o *habitus* professoral, um modelo a ser apreendido e representado.

Os periódicos mostraram-se ricos instrumentos para estudo do campo educacional. As diferenças entre os dois periódicos são exemplares, como ressaltamos o tamanho de *Excelsior!*, maior, com mais figuras, redigida a partir de sentenças mais curtas do que as apresentadas na *Revista da Escola Normal de São Carlos*, próprias para um leitor mais jovem, que poderia portar sua revista, lendo-a em qualquer lugar, sem a concentração necessária de um texto mais longo e sem ilustrações como no caso da revista dos professores.

Essas diferenças entre os materiais de leitura do professor e do aluno começam por pontuar o que era ser professor e o que era ser aluno. O professor normalista, leitor de obras pedagógicas e produtor de compêndios para seu alunado,

o qual, alegavam os professores, não possuía tempo hábil para tantas leituras. Assim, não podemos deixar de pensar as diferentes formas de tentativa de controle sobre a leitura e a escrita presentes desde a concepção dos periódicos, ao tipo de leituras oferecidas, sendo *Excelsior!* uma revista propriamente literária, com um tipo de literatura específica, nacionalista e ufanista, diferentemente na revista dos professores em que estes eram responsáveis plenamente pelo que escreviam e tinham preferência pelos temas considerados “maiores” da educação.

Verificamos a organização dos periódicos a partir de sua produção, primeiramente *Excelsior!* motivada por personalidades de peso no campo educacional paulista da época como Oscar Thompson, João Chrysostomo, João Lourenço Rodrigues, João de Toledo entre outros, configurando-se como um *meta-periódico*, que tentava firmar-se e explicar-se para seu público. Já a *Revista da Escola Normal de São Carlos*, era dirigida para um público mais seletivo e acostumado com a leitura, um periódico que possuía recursos editoriais mais simples e priorizou as discussões educacionais e políticas de emergência do momento.

A partir dos primeiros questionamentos envolvendo a materialidade dos periódicos, as relações estabelecidas naquele espaço confirmam o tipo de relação existente entre as publicações, embora em alguns momentos – como afirmamos no terceiro capítulo – a revista dos professores também fosse indicada para a leitura dos alunos. Principalmente no que diz respeito aos métodos e seus objetivos, percebemos o vigor da configuração do *habitus* discente naquele espaço e a autoridade – não devemos esquecer que se tratava de uma relação professor/aluno – com que o professorado empreendia a função de veicular um modelo a ser seguido, o seu próprio exemplo.

Na *Revista da Escola Normal de São Carlos*, destacamos os professores Carlos da Silveira e João de Toledo, por sua posição no periódico. Enfocamos também sua materialidade, tentando ressaltar as diferenças entre a revista dos professores e a revista dos alunos, diferenças que denotam o tipo de leitor desejado e a imagem que tinham de tal leitor, embora, em certos momentos, a revista dos professores também apresentasse textos dirigidos aos alunos.

## Referências

A.. Editorial. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos), São Carlos,SP, Joaquim Augusto, n. 7, p. 1-1, set. 1916.

A REDACÇÃO. Editorial. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos), [S.l.: s.n.], n.1, p. 5-5, nov. 1911.

\_\_\_\_\_. Laboremus. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP, Aldina, n. 2, p. 3-3, mar. 1912.

\_\_\_\_\_. Noticiário. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP Aldina, n. 2, p. 21-22, mar. 1912.

\_\_\_\_\_. Editorial. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos), São Carlos,SP, Aldina, n. 4, p. 1-1, out. 1913.

ARAUJO, Elisiario F. Instituições nacionaes. **REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS**. São Carlos, Tip. Artística, ano II, n. 3, 1917.

ARRUDA, Haidéa Haracy de. *Gloria in excelsis*. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). [S.l.: s.n.], n. 1, p. 24-24, nov. 1911.

\_\_\_\_\_. *Ubique patriae memor*. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP, Aldina, n. 2, p. 13-13, mar. 1912.

\_\_\_\_\_. Uma questão pedagógica. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP, Aldina, n. 4, p. 3-4, out. 1913.

A COMISSÃO. Editorial. **REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS**. São Carlos: Tipografia Aldina, ano I, n. 1, p.1, 1916.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Rio de Janeiro: 1911.

BASTOS, M. H. C. **Pro Patria Laboremus**: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897). Bragança Paulista/SP: Editora da Universidade de São Francisco, 2002. v. 1. 350 p.

BOTELHO, Maria. O medo. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). [S.l.: s.n.], n. 6, p. 11-12, set. 1914.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. **Questões de Sociologia**, Rio de Janeiro, Marco Zero, 1993, p.89-94.

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. 2.ed. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel, 1989.

\_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. Trad. Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora Unesp, 2004b.

\_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004a.

BRAGA, Yayá. A mulher. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Paulo, Casa Graphica, n. 3, p. 9-9, fev. 1913.

BUSCH, Reynaldo Kuntz. Evolução e organização atual do Ensino Normal em São Paulo. In: ROCCO, Salvador. [et alli]. (Org.). **Poliantéia comemorativa do primeiro centenário do Ensino Normal de São Paulo**. São Paulo: Brescia, 1946.

CAMARGO, José de. Escola Normal de São Carlos - Sua criação e instalação. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). [S.l.: s.n.], n. 1, p. 10-12, nov. 1911.

CAMARGO, Luiz de Arruda, & SANTOS, Architiclino dos. Acta da fundação do “Gremio Normalista 22 de Março” e da eleição da directoria provisória. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). [S.l.: s.n.], n. 1, nov. p. 6-6, 1911.

CAMARGO, José de. Escola Normal de São Carlos - Sua criação e instalação. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). [S.l.: s.n.], n. 1, p. 10-12, nov. 1911.

CAMARGO, Luiz de Arruda, & SANTOS, Architiclino dos. Acta da fundação do “Gremio Normalista 22 de Março” e da eleição da directoria provisória. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). [S.l.: s.n.], n. 1, nov. p. 6-6, 1911.

CAMPOS JUNIOR, Romão de. 15 de Novembro. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP, Aldina, n. 5, p. 2-3, nov. 1913.

\_\_\_\_\_. René Barreto. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP, Joaquim Augusto, n. 7, p. 4-5, set. 1916.

CARVALHO, Luis Miguel & CORDEIRO, Jaime. **Brasil – Portugal nos circuitos do discurso pedagógico especializado (1920-1935)**: Um estudo histórico-comparado de publicações de educação. Lisboa: Educa, 2002.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A Escola e a República**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara (Orgs.) **Práticas educativas culturais escolares profissão docente**. São Paulo: Escrituras, 1998.

\_\_\_\_\_. Modernidade pedagógica e modelos de formação docente. São Paulo em perspectiva, São Paulo, v.14, n.1, p.111-120, 2000.

\_\_\_\_\_. Antonio de Sampaio Dória. In: Maria de Lourdes Albuquerque Fávero; Jader de Medeiros Brito. (Org.). **Dicionário de Educadores no Brasil: Da colônia aos dias atuais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep-Comped, 2002.

CATANI, Denice Barbara. **Educadores à meia luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente de Professorado Público de São Paulo (1902-1918)**. Bragança Paulista-SP: EDUSF, 2003.

\_\_\_\_\_. & SOUSA, Cynthia Pereira de, A geração de instrumentos de pesquisa em História da Educação: os estudos sobre as revistas de ensino. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo (Orgs.). **Brasil 500 anos: Tópicos em história da educação**. São Paulo: USP, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

CESAR, Carolina. Em meio caminho. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Paulo, Casa Graphica, n. 3, p. 18-18, fev. 1913.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

\_\_\_\_\_. **A ordem dos livros: leitores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2.ed. Brasília: UNB, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

E.S.. O Mestre. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). [S.l.: s.n.], n. 1, p. 23-23, nov. 1911.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **Francisco Rangel Pestana**: jornalista, político, educador. São Paulo: 1986. Tese.

LEME, Ezequiel Moraes. Questões de ensino. **REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS**. São Carlos: Tipografia Tancredo Camargo, ano V, n. 9, p.3-6, 1920.

LIMA, Stella Freire de. Mae. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP, Aldina, n.4, p. 10-10, out. 1913.

LOZANO, Lázaro L. Orientação do ensino da musica. **REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS**. São Carlos, ano I, n. 1, 1916.

MEDICI, Atugasmim. Mestres e soldados. **REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS**. São Carlos, Tip.Artística,ano II, n. 3, 1917.

MENEZES, Raimundo de. **Dicionário literário brasileiro**. São Paulo: Saraiva, 1969. v. 1

MORAES, Theodoro de, Necessitamos de "classes preparatorias" annexas aos grupos escolares. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Paulo, Casa Graphica, n.3, p. 6-8, fev. 1913.

NATIVIDADE, Mario. Paisagem. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP, Aldina, n. 4, p. 2-2, out. 1913.

NOVAES, Marina. III Vantagens pedagógicas decorrentes do estudo da atenção. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP. Aldina, n. 5, p. 14-15, nov. 1913.

NOVAES, Noemia. Audição. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP, Joaquim Augusto, n. 7, p. 2-3, set. 1916.

NEVES, Ary Pinto das. **São Carlos na esteira do tempo**: álbum comemorativo do centenário da ferrovia. São Carlos,SP: Suprema, [19-].

MONARCHA, Carlos. **Escola Normal da Praça**: o lado noturno das luzes. Campinas,SP: Editora da Unicamp, 1999.

NASCIMENTO, In: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos Escolares: Cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil "1893-1971"**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2006. v. 1. 376 p.

NERY, Ana Clara Bortoleto. **A Sociedade de Educação de São Paulo: embates no campo educacional (1922-1931)**. São Paulo: 1999. Tese (doutorado). USP-SP.

\_\_\_\_\_; SILVA, Emerson Correia da. Associativismo Discente nas Escolas Normais do Brasil e de Portugal (1911-1930). **Revista Educação e Cidadania**.Campinas/SP, n.5, v.5, 2006.

NOSELLA, Paolo. & BUFFA, Ester. **Schola Mater: a antiga Escola Normal de São Carlos**. São Carlos-SP: EDUFSCar, 1996.

OZELIN, Jaqueline Rampeloti. **Revista da Escola Normal de São Carlos (1916-1923): a formação do professor**. Marília/SP, 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em pedagogia) Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho".

PACHECO, Argemiro. Editorial **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP, Aldina, n. 5, p. 1-2, nov. 1913.

PENTEADO, Octavio. Lançamento da pedra fundamental do novo predio da Escola Normal. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP, Aldina, n. 4, p. 13-15, out. 1913.

PENTEADO. José Ferraz Sampaio. Importancia do habito na educação. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP, Aldina, n. 5, p. 15-16, nov. 1913.

\_\_\_\_\_. A Escola Normal o professor, a instrução em geral. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). [S.l.: s.n.], n. 6, p. 6-7, set. 1914.

PENTEADO, Jacy. Pedagogia. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). [S.l.: s.n.], n. 6, p. 13-15, set. 1914.

PINTO, Sebastião. A Escola Normal: Breve resenha dos principaes factos occorridos durante o anno passado. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP, Aldina, n. 2, p. 17-19, mar. 1912.

\_\_\_\_\_. Os inqueritos pedagogicos em S.Carlos. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP, Aldina, n. 4, p. 10-11, out. 1913.



PIROLLA, M.C.G. **Memórias do Instituto: 1911 – 1976.** São Carlos-SP: Camargo Artes Gráficas, 1988.

PROENÇA, Antonio Firmino. No domínio da technica. Lições inductivas (Primeiro Modelo para o curso secundario e 2º modelo para o curso primario). **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP, Joaquim Augusto, n. 7, p. 8-9, set. 1916.

\_\_\_\_\_. O estudo da natureza nas classes primarias. **REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS.** São Carlos, ano I, n. 1, 1916.

\_\_\_\_\_. Methodo didactico. **REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS.** Campinas, Tip.Ideal,ano I, n. 2, 1917.

RODRIGUES, João Lourenço. **Livro jubilar da Escola Normal da Capital.** São Paulo: Instituto D. Anna Rosa, 1930.

\_\_\_\_\_. **Um retrospecto:** alguns subsidios para historia pragmática do ensino publico em São Paulo. São Paulo: Instituto D. Anna Rosa, 1930.

\_\_\_\_\_. Fazer para aprender. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). [S.l.: s.n.], n. 1, p. 12-13, nov. 1911.

\_\_\_\_\_. O Barão do Rio Branco o mestre do civismo. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP, Aldina, n. 2, p. 7-12, mar. 1912.

ROCHA, Sebastião. A Pedagoga. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP, Joaquim Augusto, n. 7, p. 11-12, set. 1916.

\_\_\_\_\_. Aos meus collegas. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP, Aldina, n. 4, p. 10-10, out. 1913.

SALLES, Dagoberto. Vida de um brasileiro que é uma lição de civismo (Campos Salles). **REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS.** São Carlos, Tip.Artística,ano II, n. 3, 1917.

SANTOS, Architiclino dos. Estimulando. **EXCELSIOR!** (Escola Normal de S. Carlos). [S.l.: s.n.], n. 1, p. 18-19, nov. 1911.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Emerson Correia da. **O professor ideal em *Excelsior!* (1911-1916):** a revista dos alunos da escola normal de São Carlos. São Carlos, SP: Rima Editora, 2007.

SILVA, Maria Amelia. Uma aula de psychologia. ***EXCELSIOR!*** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP, Aldina, n. 4, p. 7-8, out. 1913.

SILVEIRA, Carlos da. Historia da pedagogia. **REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS.** Campinas, Tip.Ideal,ano I, n. 2, 1917.

\_\_\_\_\_. As Escolas Normais do Estado de São Paulo. **REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS.** São Carlos, ano I, n. 1, 1916.

\_\_\_\_\_. História da Instrução e da Educação, no Brasil. **REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS.** São Carlos: Tipografia Joaquim Augusto, ano III, n. 6, 1919.

\_\_\_\_\_. História da Instrução e da Educação, no Brasil. **REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS.** São Carlos: Tipografia Joaquim Augusto, ano III, n. 6, 1919. 54 p.

SIQUEIRA, Joaquim. Impressões de aula. ***EXCELSIOR!*** (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos,SP, Aldina, n. 5, p. 4-4, nov. 1913.

SOUZA. Noemia Sampaio. Visão. ***EXCELSIOR!*** (Escola Normal de S. Carlos). [S.l.: s.n.], n. 6, p. 12-13, set. 1914.

TANURI, Leonor Maria. Historia da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro: n.14, 2000, Anped, Autores Associados.

\_\_\_\_\_. **O Ensino normal do estado de São Paulo 1890-1930.** São Paulo: USP, vol. 16, 1979.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Do projeto político ao projeto editorial (1931-1981).** São Paulo: 2001. Tese (doutorado). PUC-SP.

TOLEDO, João de. Evolução e pedagogia. **REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS.** Campinas, Tip.Ideal,ano I, n. 2, 1917.

\_\_\_\_\_. Linguagem (apontamentos para meus alunos). **REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS.** São Carlos, ano I, n. 1, 1916.

\_\_\_\_\_. A escola brasileira. **REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS.** São Carlos, Tip.Artística,ano II, n. 3, 1917.

VICENTINI, Paula Perin. **Um estudo sobre o CPP (Centro do Professorado Paulista):** profissão docente e organização do magistério (1930-1964). São Paulo: 1997. Dissertação (mestrado). USP-SP.

VILLELA, Helóisa de Oliveira Santos. A primeira Escola Normal do Brasil: concepções sobre a institucionalização da formação docente no século XIX. In: ARAUJO, José C. De S. Et all. **As escolas normais no Brasil:** do Império à República. Campinas: Alínea, 2008

WARDE, Mirian Jorge; GONÇALVES, Gisele Nogueira. In: Maria de Lourdes Albuquerque Fávero; Jader de Medeiros Brito. (Org.). **Dicionário de Educadores no Brasil:** Da colônia aos dias atuais. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep-Comped, 2002.

## Fontes

EXCELSIOR! (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos, n.1, nov. 1911.

\_\_\_\_\_. São Carlos: Aldina, n.2, mar. 1912.

\_\_\_\_\_. São Carlos: Casa Graphica, n.3, fev. 1913.

\_\_\_\_\_. São Carlos: Aldina, n.4, out. 1913.

\_\_\_\_\_. São Carlos: Aldina, n.5, nov. 1913.

\_\_\_\_\_. São Carlos: --, n.6, set. 1914.

\_\_\_\_\_. São Carlos: Joaquim Augusto, n.7, set. 1916.

REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS. São Carlos: Tipografia Aldina, ano I, n. 1, 1916. 33 p.

\_\_\_\_\_. São Carlos: Tipografia Ideal, ano I, n. 2, 1917. 33 p.

\_\_\_\_\_. São Carlos: Tipografia Artística, ano II, n. 3, 1917. 158 p.

\_\_\_\_\_. São Carlos: Tipografia Joaquim Augusto, ano III, n. 4, 1918. 56 p.

\_\_\_\_\_. São Carlos: Tipografia Joaquim Augusto, ano III, n. 5, 1918. 90 p.

\_\_\_\_\_. São Carlos: Tipografia Joaquim Augusto, ano III, n. 6, 1919. 54 p.

\_\_\_\_\_. São Carlos: Tipografia Joaquim Augusto, ano IV, n. 7, 1919. 69 p.

\_\_\_\_\_. São Carlos, ano IV, n. 8, 1920. 112 p.

\_\_\_\_\_. São Carlos: Tipografia Tancredo Camargo, ano V, n. 9, 1920. 55 p.

\_\_\_\_\_. São Carlos: Tipografia Tancredo Camargo, ano VI, n. 10, 1921. 65 p.

\_\_\_\_\_. São Carlos: Tipografia Tancredo Camargo, ano VI, n. 11, 1921. 71 p.

\_\_\_\_\_. São Carlos: Tipografia A Graphica, ano VII, n. 12, 1922. 74 p.

\_\_\_\_\_. São Carlos: Tipografia A Graphica, ano VIII, n. 13, 1923. 79 p.